



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO UNIVERSIDADE  
FEDERAL DA GRANDE DOURADOS  
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
EM HISTÓRIA



**BIANCA FRANCISCA DA SILVA SANTOS**

**A NARRATIVA INSURGENTE DE CAROLINA MARIA DE JESUS: ROMPENDO A  
SUBALTERNIDADE NO LIVRO “QUARTO DE DESPEJO”**

**DOURADOS-MS**

**2024**

**BIANCA FRANCISCA DA SILVA SANTOS**

**A NARRATIVA INSURGENTE DE CAROLINA MARIA DE JESUS: ROMPENDO A  
SUBALTERNIDADE NO LIVRO “QUARTO DE DESPEJO”**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em História.

Área de concentração: História do Brasil, Gênero, Identidade.

Linha de Pesquisa: Fronteiras, Identidades e Representações

Orientador: Prof. Dr. Eudes Fernando Leite

**DOURADOS-MS  
2024**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

S237n Santos, Bianca Francisca Da Silva  
A NARRATIVA INSURGENTE DE CAROLINA MARIA DE JESUS:  
ROMPENDO A  
SUBALTERNIDADE NO LIVRO "QUARTO DE DESPEJO" [recurso eletrônico]  
/ Bianca Francisca Da Silva Santos. -- 2024.  
Arquivo em formato pdf.

Orientador: Eudes Fernando Leite.  
Dissertação (Mestrado em História)-Universidade Federal da Grande Dourados,  
2024. Disponível no Repositório Institucional da UFGD em:  
<https://portal.ufgd.edu.br/setor/biblioteca/repositorio>

1. Literatura. 2. Carolina Maria de Jesus. 3. Mulheres Negras. I. Leite, Eudes  
Fernando. II. Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados  
fornecidos pelo(a) autor(a).

©Direitos reservados. Permitido a reprodução parcial desde que citada a fonte.

**BIANCA FRANCISCA DA SILVA SANTOS**

**A NARRATIVA INSURGENTE DE CAROLINA MARIA DE JESUS: ROMPENDO A  
SUBALTERNIDADE NO LIVRO “QUARTO DE DESPEJO”**

DISSERTAÇÃO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE PROGRAMA DE PÓS-  
GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PPGH/UFGD

Aprovada em 19 de setembro de 2024.

**BANCA EXAMINADORA:**

Presidente e orientador: Eudes Fernando Leite (Dr., UFGD)

---

2º examinador: Fernanda Martins Da Silva (Dr., UNEMAT)

---

3º examinador: Losandro Antônio Tedeschi (Dr., UFGD)

---

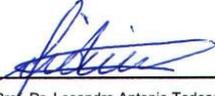


ATA DA DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE Mestrado APRESENTADA POR BIANCA FRANCISCA DA SILVA SANTOS, ALUNA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA, ÁREA DE CONCENTRAÇÃO "HISTÓRIA, REGIÃO E IDENTIDADES".

Aos dezanove dias do mês de setembro do ano de dois mil e vinte e quatro, às oito horas, em sessão pública, realizou-se na Universidade Federal da Grande Dourados, a Defesa de Dissertação de Mestrado intitulada "A NARRATIVA INSURGENTE DE CAROLINA MARIA DE JESUS: ROMPENDO A SUBALTERNIDADE NO LIVRO "QUARTO DE DESPEJO"", apresentada pela mestranda Bianca Francisca da Silva Santos, do Programa de Pós-graduação em História, à Banca Examinadora constituída pelos membros: Prof. Dr. Eudes Fernando Leite/UGD (presidente/orientador), Prof. Dr. Losandro Antonio Tedeschi/UGD (membro titular interno), Prof.ª Dr.ª Fernanda Martins da Silva/UNEMAT (membro titular externo). Iniciados os trabalhos, a presidência deu a conhecer à candidata e aos integrantes da banca as normas a serem observadas na apresentação da Dissertação. Após a candidata ter apresentado a sua Dissertação, os componentes da Banca Examinadora fizeram suas arguições. Terminada a Defesa, a Banca Examinadora, em sessão secreta, passou aos trabalhos de julgamento, tendo sido a candidata considerada Aprovada. Nada mais havendo a tratar, lavrou-se a presente ata, que vai assinada pelos membros da Comissão Examinadora.

Dourados/MS, 19 de setembro de 2024.

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Eudes Fernando Leite  
Presidente/orientador

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Losandro Antonio Tedeschi  
Membro Titular Interno

Documento assinado digitalmente  
**gov.br** FERNANDA MARTINS DA SILVA  
Data: 23/09/2024 21:15:14-0300  
Verifique em <https://validar.itf.gov.br>

\_\_\_\_\_  
Prof.ª Dr.ª Fernanda Martins da Silva  
Membro Titular Externo

(PARA USO EXCLUSIVO DA PROPP)

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus por ter me guiado durante todo o percurso desta dissertação, também agradeço aos meus pais Geruza e Valdevino, cujo amor incondicional e apoio nunca deixaram de estar presentes em minha vida. Seu incentivo constante, suas palavras de encorajamento e seu exemplo de luta diária foram fundamentais para meu crescimento pessoal e profissional. Sou imensamente grato por tudo que fizeram por mim.

Agradeço ao meu noivo, Luan, por ser o meu porto seguro, por me compreender nos momentos de estudo intenso, por sempre estar presente, me dando forças e me lembrando de que eu sou capaz. Sua paciência, compreensão e amor inabalável foram fundamentais para que eu chegasse até aqui.

Não poderia deixar de expressar minha gratidão a minha família, em especial, a minha irmã Bruna, minha avó Tereza (in memória), minha avó Nilza, e meu avô Benedito pelo apoio mútuo, o afeto e a união nos momentos difíceis.

Também agradeço, ao meu orientador Prof. Dr. Eudes Fernando Leite, um grande pesquisador na área de História e Literatura que admiro muito, não só enquanto profissional, mas também como pessoa. Agradeço por me guiar e me estimular ao longo dessa jornada acadêmica. Suas orientações, conhecimento e dedicação foram de extrema importância para o meu crescimento intelectual. Sem a sua orientação, eu não teria alcançado os resultados obtidos nesta dissertação.

E a todos os meus amigos, tanto os de longa data quanto os que conheci durante essa caminhada, meu sincero agradecimento. Vocês estiveram ao meu lado, me apoiando, me divertindo e me ajudando a manter o equilíbrio em momentos de pressão e estresse. Agradeço também a minha amiga e companheira de apê, Jackeline, pelas risadas, os momentos de descontração e o apoio moral foram fundamentais para que eu me mantivesse motivada e confiante.

Gostaria de mencionar e agradecer à minha amiga e Profa Dr. Fernanda Martins que desempenhou um papel fundamental em minha trajetória da graduação até o programa de mestrado. Sua dedicação em compartilhar conhecimento, orientação e suporte foram imprescindíveis para que eu conseguisse entrar nesta instituição e alcançar este objetivo. Através das suas dicas, apoio e conselhos, pude aprimorar minhas habilidades e expandir meus horizontes.

Gostaria de expressar minha gratidão à comunidade do Programa de Pós-Graduação em História - UFGD pela oportunidade concedida de cursar o mestrado. Tenho imensa admiração pelos coordenadores (principalmente ao Eder Novak que se tornou um grande amigo) que estiveram à frente do programa durante toda a minha jornada, pela sua constante disponibilidade em dialogar conosco, solucionar dúvidas e resolver questões com paciência e comprometimento.

Também sou extremamente grato à secretaria do programa, e aos docentes, que tive a honra de ter como professores nas disciplinas e atividades curriculares ao longo da pós-graduação, agradeço por compartilharem seus vastos conhecimentos e experiências conosco.

Além disso, gostaria de expor minha sincera gratidão à CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) pelo apoio financeiro concedido nessa empreitada através da bolsa de pós-graduação. A oportunidade proporcionada por essa instituição não apenas me aliviou o fardo financeiro, mas também me permitiu dedicar-me integralmente e exclusivamente à minha pesquisa.

## RESUMO

Esta dissertação apresenta uma pesquisa acadêmica sobre a obra da escritora brasileira Carolina Maria de Jesus, especialmente seu livro "Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada". A autora relata sua vivência na favela do Canindé, em São Paulo, refletindo sobre temas como pobreza, exclusão social, desigualdade e discriminação racial. A pesquisa analisa a recepção da obra de Carolina Maria de Jesus, sua importância para a literatura afro-brasileira e a representação das mulheres negras na sociedade brasileira. Além disso, explora a cidade de São Paulo dividida entre o "quarto de despejo" e a "sala de visita", evidenciando a negligência do Estado e a situação das mães negras solo. A dissertação ressalta como o livro de Carolina Maria de Jesus desafiou narrativas dominantes e deu voz a uma parcela marginalizada da população, contribuindo para a luta contra a desigualdade e a exclusão social no Brasil. Por fim, procurou ressaltar a importância da escritora como figura literária, e a necessidade de sua vida e obra ser valorizada e estudada. Carolina Maria de Jesus ampliou os limites da literatura brasileira ao trazer para o centro as vozes marginalizadas e as questões sociais e raciais. Sua escrita representa uma poderosa forma de resistência e denúncia, e merece ser lida e debatida nos dias de hoje.

**Palavras-chave:** Literatura; Carolina Maria de Jesus; Mulheres Negras

## ABSTRACT

This dissertation presents an academic research on the work of Brazilian writer Carolina Maria de Jesus, especially her book "Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada" ("Trash Room: Diary of a Slumdweller"). The author recounts her experience in the Canindé favela in São Paulo, reflecting on themes such as poverty, social exclusion, inequality, and racial discrimination. The research analyzes the reception of Carolina Maria de Jesus' work, its importance for Afro-Brazilian literature, and the representation of black women in Brazilian society. Furthermore, it explores the city of São Paulo divided between the "trash room" and the "parlor," highlighting the negligence of the State and the situation of single black mothers. The dissertation emphasizes how Carolina Maria de Jesus' book challenged dominant narratives and gave voice to a marginalized segment of the population, contributing to the fight against inequality and social exclusion in Brazil. Finally, it seeks to highlight the importance of the writer as a literary figure, and the need for her life and work to be valued and studied. Carolina Maria de Jesus expanded the limits of Brazilian literature by bringing marginalized voices and social and racial issues to the forefront. Her writing represents a powerful form of resistance and denunciation, and deserves to be read and discussed in today's society.

**KEYWORDS:** Literature; Carolina Maria de Jesus; Black Women

## VOZES-MULHERES

*A voz de minha bisavó  
ecoou criança  
nos porões do navio.  
ecoou lamentos  
de uma infância perdida.*

*A voz de minha avó  
ecoou obediência  
aos brancos-donos de tudo.*

*A voz de minha mãe  
ecoou baixinho revolta  
no fundo das cozinhas alheias  
debaixo das trouxas  
roupagens sujas dos brancos  
pelo caminho empoeirado  
rumo à favela.*

*A minha voz ainda  
ecoou versos perplexos  
com rimas de sangue  
e fome.*

*A voz de minha filha  
recolhe todas as nossas vozes  
recolhe em si  
as vozes mudas caladas  
engasgadas nas gargantas.  
A voz de minha filha  
recolhe em si  
a fala e o ato.  
O ontem – o hoje – o agora.  
Na voz de minha filha  
se fará ouvir a ressonância  
o eco da vida-liberdade.*

(Conceição Evaristo)

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

**CAPES** - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

**SCIELO** - Scientific Electronic Library Online

## LISTA DE FIGURAS

- Figura 1** Jornal O Cruzeiro: Primeira publicação dos escritos do livro Quarto de despejo. ...40
- Figura 2** A escritora Carolina Maria de Jesus no Aeroporto de Viracopos, em viagem até o Uruguai para acompanhar o lançamento de seu livro "Quarto de Despejo". Campinas, SP, 13/12/1961.....49
- Figura 3** Primeira publicação no jornal sobre a Carolina Maria de Jesus: Carolina Maria, poetiza negra..... 73

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b> Pesquisa realizada no Scielo .....	21
<b>Quadro 2</b> Pesquisa realizada na plataforma da Capes de Teses e Dissertações .....	22
<b>Quadro 3</b> Pesquisa realizada no Google Acadêmico .....	24
<b>Quadro 4</b> Distribuição Ocupacional dos Trabalhos Urbanos Brasileiros por Raça e Gênero, 1960 e 1980. ....	60
<b>Quadro 5</b> Mulheres negras têm maior participação em serviços domésticos .....	61

## Sumário

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS .....	22
LISTA DE FIGURAS .....	23
LISTA DE QUADROS .....	24
INTRODUÇÃO.....	14
1. CAPÍTULO I- POÉTICA DE RESÍDUOS: O PERCURSO DE UMA CATADORA DE PALAVRAS NA PROCURA DE SENTIDOS .....	19
1.1 Uma análise do impacto e visibilidade da produção científica sobre Carolina Maria de Jesus nos bancos de dados da Capes, Scielo e Google Acadêmico .....	20
1.2 História/Literatura e escritura Híbrida no Diário.....	27
1.3 A produção literária como forma de resistência: o percurso literário de Carolina Maria de Jesus.....	39
1.4 Da Favela ao Mundo: As histórias de Carolina Maria de Jesus além do Brasil .....	47
2. CAPÍTULO II: CAROLINA MARIA DE JESUS: A CONSTRUÇÃO INTELECTUAL DE UMA ESCRITORA NEGRA .....	54
2.1 Quebrando barreiras: a representação das mulheres negras na sociedade brasileira ..	54
2.2 Desafios enfrentados pela mulher negra no mercado de trabalho .....	57
2.3 Enegrecendo as Lutas: A Mulher Negra nos Movimentos Sociais Brasileiros .....	62
2.4 A construção intelectual da escritora Carolina Maria de Jesus.....	67
3. CAPÍTULO III: ENTRANDO NO QUARTO DE DESPEJO: UMA ANÁLISE DO LIVRO DE CAROLINA MARIA DE JESUS .....	79
3.1 A cidade de São Paulo: o divisor de classes entre o Quarto de Despejo e a Sala de Visita.....	80
3.2 No interior do Quarto de Despejo: Reflexões sobre a negligência institucional e a desumanização na favela do Canindé .....	87
3.3 Infância negada: o sofrimento infantil no relato de “Quarto de Despejo”.....	95
3.4 Realidade das mães negras solo: uma análise a partir da vivência de Carolina Maria de Jesus na favela.....	100
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	110
FONTE E BIBLIOGRAFIA .....	114

Fonte .....	114
Bibliografia .....	114
ANEXO .....	119

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa surge como resultado das minhas indagações acadêmicas, quando me deparei com o livro “Quarto de Despejo” de Carolina Maria de Jesus, durante o estágio na Universidade do Estado do Mato Grosso, fiquei intrigada. Como era possível que eu nunca tivesse ouvido falar de Carolina Maria de Jesus? Ao ler o livro “Quarto de Despejo”, minha curiosidade só aumentou. A leitura deste livro foi extremamente impactante, Carolina narra a história da sua vida e dos seus vizinhos na favela do Canindé, em São Paulo.

Ter acesso aos livros de Carolina Maria de Jesus pode ser uma experiência transformadora, principalmente para aqueles que são os primeiros em sua família a ingressar em um ambiente universitário, como no meu caso. Ao se deparar com suas palavras e histórias, foi possível enxergar aspecto de minha própria realidade no seu cotidiano retratado de forma crua e realista. O livro de Carolina Maria de Jesus oferece uma perspectiva genuína sobre as dificuldades enfrentadas por quem vive à margem da sociedade.

Carolina nasceu em uma família pobre, em Sacramento, Minas Gerais, por volta de 1914. Ela teve uma infância difícil, marcada pela pobreza, a falta de acesso à educação e a discriminação racial. Apesar dessas adversidades, sempre demonstrou interesse pela leitura e pela escrita, mesmo que seus estudos tenham sido interrompidos precocemente. Porém, foi em sua vida adulta, quando se mudou para a favela do Canindé, em São Paulo, que Carolina começou a escrever de forma mais sistemática. Carolina vivia em condições precárias, trabalhando como catadora de papel e reciclando materiais para sobreviver. Foi nesse contexto que começou a registrar suas reflexões em cadernos e diários, que depois se tornaram seu livro mais famoso, "Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada".

O livro "Quarto de Despejo" foi publicado em 1960 e rapidamente se tornou um sucesso de vendas. O livro apresenta uma perspectiva sobre a realidade da pobreza e da exclusão social no Brasil. Carolina Maria de Jesus narra as dificuldades enfrentadas por ela e seus filhos em seu cotidiano na favela, mostrando os conflitos, a competição e a solidariedade presentes na vida dos moradores. Além disso, também traz à tona questões sociais e políticas da época, como o crescimento das favelas e as promessas de melhorias não cumpridas pelos governantes. Ela mostra a falta de amparo do Estado e a invisibilidade de uma parcela da população que vive à margem da sociedade.

Carolina Maria de Jesus foi uma das pioneiras da chamada "literatura marginal" no

Brasil. Esse termo é utilizado para descrever obras literárias produzidas por autores que vivem à margem da sociedade, muitas vezes em condições de pobreza e exclusão. A literatura marginal, assim como o diário de Carolina, tem como característica retratar a realidade das classes socialmente desfavorecidas, expondo as dificuldades e injustiças enfrentadas por essas pessoas. Ela pode enfatizar temas como violência, racismo, marginalização, desigualdade social, entre outros.

É importante destacar que, na época em que Carolina Maria de Jesus escreveu, a literatura brasileira era predominantemente marcada por uma visão elitista e eurocêntrica. Suas obras subverteram essa perspectiva ao trazerem para o centro da cena literária personagens e narrativas marginalizadas. Carolina de Jesus colocou em evidência vozes e histórias que eram ignoradas ou invisibilizadas pela sociedade e pela literatura. Ao compartilhar sua própria vivência, seu livro trouxe à tona as experiências de uma parcela da população que vivia à margem da sociedade.

O trabalho foi dividido em 3 partes, a primeira parte da pesquisa consiste em revisar a produção acadêmica existente sobre a autora e seu trabalho. Isso envolveu a leitura e análise de estudos anteriores das plataformas Google acadêmico, Scielo e o banco de dados de dissertações e teses - Capes, a fim de identificar os principais questionamentos e pontos de vista sobre Carolina Maria de Jesus. Um dos aspectos considerados nessa análise foi a trajetória da autora e sua recepção no meio literário. Foi investigado o contexto histórico em que ela escreveu e publicou seu livro, bem como as reações e opiniões da crítica e do público na época.

Outro ponto de interesse é a relação entre história e literatura sobre a produção acadêmica da vida e obra de Carolina Maria de Jesus. Ocorreram identificações de lacunas na pesquisa histórica relacionada à autora. Além disso, sucederam divergências de opinião sobre o estilo e o gênero literário de Carolina Maria de Jesus. Alguns estudiosos a classificam como uma escritora com vários estilos, enquanto outros a enquadram em categorias como autobiografia ou literatura híbrida. Essas discrepâncias foram destacadas e analisadas em busca de uma compreensão mais ampla da obra.

Através de uma análise minuciosa da obra, busca-se desvendar as nuances e os aspectos literários, históricos e socioculturais presentes no livro. Pretende-se também trazer à tona discussões sobre a representação da vida na favela, a voz feminina na literatura e os pontos de vista da pobreza e desigualdade social, temas centrais na obra de Carolina Maria de

Jesus.

O segundo capítulo do livro visa a compreensão da construção intelectual de Carolina Maria de Jesus, discutindo a representação das mulheres negras na sociedade brasileira, além de destacar como a cultura europeia historicamente utilizou a linguagem como uma forma de poder e controle, e como isso afetou negativamente as vozes marginalizadas, como as mulheres negras. Também, evidencia a influência desses aspectos na produção literária de mulheres negras, utilizando os livros de Carolina como exemplo de resistência e enfrentamento dessas condições

Essa exclusão das mulheres negras na academia e na literatura é resultado de um sistema estrutural de racismo e opressão que permeia a sociedade. O medo do branco ao ouvir e assumir a fala das mulheres negras, especialmente quando se trata de experiências de escravidão e racismo, é um reflexo da culpabilização e da negação da responsabilidade histórica pela escravidão. Ao assumir papéis de relevância e contar suas próprias histórias, as mulheres negras podem desafiar as narrativas dominantes e expor a violência e a injustiça que foram e ainda são infligidas a elas. Isso pode causar desconforto e resistência por parte daqueles que se beneficiam dessas estruturas de poder.

O capítulo tratou sobre o impacto dos livros de Carolina Maria de Jesus na literatura brasileira e no reconhecimento das escritoras negras. Sua escrita criou um precedente para outras mulheres negras compartilharem suas histórias, suas perspectivas e suas vozes na literatura. A partir de então, surgiram movimentos literários que buscavam dar visibilidade e reconhecimento às escritoras negras.

Mesmo que por muitos anos a obra de Carolina Maria de Jesus tenha sido negligenciada pela crítica literária, seu legado se fortaleceu ao longo dos anos. Atualmente, sua escrita é reconhecida como fundamental para a literatura brasileira, especialmente para a literatura afro-brasileira e para o reconhecimento das escritoras negras. Carolina Maria de Jesus quebrou barreiras e abriu caminhos para que outras escritoras negras pudessem ser ouvidas e valorizadas.

O terceiro e último capítulo apresenta a cidade de São Paulo como um divisor de classes entre o "Quarto de Despejo" e a "Sala de Visita", além de destacar a negligência do Estado diante da situação da favela e tratar a situação da mãe negra solo.

Uma das principais características da cidade de São Paulo, retratada no livro, é a desigualdade social. Carolina Maria de Jesus descreve sua realidade vivendo no "Quarto de

Despejo", que representa a precariedade das favelas e a marginalização social que ocorre nesses espaços. Enquanto isso, a Sala de Visita representa o espaço dos privilegiados, onde tudo é mais bonito, mais planejado, mais moderno. É o espaço que reflete o ideal de modernidade e desenvolvimento da cidade. É onde a elite se encontra e se socializa, enquanto a pobreza e a miséria são mantidas à margem.

A cidade de São Paulo, nesse contexto, é retratada como uma cidade dividida, onde as classes sociais ocupam espaços completamente distintos e desconectados. A modernidade é vista como um caminho a ser seguido, mas ao mesmo tempo é uma modernidade superficial, que não leva em consideração as desigualdades e injustiças. E que se baseia na exclusão e na marginalização de uma parte da população.

A falta de planejamento urbano adequado é uma das principais críticas feitas no livro “Quarto de Despejo”. Carolina Maria de Jesus mostra como a cidade cresce de forma desordenada, sem infraestrutura básica, sem acesso a serviços públicos essenciais, como saúde, educação e saneamento básico. Essa falta de planejamento impacta diretamente a qualidade de vida das pessoas mais vulneráveis, que são obrigadas a viver em condições de extrema precariedade.

O livro “Quarto de Despejo” nos leva a refletir sobre a forma como a cidade é construída e como as desigualdades são perpetuadas. Mostra como a modernidade e o desenvolvimento muitas vezes passam por cima das pessoas mais vulneráveis, como se suas vidas não tivessem valor.

O terceiro capítulo explora a invisibilidade histórica dos negros nas cidades e como isso está diretamente ligado às diversas formas de exclusão e segregação vivenciadas por essa população ao longo do tempo. Outro tema destacado no capítulo é a situação da mãe negra solo, papel que a própria Carolina Maria de Jesus desempenhava. Ela relata as dificuldades enfrentadas na criação dos filhos sem a presença do pai e a busca por sustento em condições precárias. A autora enfatiza a discriminação enfrentada por ser mulher e negra, como as desvantagens e obstáculos adicionais que essas mulheres enfrentam na sociedade.

Em vista disso, Carolina Maria de Jesus quebrou barreiras e estereótipos por ser uma mulher negra e de origem humilde a publicar um livro no Brasil de grande relevância. Sua escrita autêntica capturou a atenção do público e da crítica literária, abrindo portas para uma nova geração de escritores negros e marginalizados. A divulgação das condições de vida desumanas nas favelas no livro “Quarto de Despejo” deu início a debates e mobilizações para

melhorar a qualidade de vida dessas comunidades. Carolina contribuiu para a luta contra a desigualdade e a exclusão social, sendo uma voz poderosa na defesa dos direitos humanos. Através de suas palavras, ela trouxe uma perspectiva única sobre a vida nas favelas e mostrou a importância de ouvir e valorizar as vozes daqueles que foram historicamente silenciados.

## 1. CAPÍTULO I- POÉTICA DE RESÍDUOS: O PERCURSO DE UMA CATADORA DE PALAVRAS NA PROCURA DE SENTIDOS<sup>1</sup>

“Quem escreve pode passar fome de comida, mas tem o pão da sabedoria e pode gritar com suas palavras sábias.”  
(Carolina de Jesus)

O primeiro capítulo deste estudo visa apresentar os resultados da pesquisa minuciosa sobre a produção acadêmica referente à escritora Carolina Maria de Jesus, utilizando diversas fontes<sup>2</sup>. A análise dos resultados permite compreender a trajetória e a recepção da autora, identificando possíveis lacunas em relação à conexão entre história e literatura, bem como as divergências sobre o estilo e gênero literário da escritora. O objetivo principal desta pesquisa é explorar em maior detalhe o primeiro livro escrito pela autora, intitulado "Quarto de despejo: diário de uma favelada" (1960).

Nos anos 60, a escritora Carolina Maria de Jesus alcançou grande notoriedade após a publicação do seu livro “Quarto de Despejo: diário de uma favelada (1960)”. No início da sua fama, traz consigo também sua jornada, uma mulher de ascendência africana que partiu de uma cidade do interior de Minas Gerais rumo a São Paulo em busca de uma oportunidade. Devido à vida movimentada e dinâmica de uma grande cidade, Carolina Maria de Jesus encontrou na escrita uma maneira de ordenar suas ideias e pensamentos, apesar de ter apenas cursado até o segundo ano escolar. Após se tornar mãe solo e enfrentar dificuldades financeiras, decidiu se mudar para a favela do Canindé.

Em meio à favela do Canindé, a protagonista registrou suas palavras nos papéis e cadernos que recolhia das ruas, uma atividade frequente que lhe garantia o sustento através da venda de materiais recicláveis. Contudo, com uma atenção especial, Carolina Maria de Jesus separava meticulosamente os cadernos com folhas limpas, mantendo-os intocados para preenchê-los com seus romances, poesias e diários. Durante muito tempo, ela nutria o sonho de publicar suas escritas, ansiando por compartilhar sua voz e suas histórias com o mundo.

Audálio Dantas, o jornalista da revista O Cruzeiro em 1958 realizou uma reportagem na favela do Canindé, durante a matéria deparou-se com uma cena curiosa: uma mulher que

---

<sup>1</sup> O termo “Poética de Resíduos” foi inspiração da dissertação e posteriormente o livro “A Poética de Resíduos de Carolina Maria de Jesus” escrito por Raffaella Fernandez. Corroboro com a ideia da autora Fernandez, ao tratar Carolina Maria de Jesus como uma Poética de Resíduos.

<sup>2</sup> Fontes: Capes, Scielo e Google Acadêmico.

entre suas atividades diárias, estava dedicada à escrita e intrigado com aquela situação Dantas decidiu examinar os manuscritos que a mulher produzia. Ao analisar os diários de Carolina Maria de Jesus viu uma grande oportunidade de publicação, no diário Carolina expõe a sua trajetória, a vida na favela e várias denúncias sobre a desigualdade social. Como Audálio Dantas é conhecido por lutar pelos direitos humanos reconheceu que a publicação deste diário teria um grande impacto na sociedade naquele momento.

Após várias tentativas de publicação realizada pelo jornalista Audálio Dantas o livro de Carolina Maria de Jesus foi publicado em 1960 pela editora Francisco Alves. O livro se tornou um sucesso surpreendente para os padrões da época, principalmente por ser uma obra escrita por uma mulher, negra, pobre e mãe solo, além disso o livro “Quarto de Despejo” não seguia as convenções estéticas literárias estabelecidas. A estética das obras de Carolina Maria de Jesus passou a ser objeto de intenso debate entre os críticos literários, e ao longo do capítulo será explorado o tema em maior profundidade.

Ao conduzir uma pesquisa sobre a escritora Carolina Maria de Jesus, utilizando três plataformas acadêmicas para coletar informações relevantes. O objetivo é identificar os principais temas relacionados sobre a vida e obra da escritora, assim como compreender a forma como ela é interpretada dentro do meio acadêmico. Além disso, ficar atentos para possíveis lacunas de informações, a fim de entender o que ainda precisa ser explorado em termos de pesquisas sobre essa autora. Com base nos resultados obtidos, esta pesquisa visa fornecer um panorama mais completo sobre Carolina Maria de Jesus e sua produção literária.

### **1.1 Uma análise do impacto e visibilidade da produção científica sobre Carolina Maria de Jesus nos bancos de dados da Capes, Scielo e Google Acadêmico**

A produção científica sobre Carolina Maria de Jesus é um tema importante para entender o impacto e a visibilidade da autora nas áreas acadêmicas. A Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) é uma instituição brasileira que avalia e fomenta a produção científica no país. Analisar os bancos de dados da Capes é uma forma de verificar quantos trabalhos acadêmicos foram produzidos sobre Carolina Maria de Jesus nas universidades brasileiras.

O Scielo (Scientific Electronic Library Online) é uma biblioteca virtual de periódicos científicos que abrange uma grande variedade de disciplinas. Incluir o Scielo na análise é relevante para entender o alcance da produção científica sobre Carolina Maria de Jesus em

âmbito internacional. O Google Acadêmico é um mecanismo de busca que permite encontrar artigos, teses e outros tipos de documentos acadêmicos. Analisar a visibilidade da produção científica sobre Carolina Maria de Jesus no Google Acadêmico é importante para verificar se esses trabalhos são amplamente acessíveis e se são citados em outros estudos.

Ao pesquisar na plataforma Scielo, os resultados foram pequenos (total de 53), no entanto para aprofundar a pesquisa busquei usar o descritor: “Quarto de despejo” e “Casa de alvenaria” que são os livros de Carolina, porém mesmo usando esses descritores não obtive resultado de produções sobre a escritora. O resultado da pesquisa na plataforma Scielo foi de 21 artigos encontrados sobre Carolina Maria de Jesus, nas áreas de Geografia, Sociologia, Psicologia e Estudos Literários. O maior percentual foi os Estudos Literários com resultado de 16 artigos. Na tabela abaixo é possível analisar o percentual de todas as áreas.

Quadro 1 Pesquisa realizada no Scielo

<b>RESULTADO DA PESQUISA REALIZADA NO SCIELO</b>			
<b>TRABALHOS</b>	<b>ÁREA</b>	<b>QUANTIDADE</b>	<b>TOTAL</b>
<b>ARTIGO</b>	Estudos Literários	16	<b>21</b>
	Geografia	2	
	Sociologia	1	
	Psicologia	2	

Quadro elaborado pela pesquisadora (2023)

Como realizado com o Google Acadêmico, selecionei 5 artigos para aprofundar as leituras e de cada trabalho analisei os pontos que elenquei mais interessantes. Na seleção desses artigos usei como critério temas que não li na pesquisa do Google Acadêmico. Os trabalhos escolhidos são: “Deslocamentos: Carolina Maria de Jesus em viagem pela América Latina” de Marcelle Ferreira Leal; “Pão, fama e outras fomes: uma leitura de Carolina Maria de Jesus e Clarice Lispector” de Marise Hansen; “Dar forma ao impublicável: Carolina Maria de Jesus e sua arte” de Atilio Bergamini; “Des(p)ejo das palavras: relendo os primeiros diários de Carolina Maria de Jesus” de Rafael Guimarães Tavares da Silva; “Para não ser trapo no mundo: as mulheres negras e a cidade na narrativa brasileira contemporânea” de Regina Dalcastagnè.

Após realizar uma análise detalhada no banco de dados da Capes: Teses e Dissertações, utilizando o descritor "Carolina Maria de Jesus", foi constatado um resultado total de 14.442,41 trabalhos. No entanto, ao aplicar o filtro de pesquisa para a área de ciências

humanas, o resultado total diminuiu para 12.487,4. Observando os trabalhos encontrados sobre a escritora Carolina Maria de Jesus até a página 25, foi possível identificar 500 teses e dissertações. Dentre essas 500 produções, apenas 12 tratavam especificamente sobre a vida e obra de Carolina Maria de Jesus.

Essas 12 produções se dividem da seguinte forma: 7 são dissertações de História, 2 são dissertações de Educação, 1 é uma tese de Educação, 1 é uma dissertação de Geografia e 1 é uma tese de Ciências Sociais. Portanto, é evidente que a quantidade de trabalhos encontrados sobre a escritora Carolina Maria de Jesus foi relativamente baixa, em relação ao total de teses e dissertações na área de ciências humanas no banco de dados da Capes.

Diante dos resultados iniciais, decidi realizar uma pesquisa sem filtrar por Ciências Humanas, a fim de obter uma análise mais ampla sobre as produções acadêmicas relacionadas à escritora. A consulta abrangeu as primeiras 10 páginas, totalizando 200 teses e dissertações. Dentre esses trabalhos, apenas 66 evidenciavam a vida e a obra de Carolina Maria de Jesus. Contudo, foi identificado que 17 dessas produções não estavam disponíveis como anexos, provavelmente por terem sido realizadas antes da plataforma Sucupira ser adotada. Vale ressaltar que a maioria dos trabalhos não disponíveis pertencem à área de Estudos Literários.

A pesquisa desenvolvida na plataforma de Teses e Dissertações da Capes sem o filtro, resultou em 38 dissertações, nas áreas dos conhecimentos de Estudos Literários, História, Administração, Educação, Memória e Acervo, Estudos da Tradução e Geografia. Também foram 11 teses nas áreas dos conhecimentos de Estudos Literários, Educação, Serviço Social, Ciências Sociais e Estudos da Tradução. O resultado total de produção da pesquisa são 49 trabalhos. Abaixo é possível analisar como ficaram divididas as áreas de produção do conhecimento dos trabalhos.

Quadro 2 Pesquisa realizada na plataforma da Capes de Teses e Dissertações

<b>RESULTADO DA PESQUISA REALIZADA NA PLATAFORMA DA CAPES DE TESES E DISSERTAÇÕES</b>			
<b>TRABALHOS</b>	<b>ÁREA</b>	<b>QUANTIDADE</b>	<b>TOTAL</b>
<b>DISSERTAÇÕES</b>	História	5	<b>38</b>
	Estudos Literários	26	
	Administração	2	
	Educação	2	
	Memória e Acervo	1	
	Estudos da Tradução	1	
	Geografia	1	
<b>TESES</b>	Estudos Literários	7	<b>11</b>
	Educação	1	
	Serviço Social	1	
	Ciências Sociais	1	
	Estudos da Tradução	1	
<b>TOTAL</b>			<b>49</b>

Quadro elaborado pela pesquisadora (2023)

Ao analisar os trabalhos percebe-se que a maioria dos estudos sobre Carolina Maria de Jesus está voltado em relação a obra da escritora, mas poucos se discute sobre a vida da autora em si. Alguns dos temas mais recorrentes de dissertação e teses são o ensino de jovens e adultos, a fome, o feminismo negro, violência contra a mulher, espaços urbanos, entre outros.

O acervo da escritora Carolina Maria de Jesus se encontra espalhado por vários lugares pelo Brasil, como “Arquivo Carolina Maria de Jesus”, na posse do Acervo de Escritores Mineiros, com os rolos de microfimes, doados por José Carlos Bom Meihy; O “Fundo Carolina Maria de Jesus”, do Instituto Moreira Sales, com os cadernos doados por Clélia Pisa; a “Coleção Carolina Maria de Jesus”, do Museu Afro Brasil, com o caderno doado por Audálio Dantas; a “Coleção Carolina de Jesus”, da Fundação Biblioteca Nacional, com os documentos doados pelo jornalista Audálio Dantas, em 2011, contendo 14 cadernos manuscritos e 22 fotografias; a “Coleção Vera Eunice de Jesus Lima”, também da Fundação Biblioteca Nacional, com os rolos dos microfimes correspondentes ao acervo de sua mãe; o “Fundo Carolina Maria de Jesus”, do Arquivo Público Municipal Cônego Hermógenes Cassimiro de Araújo Brunswik, contendo o material doado por Vera Eunice, recortes de jornais, poemas, contos e correspondências.

O acervo da escritora Carolina Maria de Jesus tem muitos manuscritos que ainda

precisam ser explorados. Além disso, existem vários trabalhos perdidos, pois quando Carolina Maria de Jesus ainda morava na favela distribuía seus escritos na tentativa de ser publicado. Na palestra que a filha da escritora Carolina, Vera Eunice realizou no evento “III Jornada Feminismos Decoloniais” em 2022 relata sobre esse acervo que está desaparecido e mostra interesse em encontrá-lo.

Após examinar o banco de dados do Google Acadêmico com as palavras-chave: Carolina Maria de Jesus; mulher; negra, foram encontrados um total de 51.200 estudos relacionados. Dentre esses trabalhos, foram selecionados 60 trabalhos<sup>3</sup> para análise mais aprofundada, incluindo Artigos, Teses, Dissertações e Trabalho de Conclusão de Curso.

Ao analisar essas 60 produções acadêmicas, foi possível constatar que a área de Estudos Literários e Letras concentra o maior número de pesquisas realizadas sobre Carolina Maria de Jesus, com um total de 38 produções. Os demais trabalhos estão distribuídos entre as áreas de História, Psicologia, Filosofia, Sociologia, Educação, Administração, Antropologia e Direito.

Esses resultados indicam que o legado e a importância da escritora Carolina Maria de Jesus são amplamente reconhecidos e explorados no campo dos Estudos Literários e Letras. No entanto, é interessante observar a diversidade de disciplinas acadêmicas que também se interessam e realizam estudos sobre a vida e obra de Carolina Maria de Jesus, demonstrando sua relevância como figura histórica e sua importância para várias áreas de conhecimento.

No quadro abaixo, podemos observar que a quantidade de pesquisa na área de História é bastante reduzida, representando apenas uma pequena parcela do total de 8 pesquisas realizadas. Por outro lado, existe uma maior quantidade de estudos voltados para as obras e a vida de Carolina Maria de Jesus, que pertence à área da literatura. Essa diferença levanta questionamentos sobre o motivo pelo qual há pouca procura pelo campo de História em trabalhar com as obras de Carolina. Poderia haver uma influência da relação entre a História e a Literatura na interferência por essa falta de interesse?

#### Quadro 3 Pesquisa realizada no Google Acadêmico

---

<sup>3</sup> A escolha desse número foi motivada pelo interesse em explorar as diferentes abordagens e perspectivas presentes nas diversas produções relacionadas à vida e obra da escritora Carolina Maria de Jesus.

<b>PESQUISA REALIZADA NO GOOGLE ACADÊMICO</b>			
<b>TRABALHOS</b>	<b>ÁREA</b>	<b>QUANTIDADE</b>	<b>TOTAL</b>
<b>ARTIGO</b>	Letras	7	<b>42</b>
	História	6	
	Estudos Literários	17	
	Psicologia	2	
	Filosofia	3	
	Sociologia	1	
	Educação	2	
	Administração	1	
	Antropologia	1	
	Direito	2	
<b>DISSERTAÇÃO</b>	Letras	9	<b>12</b>
	História	2	
	Direito	1	
<b>TESE</b>	Letras	2	<b>2</b>
<b>TCC</b>	Letras	4	<b>4</b>

Quadro elaborado pela pesquisadora (2022)

A partir dos anos 2000, observou-se um aumento significativo nos estudos e pesquisas sobre Carolina Maria de Jesus. O livro mais afamado da escritora foi "Quarto de despejo: diário de uma favelada", publicada em 1960. Embora Carolina Maria de Jesus tenha falecido em 1977, foi somente após quatro décadas que as investigações sobre sua vida e obra foram retomadas de forma mais abrangente. No entanto, isso não significa que não tenha havido trabalhos acadêmicos ou publicações anteriores sobre a escritora, mas sim que houve uma intensificação dessas pesquisas a partir desse período.

O livro "Cinderela negra: a saga de Carolina Maria de Jesus" escrito pelos historiadores José Carlos Sebe Bom Meihy e Robert M. Levine, é considerado um marco na narrativa da vida da escritora Carolina Maria de Jesus. Publicado em 1994, o livro apresenta escritos inéditos de Carolina, juntamente com a utilização de história oral através de depoimento de seus filhos, do jornalista Audálio Dantas e de pessoas próximas a ela. A obra é uma referência importante nos estudos sobre a vida e obra de Carolina Maria de Jesus.

Os trabalhos sobre os escritos realizado por Carolina Maria de Jesus abrangem diversas áreas do conhecimento. Ao investigar o trabalho desenvolvido em torno dessa escritora, é possível observar uma variedade de temas explorados, principalmente no

que diz respeito aos estudos sobre a estética de sua obra. Essas análises visam compreender como sua escrita foi construída e qual é o estilo adotado pela escritora.

Carolina Maria de Jesus traz uma escrita interseccional, uma vez que ela apresenta temas que se cruzam e se entrelaçam, como raça, gênero e classe social. Ela narra a sua experiência como mulher negra, falando sobre as opressões e desigualdades que enfrentava. Conceição Evaristo (2020) tenta compreender o que poderia motivar mulheres, como Carolina Maria de Jesus, que cresceram em ambientes onde a leitura não era valorizada ou até mesmo não aprenderam a ler de forma adequada a iniciar o processo de escrita e romper com a passividade de apenas consumir informações através da leitura? De acordo com Evaristo:

Talvez, estas mulheres (como eu) tenham percebido que se o ato de ler oferece a apreensão do mundo, o de escrever ultrapassa os limites de uma percepção da vida. Escrever pressupõe um dinamismo próprio do sujeito da escrita, proporcionando-lhe a sua autoinscrição no interior do mundo. E, em se tratando de um ato empreendido por mulheres negras, que historicamente transitam por espaços culturais diferenciados dos lugares ocupados pela cultura das elites, escrever adquire um sentido de insubordinação. Insubordinação que pode se evidenciar, muitas vezes, desde uma escrita que fere “as normas cultas” da língua, caso exemplar o de Carolina Maria de Jesus, como também pela escolha da matéria narrada. A nossa escrevivência não pode ser lida como histórias para “ninar os da casa-grande”, e sim para incomodá-los em seus sonos injustos. (EVARISTO, 2020, pg. 53)

Além disso, os estudos realizados sobre Carolina Maria de Jesus também se concentram na recepção da obra de Carolina de Jesus, examinando como seus escritos foram recebidos pelos leitores quando foram publicados. Nesse sentido, é importante considerar a desigualdade racial, classe e gênero, já que Carolina era uma mulher negra e moradora de uma favela, que conseguiu publicar seu primeiro livro na editora Francisco Alves nos anos 60, mesmo em um contexto onde o acesso ao campo literário era restrito até mesmo para mulheres brancas de elite.

Entre os 60 trabalhos analisados no Google Acadêmico, selecionei 5 para uma leitura mais aprofundada. Para essa seleção, busquei escolher trabalhos que abordem diferentes temas e que possam contribuir para a minha pesquisa, como: “Produção e Recepção de Quarto de Despejo, de Carolina Maria de Jesus: Relações Publicitárias, Contextuais e Editoriais” de Elzira Divina Perpétua; “História e Literatura: considerações de ordem teórico-metodológicas acerca das obras de Carolina Maria de Jesus” de Sara Munique Noal; “Carolina Maria de

Jesus e os Discursos da Negritude: Literatura Afro-Brasileira, Jornais Negros e Vozes Marginalizadas” de José Carlos Gomes da Silva; “Percursos de uma Poética de Resíduos na Obra de Carolina Maria de Jesus” de Raffaella Andréa FERNANDEZ; “A interseccionalidade a partir de 'Quarto de Despejo', De Carolina Maria de Jesus” de Julia de Freitas Vieira e Izilda Cristina Johanson.

## **1.2 História/Literatura e escritura Híbrida no Diário**

Os estudos sobre a escritora Carolina Maria de Jesus ganharam impulso a partir de 1990, com uma intensificação significativa a partir dos anos 2000. Essa retomada ocorreu devido às transformações que ocorriam no campo literário, com um reconhecimento crescente dos escritos de testemunho. “especialmente no que se refere aos estudos de gênero e de outros grupos subalternos” (SOUZA, 2016, p. 15)

Ao longo do tempo, a historiografia passou por transformações significativas, adotando novas perspectivas de pensamento e escrita da história. Essas mudanças também tiveram impacto nas pesquisas a respeito de Carolina Maria de Jesus no campo historiográfico. Dessa forma, é relevante abordar de forma breve a História Cultural e a relação entre História e Literatura como forma de compreender a escassez de trabalhos desenvolvidos por historiadores e historiadoras sobre a autora.

A relação de História e Literatura foi abordada na primeira instância na História Cultural. De acordo com Roger Chartier a História Cultural é “identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler” (CHARTIER, 1990, p. 17). A História Cultural na perspectiva da historiadora Sandra Jatahy Pesavento (2004) é uma nova abordagem da história como um forma de reanalisar a escrita da história, então vem se somar ao conhecimento acumulado, sem voltar às costas a uma matriz teórica.

Além disso, Pesavento (2004) discorre que História e Literatura se aproximam, dialogam, entretanto não se misturam, constituem apenas um caminho a ser percorrido no sentido de compreender e acessar formas de conhecimento e de expressar o mundo, lembrando ainda, que a Literatura é um registro do seu tempo, dessa a história pergunta e a literatura responde.

Nesta visão, a literatura é considerada como um campo que possibilita a recuperação

de memórias e imaginários, elementos essenciais para a nossa compreensão histórica. Essas memórias e imaginários são retratados através do prisma do tempo de cada geração e são influenciados por suas realidades específicas. Dessa forma, cada geração apresenta novos problemas e os resolve a partir de seus próprios referenciais e conceitos, que evoluem com o passar do tempo e serão assimilados por uma nova geração, em um contexto diferente.

Os estudos sobre Carolina Maria de Jesus intensificaram na Nova História Cultural que iniciou na década de 1980, quando a antropologia<sup>4</sup> proporcionou contribuições fundamentais para a nova história cultural, como analisar a ideia de que grupos sociais constroem suas identidades através das práticas culturais, que incluem a produção de música, rituais, festas, costumes, dentre outras manifestações. Com isso a cultura é vista como um campo dinâmico e em constante transformação, que é influenciado pelas condições políticas, econômicas, sociais e culturais de cada época.

Peter Burke (2008) destaca no seu livro a importância da linguagem na construção da cultura, apresentado como o uso de algumas palavras e conceitos pode ter efeitos significativos na formação de ideias e valores. Ele também defende a ideia de que a cultura é dinâmica e está em constante transformação, sendo influenciada por fatores como as mudanças tecnológicas, os movimentos sociais e os conflitos políticos.

A partir dessa breve análise podemos observar que ocorreram mudanças significativas nesse período de ascensão ao estudo sobre Carolina Maria de Jesus. “Os historiadores reagiram de maneira consistente ou inconsistente às mudanças no mundo como um todo, inclusive a perda de fé no progresso e às ascensões do anticolonialismo e do feminismo.” (BURKE, 2008, p. 60). Nesse período o interesse por Carolina Maria de Jesus sucede neste momento de ampliação do campo literário e historiográfico como apresenta a historiadora Alessandra Araújo de Souza.

Os estudos sobre os escritos de Carolina Maria de Jesus inserem-se, portanto, num momento de redefinição e ampliação do campo literário e historiográfico. Dessa forma, reavaliam a trajetória da autora a partir das críticas às visões tradicionais que atribuíram um lugar menor para esses tipos de expressão cultural. As novas abordagens permitiram redimensionar o valor literário de seus escritos, bem como a visão sobre a trajetória particular

---

<sup>4</sup> “no âmbito da História Cultural relacionam-se a diálogos interdisciplinares mais específicos, envolvendo as relações da História com outros campos de saber, como a Antropologia, a linguística, a psicologia ou a ciência política.” (BARROS, 2011, p.39)

deste sujeito, para além da visão estereotipada da “escritora favelada”. Elas lançam um novo olhar sobre as aparentes contradições e peculiaridades da história de Carolina, inclusive sobre as dificuldades de sua inserção como escritora nos circuitos cultural de seu tempo. (SOUZA, 2016, p. 17)

No entanto, a indagação desta pesquisa é o pequeno número de estudos sobre os escritos da escritora Carolina Maria de Jesus no campo historiográfico. Isso ocorreu principalmente por causa da relação entre a história e a literatura que é um campo ainda considerado recente e os estudos dos grupos marginalizados como mulheres, negros, indígenas, homossexuais acentuou nos anos de 1980.

Nesse mesmo período no Brasil também representou uma grande onda de produções literárias de grupos considerados marginalizados como, *Capão Pecado* de Ferréz (foi publicado em 2000 pela editora Labortexto e em 2005 pela editora Objetiva), *Cidade de Deus* de Paulo Lins (publicado em 1997 na Companhia das Letras), *Sobrevivente André du Rap* de André Du Rap (massacre do Carandiru, foi publicado em 2002 na revista Labortexto), *Diário de um Detento* de Jocenir (publicado em 2002 na revista Labortexto) e *Memória de um sobrevivente* de Luiz Alberto Mendes (publicado em 2001 pela revista Companhia das Letras). Esses enunciados são vistos como uma literatura marginal<sup>5</sup> esse movimento surgiu no Brasil em 1970 e representa a busca pela liberdade de expressão e a valorização da cultura das classes populares, a literatura marginal é composta na sua maioria por negros, pobres, moradores de favelas e periferias urbanas

Ao estabelecer uma comparação entre essas publicações e o livro “Quarto de despejo (1960)”, é possível identificar como principal aspecto a discussão em torno da inclusão e exclusão no cânone da literatura brasileira, além de serem obras que abordam a temática da violência urbana de forma marcante. No entanto, “Ferréz, ao reconstituir o cânone da “literatura marginal” a que se filia, declarou que Carolina de Jesus foi pioneira: “pra mim, a primeira autora marginal foi Carolina de Jesus. Ela era negra, favelada e catadora” (NASCIMENTO, 2006, p. 125). Ao compararmos os autores da literatura marginal contemporânea com os escritos de Carolina Maria de Jesus, é notável a autenticidade presente na abordagem da escrita de Carolina sobre a realidade das favelas e dos grupos oprimidos. A

---

<sup>5</sup> Para mais informação sobre a literatura marginal acessar a tese: NASCIMENTO, Érica Peçanha do. Literatura marginal: os escritores da periferia entram em cena. 2006. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-03092007-133929/pt-br.php> Acesso em: 10 de maio de 2022.

pesquisadora dos escritos da escritora Carolina Maria de Jesus discorre com maior agudeza sobre essa diferenciação.

A diferença entre a obra caroliniana e esta literatura, entretanto, é também ruidosa, pois a luta que Carolina travou fora menos para “representar a cultura autêntica de um povo composto de minorias”, como disse Ferréz na quarta capa do livro *Literatura Marginal: talentos da escrita periférica*, organizado por ele, onde se anuncia ao mundo a escrita de quem “tem muito a proteger e a mostrar, temos nosso próprio vocabulário, que é muito precioso, principalmente num país colonizado até os dias de hoje, onde a maioria não tem representatividade cultural e social” (Ferréz, 2001). Com efeito, a busca de Carolina está centrada num ponto diferente deste: ela reivindica o próprio ethos de escritora, isto é, a constituição da subjetividade na linguagem, a imagem de si no discurso como autora de literatura. (MIRANDA, 2013, p. 93)

Outro ponto que difere esses escritores é a estética das suas obras, a forma como foi produzido o livro. Surgiram muitos comentários referente a estética dos livros de Carolina Maria de Jesus, principalmente o livro “Quarto de despejo”. No decorrer do tempo, muitos críticos literários e acadêmicos estudaram a obra de Carolina Maria de Jesus, tentando compreender sua estética única e o impacto social e político de sua escrita.

Para analisar a estética das obras da escritora Carolina Maria de Jesus selecionei o livro “Quarto de despejo”, que foi a porta de entrada para o sucesso, o primeiro e mais famoso livro. Perpétua (2014) argumenta que existe um conflito entre a estética e a literatura, especialmente quando se trata de obras que desafiam as fronteiras do campo ficcional, como os textos autobiográficos de escritores como Carolina de Jesus. Na literatura brasileira, autores renomados como Graciliano Ramos e Pedro Nava foram amplamente admirados no contexto da alta literatura, contudo, as obras de escritores como Carolina Maria de Jesus e Paulo Linz experimentaram uma recepção distinta.

A partir das leituras desenvolvidas sobre a escritora Carolina Maria de Jesus é possível analisar que o livro *Quarto de despejo* teve várias críticas logo após a sua publicação, em especial por ser um livro escrito por uma mulher negra que morava na favela com pouca escolaridade. Carolina Maria de Jesus foi a pioneira a trabalhar com a história da favela, trazendo a voz de dentro da favela.

Para Carolina Maria de Jesus chegar a algum lugar teve que aprender a falar como uma mulher branca, vestir como uma mulher branca, onde quer que vá ela terá sempre a sua

frente os costumes e culturas da mulher branca prontos para oprimi-la e descaracterizá-la frente aos seus anseios e vontades. Essa opressão ocorre nos mais diversos âmbitos da sociedade o que traz uma negação da mulher negra a si própria aceitando, de acordo com Frantz Fanon (2008) o racismo internalizado, resultado das relações coloniais afeta a autoestima e a identidade dos negros, levando-os a aspirar à branquitude e a negar sua própria negritude.

Quando o jornalista Audálio Dantas editou os manuscritos da escritora, priorizou por deixar a forma original da escrita, com o objetivo de manter a autenticidade da escritora Carolina Maria de Jesus. Muitos leitores do livro Quarto de despejo questionaram que o livro tenha sido escrito por uma mulher negra favelada, muitas vezes Audálio Dantas foi questionado e acusado por escrever o diário, duvidaram da autenticidade do livro no início. A pesquisadora Elvira Perpétua levanta outros problemas em relação ao livro Quarto de despejo.

O debate em torno dos problemas levantados por Carolina de Jesus grassou rapidamente na imprensa da época, o livro recebeu quatorze traduções ainda na década de 1960, mas, em contrapartida, a leitura do diário foi proibida por pais zelosos de preservar o espírito dos filhos de conteúdo tão incendiário. Já no ano 2000 e seguintes, quando o mesmo livro foi escolhido para o vestibular em várias universidades brasileiras, novamente pais vigilantes criticaram a exigência da leitura, tanto pelo conteúdo extraliterário quanto pela linguagem do diário, que contradizia a exigência da norma padrão atinente ao concurso. (PERPÉTUA, 2014, p. 257)

Acredito que a linguagem utilizada no livro “Quarto de Despejo” possa ter sido um dos motivos de sua rejeição. Pelo menos de acordo com o discurso apresentado, parece ser esse o caso. Essa recepção reforça a ideia de que a obra é vista como marginal, estando fora do círculo das grandes obras literárias. No entanto, esses problemas tratados sobre a estética do livro não eram somente algo do público, mas Carolina Maria de Jesus contestava o jornalista Audálio Dantas sobre sua própria produção antes de publicar. “Para ela, o diário era pornográfico, no sentido de conter temas nada relevantes sobre a favela do Canindé – a fome, as brigas, a sujeira, o alcoolismo, o abandono social.” (PERPÉTUA, 2014, p. 257) A intenção da escritora Carolina Maria de Jesus sempre foi publicar seus escritos, mas os romances, poemas e contos que ela já havia escrito, no entanto o jornalista Audálio Dantas tinha a intenção de trazer exatamente os diários que abordavam as temáticas sociais para impactar a sociedade.

Estudar a estética presente em Quarto de despejo não é considerada uma tarefa fácil, uma vez que críticos literários têm enfrentado dificuldades para compreender o estilo e gênero desse livro, principalmente, porque a escritora não segue o padrão de estilo e gêneros aceito e reconhecido pelos críticos literários, Carolina Maria de Jesus, tem uma abordagem única nos seus livros que foge do modelo dominante. Referente as pesquisas realizadas até agora sobre o estilo da escritora têm apresentado resultados divergentes. A literatura produzida por Carolina Maria de Jesus é caracterizada como sendo híbrida, pois incorpora elementos de diferentes gêneros e estilos, como autobiografia, crônica, poesia e ficção.

O estilo de escrita de Carolina Maria de Jesus não se adequava<sup>6</sup> aos padrões impostos pela elite branca dominante, o que resultava em críticas frequentes. No entanto, essas críticas não se limitavam apenas às questões formais, mas também se manifestavam como uma resistência ao fato de uma mulher negra adentrar um espaço que era dominado pela elite branca. A publicação dos seus manuscritos representava uma forma de resistência ao processo colonial, reforçando sua oposição ao sistema de opressão que existia.

Grada Kilomba 2019 discute esse processo de racismo cotidiano, no qual existe um projeto de silenciamento do sujeito negro, chamado metaforicamente de máscara, simbolizando a máscara usada pela Anastasia durante o período escravocrata. “A máscara vedando a boca do sujeito negro impede-o de revelar tais verdades, das quais o senhor branco quer “se desviar”, manter à distância” nas margens, invisíveis e “quietas”.” (KILOMBA, 2019, p. 42). E no livro “Quarto de despejo” aponta alguns momentos em que é possível analisar situações de racismo.

Eu escrevia peças e apresentava aos diretores de circos. Eles respondia-me: É pena você ser preta. Esquecendo eles que eu adoro a minha pele preta, e o meu cabelo rústico. Eu até acho o cabelo de negro mais iducado do que o cabelo do branco. Porque o cabelo de preto onde põe, fica. É obidiente. E o cabelo de branco, é só dar um movimento na cabeça ele já sai do lugar. É indisciplinado. Se é que existe reencarnações, eu quero volta sempre preta. (JESUS, 1960, p. 65).

E mais adiante no mesmo livro, Carolina Maria de Jesus continua abordando sobre a questão da sua pele preta, comparando com a sua vida.

---

<sup>6</sup> A desigualdade persiste até os dias de hoje, e não podemos minimizar esse fato, pois ainda prevalece um padrão dominante branco, masculino nos meios de comunicação e na cultura "popular".

A vida é igual um livro. Só depois de ter lido é que sabemos o que encerra. E nós quando estamos no fim da vida é que sabemos como a nossa vida decorreu. A minha, até aqui, tem sido preta. Preta á a minha pele. Preto é o lugar onde eu moro. (JESUS, 1960, p.160).

Nesses dois trechos pode-se perceber que existe uma tensão relacionado no ser negro, no primeiro Carolina Maria de Jesus demonstra a aceitação de ser preta e apreciar, já no segundo trecho associa a cor preta como algo ruim. “Carolina está entre dois valores, duas formas de existência, duas economias simbólicas, dois padrões de vida, no espaço intersticial de duas posições culturais: a do negro que se afirmar como tal e a do que discrimina a si mesmo.” (FERNANDEZ, 2008, p. 138) Isso ocorre pelo conflito inter-racial.

Segundo as análises do psiquiatra e filósofo Frantz Fanon (2008), a negação da identidade negra ocorre quando as pessoas negras são tratadas como objetos em vez de sujeitos. Essa opressão resultante do racismo causa um profundo impacto psicológico, que acarreta a perda da autoestima e do autoconhecimento, levando à alienação e à negação do ser. Para Fanon, essa negação é vivenciada pelos indivíduos negros em todos os aspectos de suas vidas, seja no ambiente de trabalho, na educação, na cultura e em diversas outras esferas.

Ainda pensando nos estudos desenvolvidos sobre a estética do livro “Quarto de despejo” e na variedade de gêneros. A pesquisadora e professora Raffaella Andréa Fernandez utilizou o termo desterritorialização<sup>7</sup> e a reterritorialização<sup>8</sup> desenvolvido por Félix Guattari e Gilles Deleuze que já foi tratado anteriormente, para analisar a estética do livro “Quarto de despejo”. Para a autora, o livro da Carolina Maria de Jesus se encontra tanto no hibridismo de gênero como no textual. Esse hibridismo está “entre dois grupos culturais, entre dois conjuntos semânticos e vários gêneros de escrita, com base em duas formas de expressão: a norma culta da língua portuguesa e o desvio linguístico da fala marginal.” (FERNANDEZ, 2008, p. 126) Então no livro da escritora Carolina Maria de Jesus é possível encontrar vários elementos, e essa literatura híbrida é marcada por várias épocas. De acordo com Fernandez:

Carolina fica dividida entre o ser-favelada e o ideal-burguês. É nesse sentido

---

<sup>7</sup> Reforçando a explicação sobre esse conceito, Fernandez destaca a desterritorialização na literatura é um fenômeno que ocorre quando um escritor não se prende a uma única cultura, país ou idioma em sua obra. Isso permite que o autor crie personagens e situações que transcendem essas fronteiras, expandindo o alcance da literatura

<sup>8</sup> Esse conceito se refere ao processo pelo qual as conexões e linhas de fuga que são criadas na "desterritorialização" o deslocamento de um espaço ou conceito de sua estrutura original são novamente arranjadas em um novo território.

que a literatura caroliniana tem uma relação de desterritorialização múltipla com a língua. Consegue ir para além dos padrões das normas da linguagem, já não a possui integralmente. O que não quer dizer que ela não consiga desvendar, de maneira profunda, a vida social, ao contrário, expõe de uma maneira mais clara e direta, porque tem, como material, parte de toda uma tradição. (FERNANDEZ, 2008, p. 144)

Além da literatura híbrida, Fernandez registra que no seu ponto de vista o livro “Quarto de despejo” é analisado como uma obra de arte que atualiza elementos de ficção, dessa forma não se pode interpretar como um documentário ou um documento que discorre sobre os cativantes temas sobre a injustiça sociais na favela.

Na perspectiva da professora Elzira Divina Perpétua, a estética da obra “Quarto de despejo” é vista em sua especificidade de escrita diária. De acordo com Perpétua, o diário é uma escrita a partir de uma estrutura cronológica do cotidiano, como o diário é limitado ao relato do cotidiano, a autora acredita que oferece maior fidelidade à experiência da realidade.

No entanto, no âmbito da literatura, o diário é considerado menos literário em comparação com a memória e a autobiografia. De acordo com Perpétua 2014 isso ocorre porque, embora o registro imediato do vivido demande pouco trabalho seletivo da memória, as anotações diárias conferem um caráter bastante caótico à escrita, transformando o diário em uma obra fragmentada, onde vários aspectos do eu se destacam. Esses desdobramentos em diferentes "eus" se baseiam na construção do diário, onde o diarista se propõe a escrever a partir da dualidade entre aquele que vivenciou os fatos e aquele que os registra, resultando em uma multiplicidade de "eus".

A escrita é algo solitário; no diário temos um processo íntimo com a escrita e com si mesma, quando Carolina Maria de Jesus escreve seu diário mesmo sabendo que futuramente será publicado é possível analisar vários momentos no livro “Quarto de despejo” que ela usa o diário como uma forma de fuga, uma forma de se conectar com si mesma. O livro não apresenta somente o cenário da miséria e as denúncias de desigualdade social, vai além disso.

De acordo com Perpétua, Carolina Maria de Jesus ao discorrer sobre os vizinhos do Canindé, são poucas as vezes que ela se inclui como iguais a eles. “Escrevo sobre todas as lambanças que pratica os favelados, estes projetos de gente humana.” (JESUS, 1960, p. 24). Carolina de Jesus escreve que o que difere ela dos outros favelados é usar a escrita como denúncia, “Aqui na favela quase todos lutam com dificuldades para viver. Mas quem manifesta o que sofre é só eu. E faço isto em prol dos outros.” (JESUS, 1960, p. 30).

Perpétua aponta que o “diário de Carolina nos mostra, em suas divergências com os vizinhos, a evidência da observação de Béatrice Didier de que, no desdobramento do sujeito, aquele que escreve é sempre superior em relação àquele que viveu.” (PERPÉTUA, 2014, p. 260). Além disso, a autora destaca que:

Carolina olha para si e para os outros eus que consigo interagem. Nos textos selecionados para publicação, vemos que Carolina, mergulhada numa escrita tradicionalmente subjetiva, consegue esboçar objetivamente os traços do Canindé, mesmo quando nela se inclui, vendo-se personagem de si mesma. Dessa forma, ao pretender narrar a vida daquela comunidade, vemos em Quarto de despejo que a autora situa-se ora como mera testemunha que registra um documento da favela, ora como personagem e modelo dos dramas que se desenvolvem diariamente a seus olhos. Ante a letargia dos favelados que se calam e a indiferença generalizada, que determina a banalização da miséria, o caderno onde escreve é, para a autora, a ponte entre duas extremidades: “Eu escrevo porque preciso mostrar aos políticos as pssimas qualidades de vocês.” (JESUS, 1960, p. 164). (PERPÉTUA, 2014, p. 263)

Com isso, no ponto de vista da professora Elzira Divina Perpétua o livro de Carolina Maria de Jesus representa um desafio para os padrões estéticos convencionais da literatura brasileira, visto que a escritora escreve em uma linguagem que foge a norma culta, sem adotar as normas formais da escrita acadêmica, além de abordar temas pouco tratado no período da publicação do livro. De acordo com Perpétua, analisar a estética da obra de Carolina de Jesus possibilita a abertura de novas possibilidades de expressão literária, permitindo que a voz dos marginalizados também seja ouvida na cena literária brasileira.

Na Pesquisa “Estética da Vida no Limite: Autenticidade, Ponto de Vista Interno, Testemunho e Valor Literário em Quarto De Despejo (Diário de uma Favelada)” conduzida pelo professor Gilmar J. Penteadado, apresenta a questão da autenticidade presente na obra da escritora Carolina Maria de Jesus. Ao analisar o livro, percebe-se que a originalidade da autora teve um impacto significativo logo na sua publicação, pois sua voz era uma voz silenciada.

Penteadado, expõe duas obras para analisar e comparar com o livro da escritora Carolina de Jesus, o “Capão Pecado” de Ferréz e “Cidade de Deus” de Paulo Lins. De acordo com Penteadado, a autenticidade do discurso da escritora Carolina Maria de Jesus acontece quando a escritora fala de si e do seu meio. Ao comparar com Paulo Lins discute que “em relação à situação de Lins, morador de Santa Tereza, bairro boêmio de classe média alta.

Quando publicou o romance, ele já estava dez anos fora da favela, era formado em letras e um poeta conhecido em circuitos culturais cariocas.” (PENTEADO, 2018, p. 325) Mas o distanciamento da favela por Lins vai recorrer a outro elemento tratado por Penteado, “ponto de vista interno e diferente: o que fala?”.

Essa segunda noção refere-se a um ponto de vista interno e diferente: o que fala? (conteúdo original do enunciado). E aqui me aproprio de parte das reflexões de Roberto Schwarz sobre o romance de Lins. A perspectiva interna tem força se trouxer algo novo, original, e não apenas reproduzir ou assumir uma ótica externa sobre aquele espaço social. Em relação a Quarto de despejo, é possível identificar que o ponto de vista interno e diferente trazido por Carolina esteve no foco dos debates dos anos 1960, principalmente no que já defendi como a mudança da imagem da favela-idílica para a favela-inferno. Mas isso aconteceu em menor grau do que os debates envolvendo a autenticidade da obra. Arrisco dizer que o conteúdo original trazido pela perspectiva interna da periferia começa a ser visto com menor carga ideológica a partir dos anos 1990. (PENTEADO, 2018, p. 325).

As características do *ponto de vista interno e diferente* analisado nas obras “Quarto de despejo”, “Capão Pecado” e “Cidade de Deus” aponta a concepção de cada escritor sobre a favela na perspectiva do *ponto de vista interno e diferente*, e como pode ser concepções muito diferentes.

Carolina Maria de Jesus constrói no livro Quarto de despejo um cenário da favela como um lugar problemático socialmente com violência, fome, miséria, também desenhar a cena do Brasil no período. De acordo com Penteado (2018), isso mostra que quanto mais essa compreensão interna destaca com uma visão construída do lado de fora, mais relevância esse discurso pode realçar.

Diferente de Paulo Lins, a obra “Cidade de Deus” constrói essa perspectiva interna na concepção social, após 10 anos volta para a favela como pesquisador e com outra visão, tendo as perguntas já conjecturadas, com isso, “os resultados da enquete social são pensados e ficcionalizados pelo ponto de vista de quem sempre foi objeto de estudo” (PENTEADO, 2018, p. 326). Além disso, Lins dispõe de uma experiência de pesquisador da criminalidade carioca que cria um romance onde o personagem principal é a própria comunidade.

No livro “Capão Pecado” de Ferréz, que apresenta o cenário da favela onde cresceu, o que difere das outras obras abordadas é que o autor traz na sua escrita o sentido do gueto que também existe no hip hop. Ao abordar sobre o conceito do gueto empregado por Ferréz é

possível analisar esse conceito na literatura marginal. Penteado evidencia que “o autor subverte um estigma contra a população da periferia, criando um novo sentido de marginalidade. Inverte-se o jogo simbólico: o que significava uma imagem negativa transforma-se em uma marca de produtividade e orgulho.” (PENTEADO, 2018, p. 327). Quando Ferréz se coloca como marginal ele traz um novo sentido de marginalidade, isso modifica o sentido de algo negativo para positivo.

Essas três obras têm algo em comum que seria o terceiro elemento abordado por Penteado: o alto *Teor testemunhal*. Para discutir sobre esse conceito, Penteado parte da concepção de Márcio Seligmann-Silva que acredita na existência de um teor testemunhal em toda produção cultural. Ao analisar esse teor testemunhal no livro “Quarto de despejo” nota-se que Carolina Maria de Jesus usa dois sentidos testemunhais o que fala o que vê e vive, nesse sentido trata do testemunho de denúncias sociais e testemunho da sobrevivência. Conforme Penteado a elaboração da estética também se baseia na *construção da cena traumática* como trata a seguir.

Pois bem: se o testemunho dessa vida no limite serve de base para as elaborações estéticas de Carolina, reside justamente aí o valor estético que confere estatuto literário a Quarto de despejo. E o valor estético se estabelece na construção da cena traumática. Essa noção suscita duas questões em relação à produção do texto e, principalmente, ao desempenho do autor: como fala? (a construção do enunciado) e para quem fala? (o destinatário do enunciado). Por esse caminho, é preciso percorrer uma espécie de itinerário das decisões formais responsáveis pela originalidade da obra: escolhas estruturais apropriadas, manuseio criativo de recursos linguísticos e estilísticos, inclusive para superar dificuldades técnicas, culminando em uma linguagem própria e original. A segunda questão envolvida (para quem fala?) diz respeito à relação entre as decisões formais e os efeitos que a autora pretende provocar no destinatário de seus textos – para convencer, impressionar, emocionar, causar identificação, buscar apoio, reconhecimento ou aprovação. (PENTEADO, 2018, p. 328)

Ao apontar a arte no livro Quarto de despejo, mostra como a construção da cena traumática tem papel fundamental que traz “essa intenção de fazer literatura provoca momentos de choque entre a descrição realista da violência social e a imaginação poética da autora.” (PENTEADO, 2018, p. 335). Conforme Penteado existe essa relação do lirismo do viés romântico e também a violência da favela que não a deixa esquecer da realidade.

O céu é belo, digno de contemplar porque as nuvens vagueiam e formam

paisagens deslumbrantes. As brisas suaves perpassam conduzindo os perfumes das flores. E o astro rei sempre pontual para despontar-se e recluir-se. As aves percorrem o espaço demonstrando contentamento. A noite surge as estrelas cintilantes para adornar o céu azul. Há várias coisas belas no mundo que não é possível descrever-se. Só uma coisa nos entristece: os preços, quando vamos fazer compras. Ofusca todas as belezas que existe. (JESUS, 1960, p. 44)

Nesse trecho escrito pela Carolina Maria de Jesus é possível entender esse lirismo. No início ela narra a beleza do céu, das paisagens, das flores, mas logo em seguida é arrancada à força pela situação da favela, como se a protagonista não tivesse direito a fantasia. Gilmar J. Penteado, traz exatamente essa questão de ver o livro “Quarto de despejo” por esse lirismo.

A partir das análises de crítico literário sobre o livro “Quarto de despejo”, já apresentado no decorrer do texto, constata-se que a estética da escrita de Carolina Maria de Jesus pode ser analisada de diversas formas, principalmente por não seguir uma forma especificamente padrão da escrita.

Abordar o livro na perspectiva literária, Carolina Maria de Jesus traz uma linguagem híbrida, com vários gêneros, com isso acredito que não pode ser visto somente como um gênero específico. Ao analisar as obras de intelectuais negras, é evidente a presença marcante de emoção e subjetividade, que vão além dos padrões acadêmicos tradicionais. Essas escritoras negras, como Carolina Maria de Jesus, se identificam e se expressam através de suas próprias vozes e experiências, construindo um discurso e uma linguagem que rompem com convenções estabelecidas.

Dessa forma, Carolina Maria de Jesus não descreve a realidade de um erudito branco, pois ela escreveu de lugares diferentes, da favela (margem), não do centro. Nesse sentido, refiro-me a margem e o centro na perspectiva de bell hooks (2019) que não trata a margem apenas como um lugar periférico de perda e privação, mas sim de resistência e possibilidade

Neste contexto, abordo a noção de margem e centro, conforme apresentada por bell hooks (2019). Diferente da tradicional concepção de margem como um lugar desfavorecido, hooks a enxerga como um espaço de resistência e potencialidade, que cria a capacidade de resistir a opressão e construir novos discursos. No entanto, hooks não tenta romantizar a opressão, mas mostrar que na margem existem a repressão e um local de resistência. Por isso, a importância de abordar sobre a construção literária de Carolina Maria de Jesus, que em meio

a margem buscou resistir e criar um novo discurso.

### **1.3 A produção literária como forma de resistência: o percurso literário de Carolina Maria de Jesus**

Em 1959, o jornalista Audálio Dantas publicou uma parte do livro "Quarto de despejo: diário de uma favela", escrito por Carolina Maria de Jesus. Esse evento despertou um grande interesse nos meios de comunicação, resultando na publicação completa da obra por uma editora. Tal publicação alcançou uma imensa popularidade e foi traduzida para 14 idiomas. Entretanto, esse período coincidiu com transformações significativas no âmbito global, o que influenciou a forma como a obra da escritora foi recebida. A sociedade vivia um momento de ascensão das vozes das chamadas minorias, que ganhavam cada vez mais relevância e espaço para se expressarem. Elzira Divina Perpétua (2002), ressalta que:

Pode-se dizer que tanto no Brasil quanto no exterior, o acolhimento a Quarto de Despejo deveu-se a uma mudança de interesse do público voltado para textos produzidos por um Outro que recentemente passou a ser representado. Contudo, entende-se que essa aceitação deveu-se a uma convergência de fatores contextuais, publicitários e editoriais que marcaram a primeira edição brasileira, organizada por Audálio Dantas, a partir da qual se conformaram as traduções. (PERPÉTUA, 2002, p.37).

O escritor Audálio Dantas, responsável pela organização dos escritos de Carolina Maria de Jesus, inicialmente publicou uma parte de seus manuscritos no jornal "O Cruzeiro", em 20 de junho de 1959, com fotos e textos escritos por ele mesmo. As cópias digitalizadas desses jornais, contendo uma matéria de sete páginas, podem ser encontradas no site da Fundação Biblioteca Nacional<sup>9</sup>. A publicação ocorreu um ano após o encontro entre Dantas e a escritora. De acordo com Audálio Dantas "Eis uma pequena amostra do "Diário de Carolina". São coisas que ela escreve e deseja que o mundo veja. Nota da Redação: Foi respeitado o original." (DANTAS, 1959, p. 98).

---

<sup>9</sup> <http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>

Figura 1 Jornal O Cruzeiro: Primeira publicação dos escritos do livro Quarto de despejo.



(Site:[http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972\\_10&pesq=Retrato%20da%20favela%20no%20di%C3%A1rio%20de%20Carolina&pasta=ano%20195&hf=memoria.bn.br&pagfis=26](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_10&pesq=Retrato%20da%20favela%20no%20di%C3%A1rio%20de%20Carolina&pasta=ano%20195&hf=memoria.bn.br&pagfis=26) Fundação Biblioteca Nacional, 1959, p.92)

Então a publicação do Quarto de despejo, além da narrativa do cotidiano, das denúncias, do empenho da Carolina, também teve o trabalho do Audálio Dantas na edição dos manuscritos para ser “aceito” na editora. Sabemos que o período em que uma narrativa foi escrita, a editora, o lugar, interfere na imagem que vai ser construída de uma escritora.

Com isso, o jornalista retratou Carolina Maria de Jesus como uma figura emblemática<sup>10</sup> para o público, uma vez que ela era uma mulher negra que vivia em uma favela e que se posicionava de maneira crítica contra o sistema econômico da época. Através das reportagens e dos livros publicados por ela posteriormente, como "Casa de alvenaria: diário de uma ex-favelada", podemos perceber de forma evidente essa construção de uma voz que denunciava as desigualdades e lutava contra o sistema vigente.

Angela Davis (2016) fala sobre a importância de revisitar as lutas históricas das

<sup>10</sup> Emblemática, no sentido de ser um símbolo na representação da pobreza no Brasil e a luta por direito. (na perspectiva do jornalista Audálio Dantas)

mulheres negras para compreender como elas moldam sua existência e são fundamentais para o desenvolvimento de sua independência e autossuficiência. Ela destaca que a compreensão das condições materiais sob as quais as mulheres vivem é crucial para entender sua luta e suas demandas por igualdade e justiça. Davis (2016) aponta que as mulheres negras historicamente enfrentam desafios únicos devido a sua opressão de gênero, raça e classe. Ela enfatiza como o feminismo negro<sup>11</sup>, por exemplo, é fundamental para entender a experiência das mulheres negras, que enfrentam opressões interseccionais.

Após a divulgação do seu primeiro livro, Audálio Dantas e Carolina Maria de Jesus passaram a ter uma relação conturbada, principalmente devido à insistência do jornalista para que Carolina continuasse a escrever diários, enquanto ela almejava dedicar-se à escrita de romances, poemas e contos. “Triste glória que não me deixa ter vontade própria. Quero ser eu. Fizeram-me desviar de tudo que pretendia quando morava na favela e ansiava deixar o barraco. O que sou agora? Um boneco explorado e me recuso a isso”. (JESUS, 1996,27) Esse é um relato do seu livro “Meu estranho diário”<sup>12</sup> que demonstra essa relação de conflito.

Além disso, durante uma entrevista conduzida pela pesquisadora Raffaella Andréa Fernandez (2014), Audálio Dantas discute os escritos adicionais de Carolina Maria de Jesus, revelando que desde o início ela tinha o desejo de publicar seus poemas, embora ele não considerasse isso algo importante. Abaixo, apresento algumas declarações de Dantas sobre os demais escritos de Carolina e as tensões que permeavam o relacionamento entre eles.

Ela queria publicar livro. Ela queria mais publicar as poesias e os contos, mas o que apareceu foi diário. E, o que houve é que ela tinha momentos de grande euforia e de grande ... como se chama isso? O contrário de euforia? (FERNANDEZ, 2014, p. 306)

O jornalista Audálio Dantas explica alguns momentos de tensão entre ele e a Carolina Maria de Jesus.

Sei lá... ela tinha momentos de tensão... baixava o moral, aquela coisa... E

---

<sup>11</sup> O feminismo negro é um movimento que busca combinar a luta feminista com a luta antirracista, enfatizando as experiências únicas das mulheres negras e destacando as múltiplas formas de opressão que elas enfrentam devido à sua raça e gênero. Esse movimento reconhece que os problemas enfrentados pelas mulheres negras são distintos dos de outras mulheres, devido ao racismo estrutural e à discriminação de gênero interseccionais.

<sup>12</sup> O livro *Meu estranho diário* foi organizado por José Carlos Sebe Bom Meihy com manuscritos da escritora Carolina Maria de Jesus que até então não tinha sido publicado, nesse livro também contém alguns dos recortes do livro *Quarto de despejo: diário de uma favelada*.

ela, antes de começar a edição do livro, depois de publicada a reportagem na Folha, ela achou que eu deveria ter devolvido o caderno já, por que eu trouxe o caderno do diário, só um. Ela foi a recepção da Folha, lá na Barão de Limeira, fez um escândalo achando que eu estava e não queria devolver o caderno. (FERNANDEZ, 2014, p. 306)

Posteriormente na entrevista Audálio Dantas evidencia que desde o início não teve interesse pelos outros textos literários.

Não. Porque eu não dei importância para os tais textos literários que muita gente, principalmente os acadêmicos discutem, buscam desenvolver interpretações, coisas desse tipo, que nunca foi a minha preocupação. A minha preocupação era mostrar e está demonstrado que o diário, que foi publicado com o título de Quarto de despejo, teve um sucesso enorme do Brasil e no mundo inteiro e as outras coisas não tiveram. Porque ela publicou outras coisas. Então eu gostaria de saber qual é a importância exata desses outros trabalhos. (FERNANDEZ, 2014, p. 310)

Um aspecto amplamente debatido nas pesquisas em relação à Carolina de Jesus é a edição realizada por Audálio Dantas do livro intitulado "Quarto de despejo". Embora o conteúdo mantivesse a forma original da escritora, preservando inclusive seus “erros ortográficos”<sup>13</sup>, houve recortes em alguns trechos. No prefácio do livro de Carolina, Audálio Dantas menciona que “a repetição da rotina favelada, por mais fiel que fosse, seria exaustiva. Por isso foram feitos cortes e selecionados os trechos mais significativos” (DANTAS, In: JESUS, 2014, p. 6). José Carlos Sebe Bom Meihy também questiona os recortes.

É verdade que a vastidão das entradas dos diários e as muitas páginas inéditas, demandariam publicações volumosas e por isto de difíceis alcances comerciais. Seria impossível naquele então publicar tudo. [...] Explicando que tirou repetições – como se elas não fossem significativas – contudo, faltou ao importante jornalista dizer qual o critério – técnico e moral – que o levou a “cortar” passagens relevantes para a construção de um perfil mais humano, menos linear, mais próximo do que se revela na leitura das entradas do *Meu estranho diário* (MEIHY, 2015: 263-264).

É importância ressaltar que os recortes feitos dos manuscritos de Carolina Maria de Jesus representam uma parte significativa da história contida em seu livro. Isso reforça a visão que o público teve sobre a escritora, tanto que na recepção do livro “Quarto de despejo” ocorreu muitas críticas de jornalistas e políticos sobre a personalidade da Carolina de Jesus,

---

<sup>13</sup> Uma concepção de Audálio Dantas e outros editores.

que no livro parecia uma mulher “dócil”, “mas em público ela se erguia agressivamente, próxima do que os norte-americanos chamavam pejorativamente na década de 50 de *uppity black*, traduzindo, ‘preta arrogante’” (MEIHY; LEVINE, 1994: 19).

No livro “Cinderela negra: a saga de Carolina Maria de Jesus”, nos Jornais e os próprios livros da escritora como, “Casa de alvenaria”, “Meu estranho diário” abordam situações sobre a personalidade que foi construída por Carolina Maria de Jesus. De acordo com Sara Munique Noal (2020) é possível fazer uma comparação do livro Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada e Meu Estranho Diário, para entender essa construção da imagem da Carolina. No livro Meu Estranho Diário apresenta uma visão da escritora mais “humana” que erra e acerta durante o percurso do livro, tirando a ideia passada no primeiro livro Quarto de Despejo que mostra uma mulher “dócil”, que sempre está certa. Apesar do interesse do jornalista Audálio Dantas para a publicação e edição do livro, ainda era afetado pelos interesses políticos e convicção de uma parte da elite daquele momento.

Os livros da escritora Carolina Maria de Jesus receberam várias críticas literárias sobre a escrita e estética da sua obra, principalmente por não seguir os padrões da escrita dominante da época. Muitos críticos literários até hoje não chegaram a um consenso sobre o gênero literário das obras. A intenção de Carolina Maria de Jesus era escrever e ser reconhecida como uma escritora, no entanto, historicamente o centro acadêmico é um “espaço branco onde o privilégio tem sido negada para as pessoas negras” (Kilomba, 2019, p. 50). De acordo com Gayatri Spivak (1995) “pode a subalterna falar?”, muitas intelectuais negras debateram sobre essa questão, como Grada Kilomba (2019) que responde que “não”, porque o subalterno sempre estará na posição de marginalidade e silenciado, mas ressalta que não significa que as pessoas negras tenham dificuldades de falar em si, porém relata a dificuldade de falar ou ser ouvida dentro do regime repressor do racismo e colonialismo. Por isso, Carolina Maria de Jesus teve tanta dificuldade de ser aceita como escritora.

Quando Carolina saiu do interior e foi para São Paulo, naquele momento a cidade crescia pelo movimento de expansão do setor industrial e recebia muitos migrantes, resultando no aumento da população. Como Carolina tinha chegado a uma cidade muito agitada, usou a escrita como uma forma de organizar seus pensamentos. Além disso, quando trabalhava de empregada teve contato com alguns livros clássicos, se observar na escrita do livro “Quarto de Despejo” podemos notar que a escritora intercala a norma culta da língua portuguesa e o escrito falado na favela, como explica Raffaella Andréa Fernandez.

Uma literatura híbrida, como a de Carolina, possui um caráter multicultural marcado pela mistura de estilos de várias épocas, por fronteiras linguísticas que favorecem movimentos interculturais e desterritorializados, e também gera incertezas devido às relações biculturais na qual está inserida: um amálgama do universo culto e do universo iletrado. Desse modo, Quarto de despejo é uma obra que expõe a fenda entre dois mundos: o da totalidade e o dos restos, o mundo burguês que idealizava e a sobrevivência no universo infeliz da favela, o uso do português formal e do português falado na favela. (FERNANDEZ, 2008, 127)

Autores (as) como Raffaella Andréa Fernandez, Elzira Divina Perpétua, Aline Arruda, José Carlos Sebe Bom Meihy e Robert M. Levine são alguns especialistas nos estudos sobre a escritora Carolina Maria de Jesus. Nos textos consultados sobre a escritora é possível encontrar alguns desses pesquisadores, ou mesmo, todos juntos. Os trabalhos mais conhecidos desses autores são: A tese de Raffaella Andréa Fernandez “Processo criativo nos manuscritos do espólio literário de Carolina Maria de Jesus” defendida em 2021; também da mesma autora a dissertação “Carolina Maria de Jesus, uma poética de resíduos.” Defendida em 2006; o artigo de Elzira Divina Perpétua “Aquém do Quarto de Despejo: a palavra de Carolina nos manuscritos de seu diário.” Publicado em 2003; a tese “Produção e recepção de Quarto de Despejo, de Carolina Maria de Jesus: relações publicitárias, contextuais e editoriais.” De Perpétua, defendida em 2002; a tese de Aline Arruda “Carolina Maria de Jesus: projeto literário e edição crítica de um romance inédito” defendida em 2015; Aline Arruda também organizou alguns livros (juntamente com outros autores) como, “Memorialismo e Resistência: Estudos sobre Carolina Maria de Jesus” publicado em 2016 e “Carolina Maria de Jesus: Percursos Literários” publicado em 1997; José Carlos Sebe Bom Meihy e Robert M. Levine organizaram um livro que ficou muito conhecido, “Cinderela Negra: A Saga de Carolina Maria de Jesus” publicado em 1994; mas também tiveram outros trabalhos como o artigo de Meihy “Carolina Maria de Jesus: Emblema do Silêncio.” Publicado em 1998; e o artigo de Levine “The Cautionary Tale Of Carolina Maria De Jesus.” Publicado em 1962.

Durante muito tempo, Carolina Maria de Jesus sustentou o sonho de ser reconhecida como uma escritora de literatura. Embora tenha enfrentado dificuldades para obter esse reconhecimento, seu sucesso com a publicação do livro "Quarto de despejo" a tornou uma figura muito famosa. No entanto, ao publicar outros livros como "Casa de alvenaria" e

"Provérbios", não obteve o mesmo êxito alcançado com sua obra inicial. Infelizmente, com o passar do tempo, Carolina Maria de Jesus acabou caindo no esquecimento. Somente a partir de 1998, a escritora voltou a ser objeto de atenção através de documentários e homenagens, finalmente sendo reconhecida como uma importante escritora de literatura. A socióloga Rafaella Fernandez, apresenta na sua tese que:

Em 2003, o cineasta negro Jeferson De produziu Carolina, filme com o qual a escritora tanto sonhara. Carolina foi apresentado na estreia do 31º Festival de Gramado, e recebeu prêmio de melhor fotografia; depois, no mesmo ano, ganhou o "Kikito", prêmio de melhor filme, além de ter sido premiado na 3ª Seleção Petrobras. Em 2014, foi lançado o documentário Vidas de Carolina, de Jéssica Queiroz, ganhador do prêmio "Criando Asas"; também, o documentário Das nuvens pra baixo: favela substantivo feminino (mulheres da favela da maré e Carolina Maria de Jesus), organizado pelos professores Marco Antonio Gonçalves (Antropólogo, Professor da UFRJ) e Eliska Altmann (Socióloga, Professora da UFRJ), além do filme norte-americano Precious (2009)<sup>75</sup>, inspirado em Carolina de Jesus. (FERNANDEZ, 2015, p.160)

Além desses documentários, existem outras homenagens a escritora como o documentário Favela: a vida na pobreza, Medalha Tiradentes post mortem, titulação de doutora honoris, uma estátua em homenagem a escritora, entre outras coisas.

No acervo da escritora Carolina Maria de Jesus do Instituto Moreira Salles<sup>14</sup> consta com o documentário Favela: a vida na pobreza, que foi gravado pelo alemão Christa Gottmann-Elter em 1971. Em 2014 no centenário da escritora, o Instituto Moreira Salles apresentou o documentário em homenagem a escritora, nesse evento teve a presença da Eunice de Jesus (filha da escritora Carolina), Audálio Dantas e Marisa Lajolo.

Em 2021 a Assembleia do Rio de Janeiro aprova Medalha Tiradentes post mortem<sup>15</sup> póstuma para a escritora Carolina Maria de Jesus que foi entregue a sua família, esse reconhecimento foi realizado a partir de um projeto protocolado pela deputada Mônica Francisco (Psol) que "considera uma justa homenagem, dentro do mês de lutas das mulheres, pela contribuição da autora de "Quarto de Despejo" para a literatura nacional." (FRANCISCO, 2021). Além disso, no mesmo ano a Universidade Federal do Rio de Janeiro

---

<sup>14</sup> Link: <https://ims.com.br/eventos/carolina-de-jesus-uma-voz-soberana-ims-rio/>, link para acessar ao documentário Favela: a vida na pobreza.

<sup>15</sup> Medalha Tiradentes post mortem é uma honraria que é destinada a premiar pessoas e entidades que prestaram relevantes serviços à causa pública do estado.

concedeu a titulação de doutora honoris<sup>16</sup> à Carolina Maria de Jesus.

De acordo com Maurice Halbwachs a importância do espaço como elemento central na relação entre memória coletiva e individual é fundamental. Ele argumenta que a memória é construída e evocada através de um contexto espacial específico, sendo influenciada pelos lugares onde os eventos ocorreram e pelas relações sociais que neles se desenvolveram. Dessa forma, o espaço da memória, conforme Halbwachs, é um conceito que enfatiza o caráter social e coletivo da memória. Ele ressalta que a memória individual está enraizada na memória coletiva, sendo moldada pela cultura, experiências compartilhadas e instituições sociais. O espaço desempenha um papel crucial na evocação e preservação da memória, oferecendo um contexto que dá significado aos eventos passados.

Em 2022, foi inaugurada uma estátua em Parelheiros, em homenagem à renomada escritora Carolina Maria de Jesus, que faleceu em 1977 na cidade. Essa celebração ocorreu devido à intensificação de uma polêmica que teve início quando manifestantes incendiaram a estátua do bandeirante Borba Gato, responsável por participar ativamente da escravização de negros e indígenas. Como resposta a esse episódio, a prefeitura de São Paulo anunciou a inauguração de estátuas representando 5 personalidades negras<sup>17</sup> que seriam homenageadas, incluindo a própria Carolina Maria de Jesus. Inicialmente, o local escolhido para instalar as estátuas era o parque linear em Parelheiros, o que gerou muita controvérsia. O jornal G1 São Paulo publicou a reportagem sobre a contestação do local da estátua.

Vera Eunice, filha de Carolina, fez uma visita ao parque durante o processo de instalação da estátua e afirmou à Secretaria Municipal de Cultura que o local era vazio e que o ideal era instalar a homenagem na praça central. Após as críticas, a gestão municipal acatou a solicitação de mudança do local da instalação. (G1 SÃO PAULO, 2022)

De acordo com Maurice Halbwachs (1990) a importância do espaço como elemento central na relação entre memória coletiva e individual é fundamental. Ele argumenta que a memória é construída e evocada através de um contexto espacial específico, sendo influenciada pelos lugares onde os eventos ocorreram e pelas relações sociais que neles se desenvolveram. Dessa forma, o espaço da memória, conforme Halbwachs, é um conceito que

---

<sup>16</sup> “que significa “por causa de honra”, reconhece aquelas personalidades com destaque na sociedade por suas virtudes e atitudes, independentemente da instrução educacional.” (BRASIL DE FATO, 2021)

<sup>17</sup> O cantor Itamar Assumpção, a escritora Carolina Maria de Jesus, a sambista Deolinda Madre, o atleta olímpico Adhemar Ferreira da Silva e o músico Geraldo Filme.

ênfatiza o caráter social e coletivo da memória. Ele ressalta que a memória individual está enraizada na memória coletiva, sendo moldada pela cultura, experiências compartilhadas e instituições sociais. O espaço desempenha um papel crucial na evocação e preservação da memória, oferecendo um contexto que dá significado aos eventos passados.

Com isso, o cenário da instalação da estátua da escritora em um lugar afastado e pouco movimentado mostra como essa estrutura do racismo ainda está estabelecida no Brasil, uma vez que as homenagens das personalidades negras aconteceram devido a pressão de manifestantes. Grada Kilomba (2008) e bell hooks<sup>18</sup> (1981) expõe que a mulher negra quando produz conhecimento os discursos apresentam tanto a dor da opressão como a emoção, principalmente por esta em conjunto da precariedade que hooks expõe que mesmo as mulheres negras que acabaram de chegar no “centro”, espaço dominado pela branquitude, são pouca que consegue ficar.

#### **1.4 Da Favela ao Mundo: As histórias de Carolina Maria de Jesus além do Brasil**

Ao analisar os escritos sobre Carolina Maria de Jesus, nota-se que existe uma lacuna no que refere aos estudos sobre a escritora, principalmente sobre os relatos de viagens que ela fez para fora do Brasil, são poucos trabalhos desenvolvidos sobre o tema. Encontrei somente um artigo de 2022 que aprofunda sobre o assunto, o “Deslocamentos: Carolina Maria de Jesus em viagem pela América Latina” de Marcelle Ferreira Leal, o artigo trata sobre as viagens da escritora para a América Latina, os relatos realizados por Carolina Maria de Jesus sobre sua trajetória pela Argentina, Uruguai e Chile entre os anos 1961 e 1962 para divulgar seu livro Quarto de Despejo: diário de uma favelada.

Vários dos trabalhos de Carolina Maria de Jesus estão distribuídos em diferentes partes do Brasil e em outros países ao redor do mundo<sup>19</sup>. Um desses trabalhos é o diário de viagem que ela escreveu durante sua visita à Argentina, Uruguai e Chile. Esse diário de viagem foi cuidadosamente registrado em 63 páginas, e publicado em conjunto com a

---

<sup>18</sup> O uso do nome de bell hooks em letra minúscula é uma prática adotada pela própria autora como uma declaração política. Ela escolheu esse nome em homenagem à sua avó e o emprega em letra minúscula como forma de desafiar as convenções linguísticas e acadêmicas. Essa escolha ênfatiza o trabalho de hooks ao invés de colocar o foco em sua identidade pessoal. Este texto respeita a preferência da autora ao escrever seu nome dessa maneira.

<sup>19</sup> Como o livro Diário de Bitita que foi publicado pela primeira vez na França em 1982.

tradução de sua obra "Casa de Alvenaria: diário de uma ex-favelada" para o espanhol. Essa publicação ocorreu em Buenos Aires, através da editora Abraxas, no ano de 1963. Os registros originais ainda encontram-se desconhecidos, “o acesso ao conteúdo se restringe à versão em língua espanhola e ainda não há uma edição em português dos escritos disponível no mercado editorial” (LEAL, 2022, p.19).

A maior parte da programação da viagem pela América Latina era para o lançamento do livro Quarto de Despejo e nos momentos vagos ela conhecia as cidades. Importante destacar que em todos os lugares que ela percorreu parou para conhecer *villas*, *cantegriles*, *callampas*, em outras palavras a favela de cada país que visitou. Carolina observava os problemas e as negligências com as comunidades pobres em cada país.

Durante o trajeto pela América Latina os jornalistas chilenos, argentinos e uruguaios questionavam a escritora sobre a situação que descrevia no livro Quarto de despejo, ao explicar sobre o cenário da favela no Brasil, resultou em problema com a editora brasileira “Dona Adelia”<sup>20</sup> que não aprovou o discurso da escritora Carolina Maria de Jesus que expõe a existência de fome no Brasil. “Estoy enojada con usted por decir en la Argentina que hay hambre en el Brasil./ - Sí que la hay. Y todos lo saben – respondí enérgicamente.” (JESUS, 1963, p.152-153)<sup>21</sup>

---

<sup>20</sup> Citação do livro Casa de Ladrillos. JESUS, Carolina Maria de. Diário de viaje. In: JESUS, Carolina Maria de. Casa de ladrillos. Buenos Aires: Abraxas, 1963. p. 128-191.

<sup>21</sup> Tradução: Estou irritada com você por dizer na Argentina que existe fome no Brasil.  
- Sim existe. E todo mundo sabe – respondi energicamente.

Figura 2 A escritora Carolina Maria de Jesus no Aeroporto de Viracopos, em viagem até o Uruguai para acompanhar o lançamento de seu livro "Quarto de Despejo". Campinas, SP, 13/12/1961.



Foto Arquivo/Estadão Conteúdo, 1961.

O percurso de Carolina Maria de Jesus pela América Latina iniciou pela Argentina; ela descreve como foi recebida nos três lugares, analisa as pessoas e as estruturas da cidade. Em Buenos Aires (Argentina) os primeiros registros começam no aeroporto quando foi recebida por fotógrafos, jornalistas e a pessoa que traduziu o livro Quarto de despejo, Carolina ficou encantada pela cidade. Ainda na Argentina a escritora percebeu que o idioma se aproxima do português, além disso, percebeu a ausência de pessoas negras na cidade.

O próximo país foi Uruguai, em Montevideu a escritora descreve que o trajeto foi rápido, já em Santiago (Chile) ocorreram situações muito desagradáveis como no momento em que foi recebida no país em que a pessoa que a recepcionou disse ¡Linda cosa!... ¡Soltera y con tres hijos!..." (JESUS, 1963, p. 168). Carolina foi questionada por ser solo com filhos. Marcelle Ferreira Leal expõe sobre os contatos que Carolina obteve durante a sua trajetória.

Consoante ao dito anteriormente, o motivo principal do deslocamento é a promoção de Quarto de despejo. Portanto, a maior parte da agenda da escritora consiste em sessões de autógrafos, participações midiáticas e presença em eventos oficiais. Os encontros possibilitam trocas não só

intelectuais e existenciais, mas de presentes também. A autora recebe visitas do pintor Viscardo de Sardi, que lhe dá um quadro intitulado Misericórdia, do escritor Bernardo Verbitsky e dá um passeio com o poeta Gustavo Soler. Relata que recebe muitos livros em terras uruguaias e ganha um poema de Pablo Neruda no Chile. (LEAL, 2022, p.22).

Durante a divulgação do livro Quarto de despejo Carolina Maria de Jesus pela América Latina desfrutou de contatos com vários famosos, como o pintor Viscardo de Sardi, o poeta Gustavo Soler, o poeta Pablo Neruda, o escritor Bernardo Verbitsky, alguns se encontraram com ela para visitar, dar presentes e passeios, isso mostra a dimensão da fama internacional da escritora Carolina Maria de Jesus. E essa dimensão não ocorreu somente na América Latina, Carolina fez fama em várias partes do mundo. O livro Quarto de Despejo se tornou referência nos estudos sobre o Brasil, o historiador norte-americano Robert M. Levine, “professor da State University de Nova York, incluiu em sua disciplina sobre a história da América Latina o diário de Carolina de Jesus.” (ARRUDA, 2015, p.16). O livro Quarto de despejo se tornou livro obrigatório no estudo sobre o Brasil.

O livro "Diário de Bitita"<sup>22</sup>, escrito pela escritora Carolina Maria de Jesus, é um exemplo de reconhecimento internacional. Após ser publicado pela primeira vez na França em 1982, cinco anos após o falecimento da autora em 1977, sob o título "Journal de Bitita" em francês, somente quatro anos depois a editora Nova Fronteira adquiriu os direitos de edição e tradução da obra para o português, renomeando como "Diário de Bitita".

Carolina Maria de Jesus compartilhou seus manuscritos originais com as jornalistas Maryvonne Lapouge e Clélia Pisa com o intuito de ter suas obras publicadas. Originalmente, ela havia intitulado as obras como "Minha vida", mas posteriormente decidiu alterar para "Um Brasil para os brasileiros". “Além do mais, o fato de conter passagens relacionadas à sua infância revela aspectos pouco valorizados de seu projeto de escritora.” (MEIHY; LEVINE, 1994, p 171).

Ao explorar as obras que foram publicadas no Brasil, é possível perceber que o livro "Diário de Bitita" se destaca por abordar a infância da escritora Carolina Maria de Jesus. Bitita, uma personagem que representa a infância, a pobreza e as dificuldades enfrentadas pela

---

<sup>22</sup> Bitita era um apelido de infância dado a Carolina Maria de Jesus, a escritora brasileira. De acordo com Tom Farias (2018), o apelido tem origem no termo feminino "mbita", da língua xichangana falada em Moçambique, ou "bita", uma corruptela dessa palavra. Ambas significam "panela de barro". É possível inferir que o diminutivo feminino singular desse termo resultou na palavra "bitita". Portanto, o apelido "bitita" faz referência a algo feito de barro, cuja cor pode ser ocre ou preta.

população marginalizada e negra na sociedade brasileira da época, resgata memórias profundas e impactantes. Embora Carolina tenha alcançado grande popularidade no Brasil, sua fama foi efêmera. No entanto, seus livros se tornaram amplamente conhecidos internacionalmente, enquanto, paradoxalmente, sua presença era gradativamente esquecida no Brasil

Nos primeiros anos de fama, Carolina Maria de Jesus se tornou um grande sucesso no Brasil, tanto que em 1961, seu livro "Quarto de despejo: diário de uma favelada" foi adaptado para o teatro, resultando em uma peça dirigida por Amir Haddad e estrelada pela atriz Ruth de Souza. Essa produção foi tão bem recebida que, em 1983, a peça chegou a ser reencenada como um episódio do programa "Caso Verdade" da Rede Globo, novamente com a participação da atriz Ruth de Souza.

Perpétua (2002) relata na sua tese "Traços de Carolina Maria de Jesus: gênese, tradução e recepção de Quarto de Despejo", que após o lançamento do livro de Carolina Maria de Jesus, a fama foi intensa, que o livro ficou por meses nos mais vendidos. Além disso, a autora cita que em setembro de 1960 a revista O Cruzeiro apresentou os rankings dos mais vendidos e Carolina estava na frente de autores como Bertrand Russel, Marechal Montgomery, Graham Greene e Jean-Paul Sartre. No livro Cinderela Negra, Levine e Meihy comentam sobre a recepção do livro "Quarto de despejo."

Feito o livro, uma verdadeira multidão de pessoas dirigiu-se às livrarias de São Paulo nos primeiros dias do mês de agosto de 1960, quando o texto foi lançado. Carolina sentada à mesa fora da loja autografou 600 cópias conversando com cada um dos leitores. (...) Carolina raiava então como um brado público contra as favelas. Nos três primeiros dias do lançamento do livro, dez mil volumes foram vendidos na cidade de São Paulo. Passados seis meses, 90 mil cópias haviam-se espalhado por todo o país. No espaço de um ano ela havia se equiparado, em vendagem, a Jorge Amado, e com ele se transformado no mais traduzido dos autores brasileiros de todos os tempos (Levine; Meihy, 1994, p. 25-26).

Como citei anteriormente, Carolina Maria de Jesus se tornou um grande sucesso no Brasil e no Mundo, no entanto essa fama durou pouco tempo, logo a escritora foi caindo no esquecimento. Acredito que essa situação ocorreu por causa de vários pontos, entre eles por ser uma produção negra e feminina que veio da favela. Até hoje acontece uma negligência com as produções e documentos da escritora, dificultando as pesquisas sobre a vida e obra de Carolina Maria de Jesus.

Carolina Maria de Jesus traz na sua obra a representação da cidade por um olhar da exclusão. No artigo “Para não ser trapo no mundo: as mulheres negras e a cidade na narrativa brasileira contemporânea”, a autora Regina Dalcastagnè faz uma análise desse olhar de fora dos muros da cidade. A escrita de Carolina é essencial para compreender essa paisagem urbana, principalmente devido à escassez de obras de autores negros que exploram a temática da cidade. Além disso, Carolina publica seus livros em uma época em que a literatura ainda era fortemente dominada por uma perspectiva branca, de classe média e masculina. Dalcastagnè comenta que essa dificuldade:

Envolve diretamente autores e autoras, é que, além de serem escassos os documentos sobre os negros e sua relação com a cidade, tampouco a tradição literária está disponível como recurso. Nossa poesia, nossos contos e romances não trazem modelos suficientemente ricos que possam servir de inspiração aos escritores – afinal, nunca coube aos negros o papel de protagonistas dessa história. (DALCASTAGNÈ, 2014, p. 292)

A perspectiva social de cada indivíduo influencia profundamente a forma como ele percebe e interpreta o mundo ao seu redor. Por esse motivo, as visões de mundo de pessoas pertencentes a diferentes grupos sociais, como mulheres e homens, empregados e patrões, negros e brancos, são distintas e únicas. Embora seja válido e enriquecedor contar com a contribuição de pessoas que não vivenciaram determinadas realidades, é fundamental também valorizar e dar voz a indivíduos como Carolina Maria de Jesus, que experienciou as situações e teve a oportunidade de compartilhar seus relatos.

No livro “Diário de Bitita” é possível analisar esse fascínio que Carolina criou sobre a cidade. O livro evidencia as lembranças da escritora quando criança, os sonhos e lutas da sua família. Carolina, dá destaque a lembrança do seu avô que contava histórias sobre as lutas dos negros. Além disso, seu avô contava que os negros não tinham um lugar pra si, sempre sendo expulsos dos lugares e que existia pessoas pretas que foram para cidade e conseguiram ter uma condição boa de vida: “O Vovô nos contava que os pretos que moravam nas cidades grandes já sabiam ler e tinham até dinheiro nos bancos. Ele não sabia ler, mas procurava saber se os negros já estavam subindo na esfera social.” (Jesus, 1986, p. 81). Nesse trecho Carolina mostra a esperança que existia na cidade, que sair do interior para a cidade era uma forma dela encontrar uma segurança, um espaço seu, uma condição de vida boa, em busca da “terra prometida”. Dalcastagnè escreve que:

A cidade não aparece como um pano de fundo amorfo nas obras de Carolina Maria de Jesus, não é apenas paisagem ou retrato, mas elemento de subjetivação e espaço de empoderamento. Afinal, é ali, transitando de um lado para outro, saindo às ruas para catar suas histórias – seja dentro da favela, seja nas suas cercanias, ou mesmo no centro de São Paulo – que ela se faz escritora. É ali que ela registra, por escrito e com grande alcance, uma profunda reflexão sobre quem tem o domínio sobre os espaços públicos no Brasil. E, assim, sua escrita se transforma, ela também, em lugar onde experiências se encontram e, de algum modo, se validam. Nesse sentido, é importante sublinhar o impacto da leitura de *Quarto de despejo* em outras mulheres, negras e pobres como a autora. (DALCASTAGNÈ, 2014, p. 295)

A capital de São Paulo para Carolina além de ser uma “terra prometida”, também era o lugar onde passava a maior parte do seu tempo cantando papéis e criando narrativas. Como afirma Dalcastagnè (2014), a cidade não é somente uma paisagem que Carolina encontra pelo caminho, mas é o lugar em que ela cria sua subjetividade.

Dessa forma, por meio da análise dos dados coletados sobre Carolina Maria de Jesus é possível obter uma compreensão sobre a forma que a escritora analisa a cidade ao seu redor. No entanto, Carolina não limita sua análise apenas à cidade em si. Sua obra também revela a influência que ela obteve fora do Brasil. Após a publicação de "*Quarto de Despejo*" em 1960, Carolina ganhou destaque internacional, chamando a atenção de escritores, intelectuais e ativistas. Sua obra foi traduzida para diversos idiomas e ajudou a divulgar a realidade das favelas brasileiras para o mundo. Carolina foi convidada a participar de conferências, palestras e entrevistas em diversos países, o que lhe proporcionou uma visibilidade e projeção internacional.

No segundo capítulo, busca-se examinar a construção intelectual da escritora Carolina Maria de Jesus e entender Carolina como um sujeito. Embora sua construção intelectual tenha sido limitada por fatores sociais e econômicos, Carolina demonstra um profundo conhecimento da realidade à sua volta e uma sensibilidade para captar e transmitir as experiências vividas pelos moradores das favelas. Seus escritos são uma forma de resistência e afirmação de uma identidade marginalizada.

## **2. CAPÍTULO II: CAROLINA MARIA DE JESUS: A CONSTRUÇÃO INTELECTUAL DE UMA ESCRITORA NEGRA**

“Não sou o objeto, mas o sujeito. Eu sou quem descreve minha própria história, e não quem é descrita. Escrever, portanto, emerge como um ato político.” (Grada Kilomba)

O segundo capítulo visa analisar o processo de construção intelectual da escritora Carolina Maria de Jesus, entender a Carolina como um sujeito. Trata sobre o papel da intelectualidade negra e como a linguagem foi historicamente utilizada pelas culturas europeias como uma forma de poder e dominação. Também, será abordado como essa situação tem afetado a produção literária das mulheres negras, destacando a influência desses aspectos na obra de Carolina. O capítulo inicia abordando sobre a representação da mulher negra na sociedade brasileira e como isso interfere na inserção dessas mulheres na sociedade e no mercado de trabalho. Além de tratar sobre a dificuldade das mulheres negras em serem reconhecidas como escritoras e ter papéis relevante nessa área, principalmente por ser um espaço dominado por figuras masculinas. Em seguida, são explorados os eventos e experiências na vida de Carolina Maria de Jesus antes da publicação de seu famoso livro “Quarto de Despejo.”

### **2.1 Quebrando barreiras: a representação das mulheres negras na sociedade brasileira**

As representações sociais são construções mentais que os indivíduos fazem para compreender a realidade social em que estão inseridos. Essas representações são fruto da interação entre sujeitos e sociedade, influenciadas pelos valores, crenças e normas presentes na cultura e no contexto social. De acordo com Serge Moscovici (1978), a representação social possui uma dupla dimensão: a dimensão individual (sujeito) e a dimensão coletiva (sociedade). Essas dimensões estão relacionadas entre si, uma vez que as representações sociais são construídas e transmitidas dentro de um contexto social, influenciando a forma como os indivíduos percebem e interpretam o mundo ao seu redor.

A representação social da mulher negra de acordo com Moscovici (2007) é construída por meio de um processo social de estereotipação e marginalização. Serge

Moscovici (2007) argumenta que a sociedade tende a atribuir características negativas e estereotipadas às mulheres negras, como a promiscuidade, a agressividade e a inferioridade intelectual. Essas representações sociais são influenciadas por fatores históricos, culturais e econômicos, que perpetuam a desigualdade e a discriminação racial. Moscovici enfatiza que a representação da mulher negra não é uma característica inerente, mas sim uma construção social que tem como objetivo manter um sistema de opressão e dominação.

A história “oficial” do Brasil é marcado por muitos equívocos, especialmente no período colonial ao retratar a escravidão como um sistema pacífico e isento de conflitos. No entanto, a historiadora negra Beatriz Nascimento (2021), que se dedicou ao estudo dos quilombos, apresenta evidências de que já em 1559 havia registros dos primeiros quilombos<sup>23</sup>. Essa omissão resultou em vários estereótipos sobre o negro, como passividade, incapacidade intelectual, infantilidade, entre outros.

Lélia Gonzalez (2020) destaca que a história "oficial" negligencia o fato de que o primeiro Estado livre de todo o continente americano foi estabelecido no Brasil Colônia, mais precisamente a República Negra de Palmares (1595-1695), localizada na antiga capitania de Pernambuco. De acordo com Gonzalez o que a história “oficial” “não enfatiza é que Palmares foi a primeira tentativa brasileira no sentido da criação de uma nova sociedade democrática e igualitária que, em termos político e socioeconômico, realizou um grande avanço.” (GONZALEZ, 2020, p. 51)

O esquecimento da contribuição da população negra na sociedade brasileira é um problema recorrente e que tem raízes profundas no racismo estrutural<sup>24</sup> presente no país. Essa omissão histórica é uma forma de opressão que nega o legado e a importância dos negros na formação do Brasil.

Ao analisar a situação da mulher negra na condição de escravizada, pode se identificar duas categorias em que elas se encontravam, “escrava de oito” e “mucama”. A “escrava de oito” refere-se a mulher negra escravizada que realizava trabalhos pesados no campo, como arar a terra, plantar e colher. Por outro lado, a “mucama” era responsável de

---

<sup>23</sup> Os quilombos eram locais de resistência e autonomia, onde os escravizados buscavam viver de maneira livre e organizada, mantendo suas culturas, tradições e formas de organização social.

<sup>24</sup> O racismo estrutural é um tipo de racismo que existente nas estruturas sociais, econômicas e políticas de uma sociedade. Ele abrange as injustiças e desigualdades que são sistemáticas e inerentes a essas estruturas e que, muitas vezes, são imperceptíveis. O racismo estrutural é geralmente sutil e pode ser perpetuado por práticas e políticas há muito tempo enraizadas, como a discriminação de candidatos a empregos ou a falta de acesso a serviços de saúde de qualidade para as comunidades marginalizadas.

fazer os serviços da casa-grande, como lavar, passar, cozinhar, amamentar as crianças das sinhás.

A categoria de mucama, deu origem a mãe-preta que era responsável por criar os filhos das sinhás. A mãe-preta servia como um exemplo da visão estereotipada de que os escravizados eram dóceis e pacíficos, além disso, o termo "mãe-preta" geralmente é utilizado de forma romantizada para se referir às mulheres negras que desempenham papéis maternos ou cuidadores na sociedade. Esta romantização pode ocorrer em diversos contextos, como na literatura, em músicas ou até mesmo em discursos políticos. No livro Casa-Grande e Senzala de Gilberto Freyre retrata esse estereotipo da mãe-preta.

“Quanto às mães-pretas, referem as tradições o lugar verdadeiramente de honra que ficavam ocupando no seio das famílias patriarcais. Alforriadas, arredondavam-se quase sempre em pretalhonas enormes. Negras a quem se faziam todas as vontades: meninos tomavam-lhe a bênção; os escravos tratavam-nas de senhoras; os boleiros andavam com elas de carro. E dia de festa, quem as visse anchas e enganjentas entre brancos da casa, havia de supô-las senhoras bem-nascidas; nunca ex-escravas vindas da senzala. É natural que essa promoção de indivíduos à Casa-Grande, para o serviço doméstico mais fino, se fizesse atendendo a qualidade físicas e morais; e não à toa e desleixadamente. A negra ou mulata para dar de mamar a nhônhô, para contar-lhe histórias, às vezes substituir-lhe a própria mãe – é natural que fosse escolhida dentre as melhores escravas da senzalas. Dentre as mais limpas, mais bonitas, mais fortes. (FREYRE, 1933, p.406)

A visão de Gilberto Freyre teve um grande impacto durante a época em que se construía uma identidade nacional. Entretanto, ao educar os filhos de seus senhores, as mães-pretas contavam diversas histórias africanas, o que acabou, querendo ou não, transmitindo conhecimentos e preservando culturas africanas para os brasileiros brancos. Dessa forma, foi através da figura da mãe-preta que houve uma africanização do português falado no Brasil (chamado de "pretuguês"). Conseqüentemente, a mãe-preta desempenhou um papel de resistência passiva, preservando e difundindo aspectos da cultura africana no contexto da escravidão no Brasil.

Em relação ao “pretuguês”, Lélia Gonzalez (2020) destaca que muitos insistem em chamar os negros de ignorantes por sua forma de falar, desconsiderando que a presença do R no lugar do L é uma característica de um idioma africano no qual o L não existe. Então, ao mesmo tempo que essas mesmas pessoas que acham impressionante a forma de falar brasileira, que elimina o R dos infinitivos verbais e abrevia palavras como "você" para "cê" e "está" para "tá". Elas não percebem que, na verdade, estão falando "pretuguês".

No contexto da formação econômica da mulher negra, pode-se constatar a existência de uma discriminação acentuada nas exigências de "educação" e "boa aparência" para trabalhar em cargos que envolvem atendimento ao público. Mesmo quando a mulher negra adquire um alto nível de educação, a questão racial continua presente. No Brasil, ser mulher e negra implica em enfrentar uma tripla discriminação, especialmente se a mulher pertencer à classe social mais baixa, o que a torna alvo de uma dupla opressão. Essas circunstâncias estão diretamente relacionadas às raízes da dominação colonial.

De acordo com a antropóloga Rita Segato (2021), a dominação colonial não se restringe apenas à forma como os povos nativos foram subjugados e oprimidos pelos colonizadores europeus. Segato, argumenta que a lógica da dominação colonial permeou e influenciou todos os aspectos das sociedades colonizadas, inclusive em termos de raça, gênero, classe e sexualidade. A colonialidade do poder (cunhado por Aníbal Quijano) refere-se às relações de poder assimétricas e hierárquicas que foram estabelecidas e ainda são mantidas nas sociedades pós-coloniais. Essas relações de poder são sustentadas por uma mentalidade colonial que coloca os povos colonizados em posições de subalternidade e inferioridade em relação aos colonizadores.

## **2.2 Desafios enfrentados pela mulher negra no mercado de trabalho**

A mulher negra no Brasil muitas vezes encontra-se em trabalhos domésticos ou em serviços de baixa remuneração. Segundo Gonzalez (2020), a sociedade brasileira tende a enxergar a mulher negra através de duas perspectivas profissionais: a doméstica e a "mulata". No entanto, é importante destacar que o termo "mulata" atualmente possui um significado mais moderno, relacionado à ideia de ser um "produto de exportação", e não apenas se refere à filha mestiça de pessoa negra com pessoa branca. De acordo com Lélia Gonzalez:

O termo “mulata” implica a forma mais sofisticada de reificação: ela é nomeada “produto exportação”, ou seja, objeto a ser consumido pelos turistas e pelos burgueses nacionais. Temos aqui a enganosa oferta de um pseudomercado de trabalho que funciona como um funil e que, em última instância, determina um alto grau de alienação. Esse tipo de exploração sexual da mulher negra se articula a todo um processo de distorção, folclorização e comercialização da cultura negra brasileira. Que se pense no processo de apropriação das escolas de samba por parte da indústria turística, por exemplo, e no quanto isso, além do lucro, se traduz em imagem internacional favorável para a “democracia racial brasileira”. (GONZALEZ,

O conceito "mulata" como produto de exportação traz a figura sensualizada da mulher negra que foi historicamente explorada e comercializada internacionalmente, em especial no mercado do entretenimento. Isso perpetuou a visão exótica e fetichizada das mulheres negras, contribuindo para a perpetuação do racismo e da objetificação.

No conhecido ditado popular cunhado por Gilberto Freyre “Branca para casar, Mulata para fornicar, negra para trabalhar”, podemos notar a maneira como a sociedade brasileira enxerga a mulher negra. Nesse contexto, o corpo da mulher negra é associado ao trabalho árduo, muitas vezes exercido em ocupações como faxineira ou cozinheira. Ela acaba sendo explorada economicamente, devido às desigualdades sociais e raciais presentes no país. Por outro lado, a figura da mulata é retratada como um objeto de prazer, um corpo sensualizado que se destaca principalmente durante o carnaval. É evidente, portanto, uma visão estereotipada das mulheres negras, que as classifica de forma limitada como força de trabalho pesado ou meros objetos de desejo, sem considerar sua individualidade e subjetividade.

A mulher negra tem enfrentado ao longo da história uma relação complexa com o mercado de trabalho, que tem sido marcada por desigualdades e discriminações persistentes. Desde a época em que eram tratadas como mucamas até hoje, quando muitas ainda ocupam postos de trabalho doméstico, a mulher negra tem sido vítima de uso e violência. A situação econômica da mulher negra é caracterizada pelo patriarcado e racismo, em contraste com a mulher branca da elite, que era vista como esposa e responsável pelo lar.

A partir do ano de 1930, houve uma queda no desenvolvimento das regiões rurais no Brasil, enquanto as áreas urbanas passaram por um aumento considerável. Esse cenário resultou no êxodo de muitas pessoas que moravam no campo para as cidades, incluindo a escritora Carolina Maria de Jesus. Nesse contexto, as mulheres e crianças passaram a desempenhar um papel importante na contribuição para a renda familiar, anteriormente responsabilidade exclusiva dos maridos.

Naquela época, obter um emprego requeria qualificações, mas a educação não estava tão acessível para as mulheres. Essas restrições resultaram em direcionamentos profissionais predominantemente para empregos considerados "femininos", permitindo que homens brancos ocupassem os cargos de maior prestígio na hierarquia corporativa. Em meio a essa

dinâmica, é importante indagarmos sobre a posição ocupada pelas mulheres negras nessa hierarquia complexa, quais são suas posições nessa hierarquia?

Segundo Beatriz Nascimento (2021), estudos recentes que analisaram os dados dos recenseamentos de 1940, 1950 e 1970 constataram um aumento no acesso das mulheres brancas ao ensino superior, o que resultou em uma diminuição proporcional da desigualdade educacional em relação aos homens brancos. Porém, essa tendência não foi observada de maneira semelhante para a população negra e mestiça, especialmente no que se refere às mulheres negras. Existem duas razões essenciais que tornam a situação do aumento do acesso da mulher branca no mercado de trabalho diferente da mulher negra, de acordo com Beatriz Nascimento.

O primeiro, porque a mulher negra ainda não teve acesso suficiente à educação para qualificar-se para esses tipos de empregos burocráticos. O segundo, porque esses empregos implicam relações públicas ou relações com o público. Por exemplo, comércio de mercadorias. Nesse contexto, o critério racial se faz mais seletivo, mantendo a mulher negra nos empregos tradicionais, ou então trabalhando como operária industrial. (NASCIMENTO, 2021, p. 60)

A falta de acesso à educação perpetua a marginalização das mulheres negras na sociedade. A partir do momento em que são excluídas do sistema educacional, elas ficam limitadas em suas oportunidades de trabalho, têm menos acesso a recursos econômicos e enfrentam dificuldades para que suas vozes sejam ouvidas e respeitadas.

No quadro 4 apresenta a distribuição ocupacional dos trabalhos urbanos brasileiros por raça e gênero, 1960 e 1980, que está dividido em “Colarinho Branco” (gerente-administradores, profissionais técnicos, escritório ou administrativo) e “Colarinho Azul” (trabalhadores manuais qualificados, transportes, comunicações, serviços manuais ou pessoais não qualificados). Na classificação de 1960 as mulheres se encontram principalmente nos trabalhos manuais não qualificado e serviço pessoais.

Existe um contraste gritante em relação as mulheres brancas e mulheres afro-brasileiras apresentada no quadro 4, nos trabalhos manuais a porcentagem das mulheres negras é de 74% comparado com as mulheres brancas 35,7%. É possível perceber que como o avanço econômico, no ano de 1980, as mulheres que em sua maioria era do colarinho azul (trabalho manual não qualificado) passou para o colarinho branco, no entanto, a desigualdade

em relação de gênero e raça ainda era perceptivo. Esse aumento socioeconômico beneficiou a população branca, visto que 63,1 % das mulheres branca alcançaram empregos com uma remuneração melhor e somente 34,1% das mulheres afro-brasileiras tiveram a mesma oportunidade, sendo quase a metade.

Quadro 4 Distribuição Ocupacional dos Trabalhos Urbanos Brasileiros por Raça e Gênero, 1960 e 1980.

**Tabela 2 - Distribuição Ocupacional dos Trabalhadores Urbanos Brasileiros por Raça e Gênero, 1960 e 1980.**

	1960			1980		
	Branco (1) (%)	Afro-Bras (2) (%)	(1)-(2) (3) (%)	Branco (4) (%)	Afro-Bras (5) (%)	(4)-(5) (6) (%)
<b>Mulheres</b>						
<i>Colarinho branco</i>						
Gerente, Administrador	0,7	0,1	0,6	3,9	1,5	2,4
Técnico, Profissional	26,4	8,1	18,3	26,7	14,3	12,4
Administrativo	21,2	3,7	17,5	32,5	18,3	14,2
Total	48,3	11,9	36,4	63,1	34,1	29,0
<i>Colarinho azul</i>						
Manual qualificado	15,8	13,8	2,0	17,5	21,9	-4,4
Transportes, Comunicações	0,3	0,3	0,0	0,2	0,4	-0,2
Manual não qualificado, serviços pessoais	-35,7	74,0	-38,3	19,3	43,5	-24,2
Total	51,8	81,1	-36,3	37,0	65,8	-28,8
<i>Colarinho azul</i> Total	100,1	100,0		100,1	99,9	
<b>Homens</b>						
<i>Colarinho branco</i>						
Gerente, Administrador						
Técnico, Profissional	13,4	8,3	5,1	14,5	6,9	7,6
Administrativo	28,1	8,4	13,9	22,4	14,9	7,5
Total	37,6	17,2	20,4	46,5	25,2	21,3
<i>Colarinho azul</i>						
Manual qualificado	38,4	54,5	-16,1	41,2	61,1	-19,9
Transportes, Comunicações	11,4	16,6	-5,2	9,3	10,7	-1,4
Manual não- qualificado, serviços pessoais	12,6	11,7	0,9	3,1	3,1	0,0
Total	62,4	82,8	-20,4	53,6	74,9	-21,3
<i>Colarinho azul</i> Total	100,0	100,0		100,1	100,1	

Fontes: Estimativas derivadas da amostragem dos censos de 1960 (1,0%) e 1980(0,8%).  
Nota: Discrepâncias de totais de 100,0 são devidas a arredondamentos.

Fonte: LOVELL, 1995, p. 51.

Ao analisar o contexto atual da sociedade brasileira, é evidente que a mulher negra ocupa uma posição desvantajosa em relação aos homens brancos, mulheres brancas e homens negros. Essa realidade reflete um histórico de marginalização que persiste até hoje. As

oportunidades de emprego para a maioria das mulheres negras, lamentavelmente, estão concentradas em ocupações que remetem ao período da escravidão, em especial no trabalho doméstico.

De acordo com a pesquisa conduzida pelo IBGE, divulgada na matéria do jornal "G1 Trabalho e Carreira"<sup>25</sup>, as mulheres negras enfrentam maior dificuldade para ingressar no mercado de trabalho. Enquanto a taxa de desemprego geral atingiu 9,3% no segundo trimestre de 2022, entre as mulheres negras esse número alcançou 13,9%. Comparativamente, a taxa de desemprego entre os homens negros é menor que a média nacional, ficando em 8,7%.

Além disso, o quadro 4 evidencia que a maioria das mulheres negras está concentrada em ocupações relacionadas a Serviços domésticos, Comércio e setores como Educação, saúde humana e serviços sociais. É relevante destacar que a participação das mulheres negras (16,4%) nos serviços domésticos é quase o dobro em comparação às mulheres brancas (8,8%). Nesse sentido, é possível perceber gritantemente a desigualdade que afeta especificamente as mulheres negras, uma vez que essa desigualdade é resultado da interseção de fatores de opressões como racismo, sexismo e classe social.

Quadro 5 Mulheres negras têm maior participação em serviços domésticos

Grupamento de atividade principal	2º trimestre de 2022				Total
	Mulheres Negras	Homens Negros	Mulheres Não Negras	Homens Não Negros	
Agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura	4,6	14,1	3,7	10,5	8,9
Indústria geral	9,6	14,4	10,9	15,6	12,9
Construção	0,5	14,8	1,0	10,2	7,6
Comércio, reparação de veículos automotores e motocicletas	19,2	19,5	18,5	19,7	19,3
Transporte, armazenagem e correio	1,3	8,0	1,4	8,2	5,2
Alojamento e alimentação	8,2	4,6	6,4	3,6	5,5
Informação, comunicação e atividades financeiras, imobiliárias, profissionais e administrativas	9,0	9,5	14,3	15,5	11,9
Administração pública, defesa e seguridade social	4,2	5,4	5,5	5,5	5,2
Educação, saúde humana e serviços sociais	19,7	4,8	22,6	6,4	12,2
Outros Serviços	7,1	3,9	6,8	3,9	5,2
Serviços domésticos	16,4	1,0	8,8	0,7	6,0
Atividades mal definidas	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
<b>Total</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Dieese/IBGE, 2022

<sup>25</sup> Link: <https://g1.globo.com/trabalho-e-carreira/noticia/2022/11/19/com-maior-taxa-de-desemprego-e-menor-rendimento-mulheres-negras-sao-as-mais-prejudicadas-no-mercado-de-trabalho.ghtml>

Com base nas considerações feitas por Leila Gonzalez (2020), podemos perceber que a falta de perspectivas da mulher negra em relação a novas oportunidades leva-a a se dedicar aos serviços domésticos, colocando-a em uma posição de submissão e dependência das famílias de classe média branca. A empregada doméstica tem sofrido um processo de internalização da diferença, sendo constantemente reforçada a ideia de sua "inferioridade" e subordinação. No entanto, é ela quem possibilitou e continua possibilitando a independência econômica e cultural de suas patroas, através do desempenho da dupla jornada de trabalho. Sueli Carneiro enfatiza a forma como a sociedade brasileira enxerga as mulheres negras.

Quando falamos em romper com o mito da rainha do lar, da musa idolatrada dos poetas, de que mulheres estamos falando? As mulheres negras fazem parte de um contingente de mulheres que não são rainhas de nada, que são retratadas como antimusas da sociedade brasileira, porque o modelo estético de mulher é a mulher branca. Quando falamos em garantir as mesmas oportunidades para homens e mulheres no mercado de trabalho, estamos garantindo emprego para que tipo de mulher? Fazemos parte de um contingente de mulheres para as quais os anúncios de emprego destacam a frase: "Exige-se boa aparência". (CARNEIRO, 2003, p. 02)

Ao destacar que as mulheres negras não são vistas como rainhas ou musas, e sim como antimusas, evidencia-se a maneira como o padrão estético da mulher branca é exaltado e imposto como o único válido. Essa valorização unidimensional da beleza branca acaba por excluir e marginalizar as mulheres negras, que são constantemente invisibilizadas. A frase "Exige-se boa aparência" nos anúncios de emprego é uma forma sutil de discriminação, que acaba por excluir as mulheres negras, uma vez que o conceito de "boa aparência" está fundamentado nos padrões eurocêntricos de beleza.

### **2.3 Enegrecendo as Lutas: A Mulher Negra nos Movimentos Sociais Brasileiros**

Historicamente, as mulheres negras foram excluídas dos espaços de poder e suas vozes foram silenciadas. Apesar disso, sempre estiveram presentes ativamente nos movimentos sociais, principalmente no movimento negro e movimento de favelas. No cenário do movimento de favelas, a presença da mulher negra é caracterizada por suas lutas, resistência e superação.

Nas favelas brasileiras, existe uma maior concentração de população negra, sendo as mulheres negras as mais afetadas pela combinação de desigualdade social, racial e de gênero.

Essas comunidades surgiram, principalmente no século XX, como resultado da ocupação irregular do espaço urbano por pessoas que buscavam melhores condições de vida. No entanto, tais localidades, majoritariamente habitadas por pessoas negras, foram alvo de marginalização e exclusão dos serviços básicos providos pelo Estado, como saneamento, acesso à saúde e educação de qualidade. Ao longo do tempo, as mulheres negras oriundas dessas comunidades se organizaram e se uniram em prol de suas reivindicações por direitos e por melhores condições de vida.

As mulheres negras também fizeram parte do movimento de mulheres, porém, elas enfrentaram uma falta de representatividade dentro do movimento feminista. Durante encontros e congressos, as mulheres negras levantavam a questão do racismo, enfatizando sua importância para as lutas feministas. No entanto, muitas mulheres brancas consideravam esses assuntos como irrelevantes. Segundo Gonzalez (2020), as mulheres brancas chegavam a rotular as mulheres negras como "não feministas" e "agressivas", especialmente quando elas denunciavam a exploração das empregadas domésticas por suas patroas. Um exemplo desse tipo de episódio foi destacado por Rosalia de Oliveira Lemos durante uma reunião no movimento feminista.

Um dos episódios que me vem à memória refere-se a uma das reuniões do movimento feminista, quando as brancas contestavam nossas falas sobre a importância da luta por creches comunitárias. Ora, como éramos as babás e as empregadas domésticas de suas casas e, as nossas crianças ficavam "soltas" nas favelas quando trabalhávamos, o que poderia justificar a adesão às nossas reivindicações, mas "elas" foram aliadas às nossas propostas. A luta por creches comunitárias era uma bandeira tão importante para as mulheres negras moradoras das áreas pobres, que assumíamos com toda a força em nossa ação política. (LEMOS, 2016, p.19)

Apesar do movimento feminista ter sido fundamental na abordagem de questões como sexualidade, violência e direitos reprodutivos, a questão racial muitas vezes foi esquecida. Lélia Gonzalez, em 2020, destacou que a categoria "infans" reforça essa visão do movimento feminista ao retratar a mulher negra como um objeto de dominação, infantilizando-a e negando sua humanidade. Isso é evidente na negação do seu direito de ser sujeito, tanto em sua própria expressão como na sua própria história.

Dentro do contexto do movimento negro, não houve uma igualdade significativa, já que também houve várias ocorrências de machismo. Isso se deve, em grande parte, ao fato de ser liderado por homens negros, o que levou a designação de atividades consideradas

"femininas" para as mulheres negras. Apesar disso, as mulheres negras mostraram uma maior afinidade com o movimento negro do que com o movimento feminista, devido às experiências histórico-culturais compartilhadas entre elas.

Dessa forma, surge a necessidade de um movimento que abrange a interseção das questões de raça, classe e gênero, especialmente por parte das mulheres negras. Como o movimento feminismo negro decolonial que se baseia na ideia de que existe uma colonialidade do poder presente na sociedade brasileira, que perpetua a opressão e perpetuação das desigualdades sociais e raciais. Portanto, o feminismo negro decolonial busca descolonizar o pensamento feminista tradicional, que muitas vezes é branco e eurocêntrico, e trazer uma perspectiva antirracista e intercultural para a luta feminista. Um dos eventos marcantes desse processo foi a criação do Nzinga<sup>26</sup>.

E é nesse contexto que se insere a criação do Nzinga – Coletivo de Mulheres Negras no dia 16 de junho de 1983, justamente na sede da Associação de Moradores do Morro dos Cabritos, por um grupo de mulheres originárias sobretudo do movimento de favelas e do movimento negro: Jurema Batista (movimento de favelas), Geralda Alcântara (movimento de favelas), Miramar da Costa Correia (movimento de bairros), Sonia C. Da Silva (movimento de favela), Sandra Helena (movimento de favelas), Bernadete Veiga de Souza (movimento de favela), Victoria Mary dos Santos (Movimento negro) e Lélia Gonzalez (movimento negro). Em meados de julho daquele mesmo ano, a companheira Jurema Batista (fundadora e presidente da Associação de Moradores do Morro de Andaraí) seguia para Lima como delegada do Nzinga para II Encontro Feminista da América Latina e do Caribe, juntamente com duas representantes do Grupo de Mulheres Negras do Rio de Janeiro (e atuação dessas companheiras foi de tal ordem que conseguiram que se criasse um Comitê Antirracismo no Encontro). Pela primeira vez na história do feminismo negro brasileira, uma favelada representava no exterior uma organização específica de mulheres negras. (GONZALEZ, 2020, p.107)

A presença de Jurema Batista como delegada do Nzinga no II Encontro Feminista da América Latina e do Caribe, realizada em Lima no mesmo ano, foi uma conquista histórica. Pela primeira vez na história do feminismo negro brasileiro, uma mulher proveniente de uma favela representava no exterior uma organização específica de mulheres negras. Essa conquista demonstrou a relevância do Nzinga e seu papel na luta antirracista e feminista.

---

<sup>26</sup> “A escolha do nome de Nzinga tem a ver com a nossa preocupação de resgatar um passado histórico recalcado por uma “história” que só fala dos nossos opressores. A famosa rainha Jinga (Nzinga) teve um papel da maior importância na luta contra o opressor português em Angola.” (GONZALEZ, 2020, p. 108)

Ao levar em conta a interseccionalidade<sup>27</sup>, é importante para uma compreensão mais completa das experiências e lutas enfrentadas pelas mulheres negras, que enfrentam discriminação em múltiplos aspectos de suas vidas. É fundamental destacar que a interseccionalidade não deve ser interpretada como uma hierarquia de opressão, mas sim como uma abordagem que analisa como diferentes formas de opressão se entrelaçam nos grupos sociais.

Várias teóricas debruçaram para abordar a interseccionalidade, cada uma com uma visão. O termo "interseccionalidade" foi cunhado pela primeira vez por uma jurista negra e norte-americana chamada Kimberlé Crenshaw, em seu artigo de 1989 intitulado "Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence against Women of Color" (Mapeando as Margens: Interseccionalidade, Política de Identidade e Violência contra Mulheres de Cor).

De acordo com o pensamento de Crenshaw (1989) as opressões e desigualdades enfrentadas por mulheres negras não podiam ser adequadamente compreendidas e abordadas apenas a partir da visão do feminismo ou do antirracismo, mas exigiam uma análise que considerasse a interseção de raça, gênero e outras categorias sociais. Com isso, o conceito de interseccionalidade foi desenvolvido como uma abordagem teórica e política para entender as formas complexas de opressão e desigualdade que afetam as pessoas com múltiplas identidades marginalizadas.

Segundo Carla Akotirene (2019), a interseccionalidade representa a compreensão de que as mulheres negras não são apenas vítimas e as mais oprimidas em uma sociedade capitalista, sexista e racista. No entanto, é comum que as mulheres negras sejam reduzidas a uma única identidade, e quando essas identidades se cruzam, ocorrem problemas e negligências, conforme a metáfora de Kimberlé Crenshaw. Ao buscar ajuda política e teórica para lidar com essa mulher negra que foi prejudicada por essa estrutura opressora, tanto o movimento negro quanto o feminista falham.

O movimento negro falha por ter uma perspectiva teórica e metodológica voltada

---

<sup>27</sup> A interseccionalidade é um conceito teórico e político que se refere à forma como diferentes formas de opressão, como raça, gênero, classe social, sexualidade, deficiência, entre outros, se intersectam e se sobrepõem, afetando a experiência e as condições de vida de uma pessoa ou grupo. Essas formas de opressão não podem ser tratadas de forma isolada, mas devem ser analisadas e compreendidas em conjunto, levando em consideração a complexidade e a interconexão dessas diferentes identidades e sistemas de poder. A interseccionalidade busca, portanto, reconhecer e dar visibilidade às experiências e lutas específicas de pessoas que são marginalizadas e oprimidas por múltiplos fatores, além de promover a justiça social e a igualdade para todas as pessoas, independentemente de sua diversidade.

apenas para socorrer o homem negro. Da mesma forma, o movimento feminista de mulheres brancas falha ao universalizar a experiência da mulher e esquecer ferramentas e conexões teóricas que possam compreender esse acidente ocorrido contra a mulher negra, considerando sua dupla identidade de mulher e negra. Portanto, a interseccionalidade traz consigo uma perspectiva que não se baseia em apenas uma categoria.

O pensamento feminista se deu mediante a construção a ferro e águas atlânticas, e a interseccionalidade veio até nós como ferramenta ancestral. Não por acaso, Sojourner Truth, nascida acorrentada ao escravismo, vendida em leilão aos nove anos de idade, junto ao gado, tornou-se pioneira do feminismo negro. Em discurso de improviso *Eu não sou uma mulher?*, proferido em 1851, durante a Convenção dos Direitos das Mulheres de Ohio, em Akron, ela denunciou que “ninguém nunca me ajudou a subir nas carruagens, nem pular poças de lama [...], eu tive treze filhos e vi a maioria ser vendida pra escravização”. Nestes fragmentos, a intelectual pioneiramente articula raça, classe e gênero, questionando a categoria mulher universal, mostrando que se a maternagem obrigatória revela um destino biológico para todas as mulheres, seria apropriado ressaltar que os filhos e as filhas das africanas eram vendidos escravizados. (AKOTIRENE, 2019, p.17)

Interessante tratar sobre o discurso de Sojourne Truth, visto que foi um dos mais impactantes e significativos discursos proferidos na história dos movimentos pelos direitos das mulheres e pela igualdade racial nos Estados Unidos. Já é possível observar argumentações e debates no ano de 1851 que abordam questões semelhantes às que são discutidas atualmente no contexto da interseccionalidade, embora o termo propriamente dito ainda não fosse utilizado na época.

Sojourne Truth abordou questões profundas sobre a desigualdade entre mulheres e raças. Ela argumentou que, como mulher negra, ela não recebia o mesmo tratamento que mulheres brancas. Ela questionou a existência de uma "mulher universal", e defendeu que as diferenças raciais e de gênero deveriam ser reconhecidas e levadas em conta para que todas as mulheres pudessem ter acesso aos mesmos direitos. Ela teceu um discurso que ficou marcado como um marco na luta pela igualdade racial e de gênero. A partir desses debates sobre a interseção de gênero, classe e raça começa a surgir movimentos de mulheres negras e o feminismo negro.

Existem diversas intelectuais negras que antes mesmo do surgimento do termo “interseccionalidade” já haviam debatido sobre as opressões vivenciadas pelas mulheres negras. Por exemplo, a brasileira Lélia Gonzales que pesquisou sobre a mulher negra e foi pioneira na discussão do feminismo negro no Brasil, além de criticar o racismo e o machismo

da sociedade. A escritora e ativista norte-americana Angela Davis também é uma figura importante no feminismo negro brasileiro. A poeta e ativista feminista Audre Lorde escreveu amplamente sobre a interseção de raça, gênero, classe e sexualidade. A escritora Carolina Maria de Jesus, com seu livro “Quarto de Despejo”, também traz à tona essas opressões.

Portanto, embora haja algumas melhorias ao longo dos anos, a mulher negra ainda enfrenta opressão resultante do preconceito racial e de gênero. Carregando consigo as marcas da escravidão, elas são muitas vezes relegadas a serviços domésticos, por conta da ideia arraigada de que devem servir aos outros. Além disso, Frantz Fanon (1961) descreve que a colonização como um processo, não se limita à exploração econômica e dominação política, mas que também afeta a subjetividade e a identidade das pessoas colonizadas. Fanon (1961) argumenta que a colonização cria uma mentalidade de inferioridade e dependência nas pessoas colonizadas, que passam a internalizar os valores e ideais do colonizador, considerando-se inferiores, por isso a importância da “descolonização das mentes”.

A descolonização das mentes proposta por Frantz Fanon não é apenas um processo individual, mas também coletivo e político. A luta pela independência política não pode ser separada da luta pela libertação das mentes, pois ambas são interdependentes. A libertação das mentes é uma parte essencial do processo de emancipação das sociedades colonizadas, pois o racismo é internalizado e pode afetar a autoestima e a autoconfiança. É necessário desconstruir os estereótipos negativos associados às mulheres negras e reconstruir uma imagem positiva de si mesmas e de sua comunidade. Com a descolonização da mente também implica em questionar e desafiar os discursos dominantes que marginalizam as vivências das mulheres negras. Significa reivindicar espaço e voz para compartilhar suas experiências, conhecimentos e perspectivas.

#### **2.4 A construção intelectual da escritora Carolina Maria de Jesus**

Ao longo do tempo, tem ocorrido uma tendência em relegar ao esquecimento a trajetória histórica das mulheres, em particular as mulheres negras, uma vez que a narrativa histórica predominante é dominada por figuras masculinas. Essa prática de apagamento tem contribuído para perpetuar uma visão unidimensional e incompleta da história.

As mulheres negras são constantemente marginalizadas e invisibilizadas nos discursos e nas instituições acadêmicas. De acordo com bell hooks (1995) os obstáculos

enfrentados no exercício da intelectualidade diante da discriminação e desvalorização da mulheridade negra. Ela defende a importância de promover a visibilidade e a valorização do conhecimento e das perspectivas das intelectuais negras, a fim de desafiar e romper com essas estruturas de poder opressivas. E trata sobre o conceito dessa desvalorização da produção da mulher negra.

É o conceito ocidental sexista/racista de quem e o quê é um intelectual que elimina a possibilidade de nos lembrarmos de negras como representativas de uma vocação intelectual. Na verdade, dentro do patriarcado capitalista com supremacia branca toda a cultura atua para negar às mulheres a oportunidade de seguir uma vida da mente, torna o domínio intelectual um lugar interdito. Como nossas ancestrais do século XIX só através da resistência ativa exigimos nosso direito de afirmar uma presença intelectual. O sexismo e o racismo atuando juntos perpetuam uma iconografia de representação da negra que imprime na consciência cultural coletiva a ideia de que ela está neste planeta principalmente para servir aos outros. (hooks, 1995, p. 468)

O termo "intelectual negra" de bell hooks (1995) ressalta a importância de uma abordagem interseccional da análise social, que considera as múltiplas formas de opressão que as mulheres negras enfrentam, como a discriminação racial, de gênero e de classe. Ao enfatiza a necessidade de ouvir e aprender com as vozes das mulheres negras, reconhecendo a sua importância para o avanço do pensamento crítico e da resistência contra as formas de opressão.

Além disso, as mulheres negras enfrentam barreiras estruturais para acessar oportunidades educacionais e intelectuais. A falta de acesso a recursos financeiros e a políticas educacionais discriminatórias dificultam sua entrada nas instituições acadêmicas e suas chances de progresso na carreira intelectual. Muitas vezes, seus trabalhos são ignorados, minimizados ou atribuídos a outros autores brancos. Isso acontece devido à persistência dos estereótipos racistas que associam a mulher negra à ignorância e à falta de capacidade intelectual.

De acordo com Walter Dignolo (2008), o pensamento eurocêntrico e eurocentrado tem sido imposto ao redor do mundo através da disseminação da linguagem e da epistemologia ocidental. Isso ocorre devido ao poder e influência que o Ocidente tem exercido ao longo da história, seja através do colonialismo, do imperialismo ou da globalização.

Essa imposição do pensamento eurocêntrico e eurocentrado tem consequências negativas, pois marginaliza e desvaloriza outras formas de conhecimento e concepções de mundo que existem fora dos limites do Ocidente. Além disso, reforça desigualdades e hierarquias de poder, perpetuando estereótipos e dominação cultural. Segundo Aníbal Quijano “como parte do novo padrão de poder mundial, a Europa também concentrou sob sua hegemonia o controle de todas as formas de controle da subjetividade, da cultura, e em especial do conhecimento e da produção do conhecimento” (QUIJANO, 2005, p.121)

A linguagem tem sido historicamente usada como uma ferramenta de poder e dominação por parte das culturas europeias, que impuseram sua visão de mundo em outros povos e culturas colonizadas. Ao utilizar a linguagem para nomear e classificar o mundo, as narrativas e discursos coloniais estabeleceram uma hierarquia de conhecimento, no qual o conhecimento indígena e africano, por exemplo, são desvalorizados e estigmatizados como sendo inferiores ou primitivos. Grada Kilomba reflete que:

O discurso das/os intelectuais negras/as surge, então, frequentemente como um discurso lírico e teórico que transgride a linguagem do academicismo clássico. Um discurso que é tão político quanto pessoal e poético, como os escritos de Frantz Fanon ou bell hooks. Essa deveria ser a preocupação primordial da descolonização do conhecimento acadêmico, isto é, “lançar uma chance de produção de conhecimento emancipatório alternativo”. (KILOMBA, 2019, p.59)

O discurso da escritora Carolina Maria de Jesus representa exatamente esse estilo que transgride a linguagem academicista, reconstruindo e apropriando-se e da voz para às experiências marginalizadas e desestabilizam as estruturas de poder presentes nas relações linguísticas. Kilomba (2019) aponta que a linguagem do academicismo clássico é carregada de estereótipos, generalizações e simplificações que reforçam a ideia de superioridade cultural e racial europeia. Esses discursos de superioridade são internalizados por meio da linguagem, levando muitas pessoas não brancas a se sentirem inferiorizadas e invisibilizadas.

Dessa forma, é essencial promover a diversidade na produção de conhecimento acadêmico, levando em consideração perspectivas não ocidentais, como a de Carolina Maria de Jesus, que possui um discurso subalterno que desafia as normas e práticas linguísticas eurocêntricas.

Ao analisar a produção literária brasileira do século XIX, podemos perceber que as representações das mulheres negras são frequentemente estereotipadas e objetificadas. É

importante ressaltar que tais obras foram escritas predominantemente por homens brancos da elite, que exerciam grande influência na literatura da época. Ao examinar minuciosamente essas obras<sup>28</sup>, é possível notar que a figura da mulher negra é constantemente retratada com um olhar fetichizado, sendo reduzida a uma imagem destinada ao trabalho e o prazer, muitas vezes tratada de forma desumanizada e comparada a animais. A escritora negra Sueli Carneiro expõe que:

O primeiro nome de mulher que aparece em nossa História Oficial, com exceção aos das rainhas (que já nascem com direito de menção histórica), foi o da escrava Chica da Silva, a amante do português contratador das minas de ouro, “que o encantou através do afeto e sexo”. (CARNEIRO, 2020, p. 153)

Renata Costa (2007), observa que na obra *O Cortiço* (1890) de Aluísio Azevedo retrata a mulher negra de duas formas. A primeira é a figura de Bertoleza, que é animalizada e subalterna, representada como uma criatura frágil e incapaz de sobreviver sem a "proteção do homem branco". A segunda é Rita Baiana, que é erotizada e sensual, vista como um objeto sexual. Essas representações, distanciadas da perspectiva ideológica branca, resultaram em uma imagem pejorativa das personagens negras na literatura brasileira.

A literatura brasileira sempre foi dominada por vozes brancas e masculinas, o que trouxe grandes desafios e dificuldades para as escritoras negras ao longo da história. A presença e visibilidade das mulheres negras na literatura brasileira é muito recente, e ainda está longe de ser equiparada à dos homens brancos. As escritoras negras enfrentam diversos obstáculos dentro do cenário literário brasileiro. Primeiro, há a dificuldade de se fazer ouvir e ganhar reconhecimento em um campo cultural ainda dominado por discursos e narrativas eurocêntricas e masculinas. O cânon literário brasileiro foi construído de tal forma que excluiu, por muito tempo, a produção de mulheres e negros, marginalizando suas vozes e criando uma barreira à inserção dessas escritoras no mercado editorial.

Além disso, a escrita de mulheres negras muitas vezes é deslegitimada e vista como

---

<sup>28</sup> Algumas obras que abordam sobre a mulher negra: 1. "**O Cortiço**" (1890), de Aluísio Azevedo: O livro retrata uma vila pobre no Rio de Janeiro, e a personagem Bertoleza, uma mulher negra, é representada como submissa, subserviente e sem autonomia. 2. "**Memórias de um Sargento de Milícias**" (1854), de Manuel Antônio de Almeida: Apesar de não ter foco direto nas mulheres negras, a personagem de Leonardo Pataca é uma mulher escravizada retratada como objeto sexual e servil. 3. "**Casa-Grande e Senzala**" (1933), de Gilberto Freyre: Embora a autora não negue explicitamente as mulheres negras, a forma como são mencionadas ainda carrega estereótipos e inferiorizações raciais.

secundária ou de menor importância em comparação à escrita masculina e branca. Isso resulta em uma falta de oportunidades de publicação e divulgação de suas obras, além de um acesso limitado a bolsas e premiações literárias. A própria temática abordada pelas escritoras negras também é alvo de preconceito e marginalização. Muitas vezes, suas obras trazem à tona questões relacionadas à identidade, raça, gênero e classe, o que não é considerado universal o suficiente para ser valorizado pelo mercado editorial.

É perceptivo também que a inclusão das mulheres na literatura brasileira foi uma conquista árdua e recente, que envolveu muita luta e resistência. Um marco importante nesse processo foi a participação feminina na Semana de Arte Moderna de 1922. Nesse evento, mulheres como Pagu, Tarsila do Amaral e Patrícia Galvão mostraram uma produção artística revolucionária e diversa, que se estendeu também para a literatura. Nos anos seguintes, surgiram outras escritoras que contribuíram para a diversidade e pluralidade da literatura brasileira. Clarice Lispector, Ana Cristina Cesar, Lygia Fagundes Telles, Hilda Hilst, entre outras, destacaram-se nesse contexto, trazendo novas vozes e perspectivas femininas para a literatura.

Neste contexto, é possível constatar que houve uma escassa representatividade feminina no século XIX e XX, destacando-se principalmente as mulheres brancas. Foram poucas as mulheres negras que conseguiram alcançar reconhecimento nesse período, e dentre elas destaca-se a escritora Carolina Maria de Jesus, embora sua fama tenha sido efêmera. A literatura não proporcionava acolhimento às mulheres negras, sobretudo aquelas que vinham de favelas e com pouca escolaridade.

A trajetória de Carolina Maria de Jesus revela a difícil situação enfrentada por mulheres negras que sonham em se tornar escritoras. Desde o momento em que Carolina chegou a São Paulo, o interesse pela escrita já estava presente, mas ela não tinha consciência de que poderia ter um futuro na área. Durante uma entrevista de divulgação do seu livro "Quarto de Despejo" no Rio de Janeiro (Jornal Tribuna da Imprensa), em 1960, a escritora menciona que o desejo de escrever um livro para ser publicado surgiu em 1937. Foi nesse ano que Carolina conheceu Luís Catapano, a quem mostrou seus escritos. Catapano reconheceu o talento e afirmou que aquilo que ela escrevia era poesia, o que levou Carolina a se declarar como uma poetisa.

A partir de 1937, Carolina Maria de Jesus passou a buscar oportunidades para publicar seus escritos, entrando em contato com jornais e redações. No entanto, infelizmente,

não obteve uma resposta positiva para suas obras. Diante disso, ela se viu obrigada a vender peças para o circo como forma de subsistência. “Eu escrevia peças e apresentava aos diretores de circos. Eles respondia me: —É pena você ser preta.” (JESUS, 1960, p. 55) Nessa frase retirada do livro Quarto de despejo é possível observar como a questão racial era frequentemente um obstáculo para Carolina Maria de Jesus conseguir a publicação dos seus escritos. A participação de Audálio Dantas na trajetória de Carolina Maria de Jesus é frequentemente enaltecida como o responsável por "descobrir" a escritora e permitir que ela se tornasse protagonista de sua própria história. No entanto, essa perspectiva pode ser questionada, visto que Carolina já escrevia antes de conhecer Dantas.

Em 1940, após inúmeras tentativas, a escritora Carolina Maria de Jesus teve sua primeira aparição no jornal. A matéria intitulada "Carolina Maria, poetiza negra" foi publicada pela Folha da Manhã. Nessa entrevista, Carolina já mencionava que suas tentativas anteriores de entrar em redações foram frustradas devido à discriminação racial que enfrentava devido à sua cor de pele. Logo abaixo Transcrição de parte da entrevista realizada pelo jornalista Willy Aureli:

Sou poetisa.../ Sente-se, por favor.../ Faço versos... Ninguém, porém, me leva/ a sério!/ Como assim?/Ando pelas redações, e quando sabem que sou preta mandam dizer que não estão... / Eis-me às voltas com meu ‘caso exótico’ e trato de me sair às mil maravilhas, ainda mais que o horário aperta e tenho encontro marcado./ São uns ingratos.../ O Sr. quer ver alguma poesia de minha lavra? (AURELI, 1940, p. 3)

Nesta matéria, Carolina compartilha um dos poemas que ela mesma escreveu, intitulado "O colono e o fazendeiro". Carolina Maria de Jesus, uma escritora autodidata, era uma ávida leitora de renomados autores brasileiros, como Casimiro de Abreu, Bernardo Guimarães e Machado de Assis, entre outros cujas obras estavam disponíveis para ela<sup>29</sup>. Além de seu apreço pela literatura, Carolina tinha um grande interesse pela história do Brasil (esse interesse surgiu por causa do seu avô Sócrates que contava várias histórias do período colonial), constantemente buscando livros que abordassem não apenas a história do país, mas principalmente o período da escravidão. O poema "O colono e o fazendeiro" trata exatamente desse período histórico.

---

<sup>29</sup> Carolina Maria de Jesus, enquanto trabalhava como doméstica, teve a oportunidade de ler algumas obras literárias. Em sua residência de trabalho, havia uma vasta biblioteca à qual ela tinha acesso para ler.

Figura 3 Primeira publicação no jornal sobre a Carolina Maria de Jesus: Carolina Maria, poetiza negra.



Folha da manhã, 25 de fevereiro de 1940.

Depois de ter publicado o poema "O colono e o fazendeiro", Carolina Maria de Jesus persistiu em sua busca por divulgar os poemas e contos que ela escrevia, mas foi “em 1950, conseguiu a publicação de seu poema em homenagem a Getúlio Vargas, no interior de uma reportagem, no jornal O defensor, no dia 17 de junho.” (CAMPOS, 2021, p.20). A autora sempre manifestou um grande interesse pela política e enxergava em Getúlio Vargas um líder engajado na causa dos menos privilegiados. Motivada por isso, decidiu criar um poema em sua homenagem.

O jornal teve papel fundamental na vida de Carolina Maria de Jesus. Ao analisar um Breve contexto dos jornais dos anos de 1900, é possível observar que nessa época, a disputa política predominante no Brasil era entre os grupos oligárquicos das diversas regiões do país. Em São Paulo, uma elite agrária e industrial de grande influência detinha o controle do poder político e econômico. Os principais jornais paulistas, tais como "O Estado de S. Paulo", "Folha da Manhã" e "Correio Paulistano", pertenciam a essas elites e, portanto, representavam seus interesses e pontos de vista. Esses veículos de comunicação desempenharam um papel significativo na defesa dos interesses econômicos de São Paulo, como a expansão da

indústria, o desenvolvimento da agricultura e a promoção do liberalismo econômico.

Além disso, os jornais de São Paulo desempenharam um papel crucial na denúncia das desigualdades sociais e na defesa dos direitos civis. Eles se tornaram espaços de debates e discussões sobre questões sociais, como a igualdade de gênero e a implementação de políticas de assistência social. Por conseguinte, as poesias e o livro da autora Carolina Maria de Jesus foram publicados em um momento em que os trabalhadores, movimento da cultura, os militantes comunistas e anarquistas estavam em evidência no jornal.

Carolina Maria de Jesus empregou sua escrita como um meio para expressar-se, contudo, ela queria ser reconhecida por isso. Sendo uma mulher negra na década de 1940, isso era uma tarefa difícil. Ao analisar a pergunta clássica de Marc Bloch “Para que serve a história?”, feita também por Beatriz Nascimento (2021), ressalta que a história serve para resgatar e valorizar a cultura e a identidade dos povos que tiveram a humanidade negadas, como os africanos, afrodescendentes e indígenas, que foram historicamente apagados e invisibilizados. Através da história, é possível revelar as contribuições e realizações desses povos, descolonizando o conhecimento histórico e promovendo a igualdade racial. Beatriz Nascimento, evidencia novas reivindicações de conhecimento historiográfico, referente ao direito de mulheres negras valorizarem suas “próprias produções” e “falarem na primeira pessoa sobre seus passos”.

hooks (1995) defende a ideia de que as mulheres negras possuem uma sabedoria exclusiva, oriunda de suas experiências como mulheres e integrantes de uma comunidade racializada. Além disso, ela contestou a tendência de branqueamento nas discussões intelectuais, onde os conceitos, teorias e perspectivas são arbitrariamente universalizados, desprezando e invalidando as contribuições de mulheres negras nessas discussões. Além disso bell hooks relata a dificuldade das mulheres negras em se dedicar a escrita.

A gente escreve sozinha em geral passando muito tempo isolada. Muitas vezes é difícil manter um senso de compromisso com a comunidade. As negras que foram socializadas para desvalorizar ou se sentir culpadas em relação ao tempo passado longe dos outros as vezes não conseguem reivindicar ou criar espaço para a escrita solidária. Isso se aplica especialmente as negras que são mães. As mães solteiras muitas vezes têm de lutar com obstáculos materiais que não lhes permitem concentrar-se intensamente para pensar e escrever mesmo que o desejem. (HOOKS, 1995, p. 471)

Virginia Woolf, já discutia a situação da mulher na sociedade e sua relação com a escrita no seu livro "Um teto todo meu" publicado originalmente em 1929. É interessante associar esse livro com o caso da escritora Carolina Maria de Jesus. No livro, Woolf parte de uma experiência pessoal, uma vez que ela mesma tinha uma dificuldade em encontrar um espaço próprio para escrever devido às restrições e expectativas sociais impostas às mulheres na época. A autora discute a importância de ter um espaço físico e emocional próprio para a expressão criativa, algo que os homens sempre tiveram acesso, mas que as mulheres eram privadas.

Carolina Maria de Jesus lutava contra uma situação extremamente desvantajosa, morando em uma favela como mãe solo e responsável pelo sustento dos seus filhos. Quando Virginia Woolf destaca a importância de um espaço físico para se dedicar a escrita, é exatamente isso que Carolina Maria de Jesus procurava, um teto todo seu, ela não considerava o barraco da favela como um lar e o que mais desejava era ter uma casa de alvenaria para morar com seus filhos. Então, mesmo sem um espaço físico e emocional Carolina Maria de Jesus conseguiu publicar um dos livros mais importantes da literatura brasileira.

Durante muito tempo, as mulheres negras foram silenciadas e sua voz foi suprimida de forma sistemática Grada Kilomba (2019) deixa evidente essa forma de silenciamento que muitas mulheres negras sofrem como se fosse à máscara usada no período colonial para prender as bocas dos africanos escravizados. Como afirma a autora Grada Kilomba: "Falar torna-se, então, praticamente impossível. Não é que nós não tenhamos falado, o fato é que nossas vozes têm sido constantemente silenciadas através de um sistema racista." (KILOMBA, 2019, p. 51). Desse modo, por mais que Carolina M. Jesus tenha quebrado o silenciamento entrando em um espaço de poder, ainda conseguiram silenciá-la, no entanto, ainda tem muitas pessoas produzindo sobre a escritora, a voz de Carolina Maria Jesus ainda continua.

Quando Carolina Maria de Jesus teve seu primeiro livro publicado com a contribuição do jornalista Audálio Dantas, ela já estava em busca de se tornar escritora, mas sem oportunidade. Isso reforça o racismo estrutural do Brasil, que persiste ainda nos dias de hoje. Importante destacar que teve o apoio do jornalista Audálio Dantas para edição e a publicação, no entanto, se um homem branco da elite não tivesse tomado a frente para a publicação do diário da escritora será que conheceríamos a escritora Carolina Maria de Jesus?

No entanto a contribuição dos escritos da Carolina Maria de Jesus para a sociedade

brasileira, principalmente com representação de mulher negra, mãe solo e pobre que conseguiu sair do anonimato é fundamental para as outras mulheres negras. Atualmente Carolina Maria de Jesus se torna referência no Brasil e internacionalmente. Como apresenta Grada Kilomba.

Essa passagem de objeto a sujeito é o que marca a escrita como um ato político. Além disso, escrever é um ato de descolonização no qual quem escreve se opõe a posições coloniais tornando-se a/o escritora/escritor “validada/o” e “legitimada/o”, ao reinventar a si mesma/o, nomeia uma realidade que fora nomeada erroneamente ou sequer fora nomeada. (KILOMBA, 2019, p. 28)

Quando o racismo é empregado como uma forma de excluir determinado grupo, há a tendência de tratá-lo como algo passivo, desconsiderando sua individualidade e negando sua capacidade de se expressar. Essa atitude resulta na infantilização desse grupo, privando-o do direito de ter voz ativa e permitindo que terceiros falem em seu nome. Esses terceiros, por sua vez, definem e rotulam os excluídos de acordo com seus próprios interesses e valores. No entanto, “No momento em que o excluído assume a própria fala e se põe como sujeito, a reação de quem ouve só pode se dar nos níveis acima caracterizados.” (GONZALEZ, 2020, p.36)

É fundamental entender o conceito de *escrevivência* para compreender a escrita de Carolina Maria de Jesus. Segundo Conceição Evaristo, define o termo “*escrevivência*” como a escrita de si, que envolve a fusão entre a experiência vivida e a experiência literária. De acordo com Evaristo, escrever é uma forma de resistência e de empoderamento, em que o sujeito se apropria da palavra para contar a sua própria história e dar voz aos que foram silenciados. No livro *Becos da memória*, Evaristo incorpora elementos autobiográficos e recria a linguagem para expressar as vivências das mulheres negras e periféricas. Com isso, “*escrevivência surge de uma prática literária cuja autoria é negra, feminina e pobre.*” (EVARISTO, 2020, p.38). Através da *escrevivência*, é possível promover a visibilidade e valorização dessas experiências, rompendo com os estereótipos e preconceitos que historicamente as marginalizaram. Ao participar de uma entrevista para o jornal *Nexo*, Conceição Evaristo trata sobre a *escrevivência*.

A *escrevivência* seria escrever a escrita dessa vivência de mulher negra na

sociedade brasileira. Eu acho muito difícil a subjetividade de qualquer escritor ou escritora não contaminar a sua escrita. De certa forma, todos fazem uma escrevivência, a partir da escolha temática, do vocabulário que se usa, do enredo a partir de suas vivências e opções. A minha escrevivência e a escrevivência de autoria de mulheres negras se dá contaminada pela nossa condição de mulher negra na sociedade brasileira. Toda minha escrita é contaminada por essa condição. É isso que formata e sustenta o que estou chamando de escrevivência (LIMA, 2017, s/p).

Neste contexto, a narrativa na primeira pessoa proporciona uma visão particular e subjetiva das experiências vividas pela mulher negra, permitindo que ela compartilhe sua perspectiva única em relação à sua identidade e trajetória. Ao enfatizar a contaminação pela condição de mulher negra, essas expressões expõem as inúmeras formas de opressão, discriminação e desigualdade que são enfrentadas diariamente. Por meio da escrita, essas mulheres podem expressar suas vivências, desafiar estereótipos e narrativas dominantes, e contribuir para uma visão mais inclusiva e diversificada da realidade.

A ideia de Escrevivência contribui de maneira inovadora para a teoria literária. Ao considerar a relação entre “autoficção, escrita de si, narrativas do eu, e até ego-história,” referido por Conceição Evaristo (EVARISTO, 2020, p.38) percebe-se que o conceito de Escrevivência pode ser abordado por meio de parâmetros distintos dos utilizados para essas categorias. Essas novas perspectivas proporcionadas pela Escrevivência permitem uma análise mais aprofundada e abrangente da experiência individual enquanto sujeito histórico inserido em seu tempo. Com isso, é possível explorar o potencial transformador da escrita vivencial e suas implicações tanto na literatura quanto na história.

Audre Lorde (1984) destaca a importância do autoconhecimento e da autoexpressão como ferramentas de resistência. Lorde argumenta que ao compartilhar suas histórias, as mulheres negras podem fortalecer sua identidade e se conectar com sua comunidade de forma mais autêntica. Além disso, ressalta que embora seja um desafio enfrentar o silenciamento e a marginalização, é essencial que as mulheres negras encontrem coragem para contar suas próprias histórias, mesmo que isso signifique desafiar normas sociais.

Ao se apropriar da escrita e contar sua própria história, Carolina desafia as convenções literárias e confronta as estruturas sociais e culturais que a colocam em uma posição de subalternidade. Sua escrita não se enquadra nas normas gramaticais estabelecidas, mas isso não a impede de expressar sua voz e compartilhar sua experiência de vida. A escritora não apenas supera as barreiras impostas pela sociedade, mas também desafia o

sistema literário dominante, que muitas vezes perpetua uma visão elitista da literatura. Ao escrever sobre a realidade da favela, Carolina expõe as desigualdades e injustiças presentes na sociedade, revelando a necessidade de dar voz às pessoas marginalizadas. Carolina Maria de Jesus, ao se tornar uma escritora reconhecida, quebrando as expectativas e preconceitos impostos a ela, se torna uma figura inspiradora para outros escritores e escritoras que enfrentam as mesmas barreiras. Sua escrita, mesmo considerada “inadequada” por alguns, é um testemunho poderoso de resistência e luta contra a opressão.

### 3. CAPÍTULO III: ENTRANDO NO QUARTO DE DESPEJO: UMA ANÁLISE DO LIVRO DE CAROLINA MARIA DE JESUS

“Escrevo a miséria e a vida infausta dos favelados. Eu era revoltada, não acreditava em ninguém. Odiava os políticos e os patrões, porque o meu sonho era escrever e o pobre não pode ter ideal nobre. Eu sabia que ia angariar inimigos, porque ninguém está habituado a esse tipo de literatura. Seja o que Deus quiser. Eu escrevi a realidade.” (Carolina Maria de Jesus)

O terceiro capítulo dispõe analisar a representação de São Paulo no livro “Quarto de despejo: diário de uma favelada” como um espaço dividido entre o “Quarto de Despejo” e a “Sala de Visita”, representando a desigualdade social que ocorre nesse contexto. Carolina Maria de Jesus, retrata sua realidade vivendo em condições precárias na favela, enquanto a elite ocupa espaços mais privilegiados. A falta de planejamento urbano adequado é criticada, já que a cidade cresce de forma desordenada e sem infraestrutura básica, impactando a qualidade de vida das pessoas mais vulneráveis. Além disso, o capítulo explora a invisibilidade histórica dos negros nas cidades e a situação das mães negras solas, destacando as dificuldades enfrentadas por essas mulheres na criação dos filhos em condições precárias e a discriminação que sofrem por serem mulheres e negras.

“Quarto de despejo: diário de uma favelada” é escrito pela autora brasileira Carolina Maria de Jesus, publicado em 1960, o livro se tornou um sucesso nacional e internacional, sendo traduzido para várias línguas. O livro de Carolina Maria de Jesus é um relato direto e sincero da vida na favela do Canindé, em São Paulo, nos anos 1950. Ela descreve com detalhes vívidos a pobreza, a fome, a violência e a discriminação enfrentadas pelos moradores da favela. Utilizando um estilo de escrita simples e direto, Carolina Maria de Jesus narra suas lutas diárias para sobreviver e as dificuldades que encontra ao tentar escapar da realidade opressiva em que vive.

Uma das características marcantes do livro é a forma como a autora retrata a condição feminina na favela e a luta diária das mulheres para sustentar suas famílias. Carolina expõe questões como o machismo, a violência doméstica e o abandono paterno, trazendo à tona a realidade invisibilizada das mulheres negras pobres.

O título “Quarto de Despejo” faz referência ao espaço onde Carolina morava com seus filhos, que era um quarto improvisado em um barraco na favela. Esses quartos eram considerados “depósitos” pelos moradores, pois muitas vezes eram destinados para guardar

objetos velhos e sem utilidade. Além disso o termo "despejo" também pode ser interpretado de forma simbólica, representando a exclusão social e a marginalização vivida por Carolina e pelos moradores das favelas, que muitas vezes são considerados "descartáveis" pela sociedade.

Nas palavras de Carolina Maria de Jesus, expressa a sua visão da cidade e da favela, “Quando estou na cidade tenho a impressão que estou na sala de visita com seus lustres de cristais, seus tapetes de viludos, almofadas de cetim. E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo” (JESUS,1960, p. 41) Nesse trecho fica evidente que a autora descreve-se como estando na "sala de visita", um lugar onde as pessoas costumam receber visitas e exibir sua riqueza e status social. Os "lustres de cristais", "tapetes de veludo" e "almofadas de cetim" são elementos luxuosos e sofisticados, que podem sugerir uma atmosfera de opulência e distinção. No entanto, a sensação transmitida é de que a autora é apenas uma convidada superficial nesse ambiente, sem verdadeiro pertencimento ou significado. Através desse contraste entre a cidade e a favela, a autora busca transmitir as disparidades sociais e as formas de desigualdade vivenciada. Enquanto na cidade ela se sente alienada e deslocada em meio à ostentação superficial, na favela ela se sente desprezada, excluída e desvalorizada.

### **3.1 A cidade de São Paulo: o divisor de classes entre o Quarto de Despejo e a Sala de Visita**

A cidade de São Paulo nos anos 1950 passou por um período intenso de crescimento econômico e transformação urbana. A industrialização acelerada atraiu milhares de migrantes de outras regiões do país em busca de emprego, o que resultou em um grande aumento da população da cidade. Nesse período, foram construídos vários arranha-céus, como o Edifício Itália e o Edifício Martinelli, que se tornaram símbolos do progresso e modernização de São Paulo.

Além disso, surgiram novos bairros residenciais e avenidas, como a Avenida Paulista e Jardins, que hoje são considerados áreas nobres da cidade. A cidade também enfrentou desafios como o crescimento desordenado, a falta de infraestrutura adequada para acomodar a crescente população. Maria Izilda Santos de Matos (1996), descreve a relação entre a expansão urbana de São Paulo e a economia cafeeira. A expansão da cidade estava

diretamente ligada ao sucesso ou dificuldades da produção de café. O café determinava não apenas o ritmo de crescimento da cidade, mas também o ritmo de vida dos habitantes.

O público e o privado numa Paulicéia desvairada A expansão urbana de São Paulo esteve vinculada diretamente aos sucessos e/ou dificuldades da economia cafeeira. Além de determinar o ritmo de crescimento da cidade, o café também definia o ritmo de vida na cidade: as épocas do ano eram as da safra, da entressafra e da colheita; o comércio era movido pelo café e sofria as consequências de suas cotações; a cidade, as pessoas, sua sobrevivência e até o seu temperamento e conduta dependiam drasticamente da sorte de um único produto – o ‘ouro verde’. Dessa forma, em poucos anos a capital paulista consolidou-se como o grande centro capitalista, integrador regional, mercado distribuidor e receptor de produtos e serviços, fatores nitidamente vinculados ao crescimento da produção cafeeira. A política desencadeada pela cafeicultura paulista, estimulando e promovendo intensamente a imigração, em proporções bem superiores às possibilidades de emprego no campo, favoreceu muito o crescimento da população urbana. Assim, em momentos de queda do preço do café, geada ou pragas, a evasão dos colonos do campo era acentuada, provocando acúmulo de despossuídos na cidade, gerando um novo perfil populacional. (MATOS, 1996, p. 132).

Dessa forma o processo de urbanização e modernidade em São Paulo foi caracterizado por uma coexistência de mudanças e permanências. Durante esse processo, houve a demolição e construção de novas estruturas urbanas, como obras públicas e novas áreas comerciais e financeiras. A intensificação industrial levou à diferenciação de bairros e cortiços povoados principalmente por operários, a maioria deles imigrantes.

No caso de São Paulo, a modernidade é vista como um objetivo a ser alcançado e a inspiração para esse processo muitas vezes vem dos modelos urbanos europeus. No entanto, esse processo de modernização é muitas vezes realizado sem um planejamento urbano adequado. Isso significa que, enquanto a cidade busca se tornar moderna e desenvolvida, nem sempre são consideradas as consequências dessa transformação para a população mais vulnerável. A pobreza é negada como parte da construção da cidade, não sendo vista como um problema a ser enfrentado.

Uma das consequências disso é que os pobres são empurrados para as bordas do perímetro urbano. Ou seja, eles são excluídos dos espaços de destaque e desenvolvimento da cidade, sendo colocados em áreas periféricas, afastadas dos centros urbanos e com menor acesso a serviços básicos como transporte, saúde, educação, entre outros. Essa segregação

territorial reforça a desigualdade social e a exclusão econômica, uma vez que essas áreas periféricas possuem menos infraestrutura, oportunidades de trabalho e são marcadas pela precariedade das condições de vida.

De acordo com Fernão Lopes Ginez de Lara (2012) que se dedicou a pesquisar as formações das primeiras favelas paulistanas, ressalta que o surgimento das favelas em São Paulo foi resultado de ações do Estado. A partir da década de 1940, o poder público municipal consentiu ou mesmo estimulou ocupações em terrenos municipais, principalmente devido à realização de obras públicas, como vias urbanas. Os moradores eram realocados nessas novas áreas, muitas vezes localizadas em lugares inadequados, próximos a rios e sujeitos a enchentes. No entanto, a partir da década de 1950, as autoridades começaram a se preocupar com os problemas decorrentes da aglomeração urbana, visto que uma vez que o ritmo de crescimento da população superava o desenvolvimento da infraestrutura urbana. Isso gerou tensões sociais, já que a população marginalizada começou a se organizar para reivindicar melhores condições de moradia e infraestrutura.

Conforme, Camila Pinto (2023) foi nesse contexto que surgiram iniciativas de análise das condições urbanas, sendo uma das mais importantes o estudo realizado pela Sociedade para Análises Gráficas e Mecnográficas Aplicadas aos Complexos Sociais (SAGMACS), contratada pela prefeitura em 1956. O relatório final desse estudo apontou diretrizes para o crescimento urbano, enfatizando a necessidade de um programa mais amplo de habitação popular e de melhoria das condições de moradia nos bairros periféricos.

No livro "Quarto de Despejo: Diário de uma favelada", Carolina Maria de Jesus descreve a sua visão da cidade de São Paulo com uma mistura de descontentamento e admiração. Por um lado, Carolina descreve a cidade como um lugar repleto de injustiças e desigualdades sociais. Ela mostra a pobreza existente nas favelas, a dificuldade de conseguir trabalho e a constante luta pela sobrevivência. Carolina frequentemente expressa sua decepção com a indiferença da sociedade em relação aos pobres, assim como a corrupção e a violência que permeiam a cidade.

Por outro lado, Carolina também demonstra uma admiração pela cidade grande. Ela destaca a agitação das ruas, a diversidade cultural e a oportunidade de ver pessoas importantes como políticos e artistas em algumas ocasiões. Ela demonstra um desejo de ser reconhecida como escritora, quebrando barreiras e provando que até mesmo uma mulher pobre e marginalizada pode ter voz na sociedade.

“Quando eu vou na cidade tenho a impressão que estou no paraíso. Acho sublime ver aquelas mulheres e crianças tão bem vestidas. Tão diferentes da favela. As casas com seus vasos de flores e cores variadas. Aquelas paisagens há de encantar os olhos dos visitantes de São Paulo, que ignoram que a cidade mais afamada da América do Sul está enferma. Com as suas úlceras. As favelas.” (JESUS, 1960, p. 80)

A visão de Carolina sobre a cidade é complexa. Ela revela as contradições e desigualdades sociais, mas também mostra uma esperança de mudança e o poder da expressão literária como forma de resistência. Carolina, enfatiza que a cidade, mesmo com toda sua aparência encantadora, está enferma, com úlceras representadas pelas favelas, que por trás da aparência de cidade rica e próspera, existe uma realidade de desigualdade social, pobreza e exclusão que é ignorada pelos visitantes e pela fama de São Paulo como a cidade mais prestigiosa da América do Sul.

Na urbanização de São Paulo ocorrida a partir do século XIX é marcada pela industrialização e migração do campo para a cidade. Milton Santos (1993) destaca que esse processo de industrialização acelerada gerou desequilíbrios sociais e espaciais nas cidades brasileiras, com o surgimento de grandes áreas de favelas e periferias. Essa segregação social e territorial marcou a urbanização brasileira nesse período.

A construção dos novos bairros residenciais elegantes adequados aos preceitos sanitários, plásticos e comportamentais gerados no cotidiano burguês das cidades européias, conseguiu forjar em São Paulo uma mancha contínua de vizinhanças homogêneas. Excluindo-se a proximidade dos menos favorecidos, desestimulando-se seu trânsito público nas ruas dos bairros de elite. Uma ampla faixa que cercou o centro paulistano de oeste a sudoeste livrou-se da interseção de bairros ou habitações populares. (MARINS, 2006, p. 178).

No livro "Quarto de despejo: diário de uma favelada", a questão da migração é um tema recorrente ao longo da obra. A migração, sobretudo do campo para a cidade, era um fenômeno crescente no Brasil no período em que o livro foi escrito. Milhares de pessoas, como Carolina, deixavam suas terras natais em busca de melhores condições de vida nas grandes cidades. No diário, Carolina descreve as dificuldades que ela e seus vizinhos enfrentavam, como a falta de moradia adequada, de condições sanitárias básicas, de emprego e de acesso a serviços públicos. Ela registra a superlotação nas favelas e a competição por

recursos escassos, o que ampliava os problemas sociais e econômicos vivenciados pelos migrantes.

Depois que a favela superlotou-se de nortistas tem mais intriga. Mais polemica e mais distrações. A favela ficou quente igual a pimenta. (JESUS, 1960, p. 73) [...] Tem festa no barraco de um nortista. E a favela está superlotada de nortistas. O Orlando Lopes está girando pela favela. Quer dinheiro. Ele cobra a luz no cambio negro. E tem pessoas aqui na favela que estão passando fome. (JESUS, 1960, p. 175) [...] O baiano esposo de dona Zefa é meu vizinho e veio queixar-se que o José Carlos lhe aborrece. O que eu sei é que com tantos baianos na favela os favelados veteranos estão mudando-se. Eles querem ser superior pela força. Para ficar livre deles os favelados fazem um sacrifício e compram um terreno e zarpam-se (JESUS, 1960, p. 75)

Quando Carolina refere-se ao termo “baianos” relaciona-se aqui aos nordestinos em geral. Com esse mesmo sentido a autora usa também a palavra “nortista”. Nesse trecho expressa conseqüentemente a visão de mundo da autora sobre uma situação de conflito entre aqueles que já estão estabelecidos na favela e um grupo novo que está chegando dentro do processo de migração que são os nordestino, generalizados como baianos, de forma contundente os conflitos presentes no interior da favela do Canindé, revela também uma certa manifestação de desconforto contra nordestinos. além de mostrar um personagem que aparentemente é possível suspeitar que estava envolvido com a venda clandestina de energia elétrica.

A condição de excluído nesse espaço habitado por Carolina e todos os personagens que ela cita, existe conflitos. Dessa forma, não é a condição de excluídos que tornam todos iguais e tão pouco desenvolva uma perspectiva de solidariedade para com o outro, então essa condição de excluído não é inata, ela é constituída. Carolina na posição de excluída relata a situação de novos excluídos e essa chegada provoca algumas confusão e conflitos em função do comportamento desses novos moradores. Com isso, Carolina faz parte de uma comunidade de sentidos que analisa e constrói uma representação.

Sobre a questão da migração, a seca no Nordeste do Brasil sempre foi um problema recorrente, mas durante os anos de 1951, 1952 e 1953, ela atingiu uma intensidade e duração ainda maior. No decorrer desse período, a Bahia foi um dos estados mais afetados, o que agravou ainda mais as condições socioeconômicas já precárias da região.

No decênio 1950-1960, Brasil apresentou o seu maior índice de migração interna, registrado até então, com 5,51% da população. Neste mesmo intervalo, o Nordeste foi a região que mais perdeu habitantes, com um encolhimento de 9,78% do seu contingente populacional; enquanto isso, o Sul teve ganho de 8,25%, e o Centro-Oeste, 22,52%. Dentre os Estados nordestinos, apenas o Maranhão não registrou índice significativo de migração para fora do Estado, anotando saldo percentuais negativos: Piauí - 15,08%, Ceará, - 12,27%, Rio Grande do Norte, - 13,82%, Paraíba, - 14,97%, Pernambuco, - 10,97%, Alagoas, - 16,71%, Sergipe - 15,38% e Bahia, - 10,47%<sup>56</sup>. Como já dito, para chegar a São Paulo, os nordestinos desses diferentes Estados faziam uso das suas últimas economias para financiarem uma longa viagem, naquele que era um meio de transporte comum para fazer o deslocamento dessas pessoas naquele período: o pau de arara. (SILVA, 2022, p. 181)

Uma das principais características da estrutura socioeconômica do Nordeste naquela época era a grande concentração de terras nas mãos de poderosos latifundiários. Essa concentração de terras já prejudicava as condições de trabalho da população nordestina e o desenvolvimento regional, uma vez que a maior parte das terras era utilizada para a produção de atividades agropecuárias de exportação, como o algodão e a cana-de-açúcar, em vez de ser destinada à produção de alimentos básicos para a população local.

No entanto, com a chegada da seca, as condições de vida dos nordestinos se tornavam ainda mais difíceis. A falta de água e de recursos para a produção agrícola levava à escassez de alimentos e a um aumento considerável da fome e da desnutrição na região. Além disso, a morte do gado e a perda das plantações agrícolas causavam um impacto negativo na economia da região, que já era fragilizada. Diante dessa situação, muitos nordestinos eram obrigados a abandonar suas terras e migrar para outras regiões em busca de melhores condições de vida. Essa migração em massa, sendo a maioria de negros, resultou no agravamento dos problemas sociais nas áreas de destino, como o inchamento das grandes cidades, o surgimento de favelas e a exploração de mão de obra barata.

Além disso, Darcy Ribeiro (1995) afirma que a população negra foi negada acesso à terra, educação e assistência, o que resultou em um grande fluxo de negros se dirigindo para as cidades em busca de melhores condições de vida. Essa migração levou à formação dos bairros africanos, que posteriormente evoluíram também para as favelas.

Carolina Maria de Jesus relata uma conversa com um senhor, que transmite exatamente essa relação de sair do campo para a cidade. “Eu não pude viver nas fazendas. Os fazendeiros me explorava muito. Eu não posso trabalhar na cidade porque aqui tudo é a

dinheiro e eu não encontro emprego porque já sou idoso. Eu sei que eu vou morrer porque a fome é a pior das enfermidades” Pode observar no trecho que senhor foi explorado nos meios rurais, onde a falta de oportunidades e condições dignas de trabalho que o obriga a buscar uma vida nas cidades. No entanto, a realidade urbana também é inóspita para ele. O desemprego e a idade avançada impedem de se sustentar de forma autônoma. Darcy Ribeiro (1995) argumenta que os negros no Brasil foram culpabilizados por suas próprias dificuldades e desgraças, enquanto as verdadeiras causas como a escravidão e a opressão racial foram ignoradas.

Todos eles são tidos consensualmente como culpados de suas próprias desgraças, explicadas como características da raça e não como resultado da escravidão e da opressão. [...] A nação brasileira, comandada por gente dessa mentalidade, nunca fez nada pela massa negra que a construiu. Negou-lhe a posse de qualquer pedaço de terra para viver e cultivar, de escolas em que pudesse educar seus filhos, e de qualquer ordem de assistência. Só lhes deu, sobejamente, discriminação e repressão. Grande parte desses negros dirigiu-se às cidades, onde encontrava um ambiente de convivência social menos hostil. Constituíram, originalmente, os chamados bairros africanos, que deram lugar às favelas. (RIBEIRO, 1995, p. 222).

No artigo "Territórios Negros nas Cidades Brasileiras (etnicidade e cidade em São Paulo e Rio de Janeiro)" de Raquel Rolnik analisa a relação entre a população negra e as cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, destacando a importância dos territórios negros na construção dessas metrópoles. A história do Brasil foi marcada pela escravidão e pela apropriação do espaço urbano pelos brancos. Rolnik (1989), ressalta a invisibilidade histórica dos negros nas cidades, bem como as inúmeras formas de exclusão e segregação vivenciadas por essa população.

A invisibilidade histórica dos negros nas cidades é um reflexo das diversas formas de exclusão e segregação vivenciadas por essa população ao longo do tempo. A história brasileira foi marcada pela escravidão, que durou mais de três séculos, e que relegou os negros a uma posição de subalternidade social.

Mesmo após a abolição da escravatura, em 1888, as políticas públicas falharam em garantir a igualdade de oportunidades para os negros. A segregação racial foi reproduzida nas cidades através do racismo estrutural, que impediu o acesso dos negros a várias áreas, como moradia, educação, saúde, trabalho e lazer.

Em São Paulo a distribuição dos pretos e pardos nas zonas mais periféricas não é

uniforme. Há uma concentração gritante na região noroeste da cidade, a partir do Rio Tietê (onde era localizado a favela do Canindé que Carolina Maria de Jesus residia), que vai aumentando à medida que se afasta do centro. Bairros como a “Casa Verde (com 22,14%) se passa por Limão (com 26,14%), Nossa Senhora do Ó (com 26,67%), Pirituba (com 26,6%) e Vila Nova Cachoeirinha (com 27%) para chegar a Brasilândia – também conhecida como “África paulistana” –, com 49% de pretos e pardos” (ROLNIK, 1989, p. 14). Como aponta Rolnik esse território marginal é frequentemente ignorado e negligenciado pelas autoridades e pela sociedade em geral.

Para a cidade, território marginal é território perigoso, porque é daí, desse espaço definido por quem lá mora como desorganizado, promíscuo e imoral, que pode nascer uma força disruptora sem limite. Assim se institui uma espécie de apartheid velado que, se, por um lado, confina a comunidade à posição estigmatizada de marginal, por outro, nem reconhece a existência de seu território, espaço-quilombo singular. (ROLNIK, 1989, p. 15)

A ideia de um "apartheid velado" se refere ao fato de que esses territórios marginais são relegados a uma posição de marginalização e excluídos dos benefícios e reconhecimento da cidade formal. Isso cria uma separação entre esses territórios e o restante da cidade, onde os moradores dessas áreas marginalizadas enfrentam condições precárias de habitação, falta de serviços básicos e oportunidades limitadas.

Apesar de serem estigmatizados e considerados desorganizados, promíscuos e imorais, esses territórios marginais possuem uma força potente. Isso significa que, mesmo sendo excluídos e marginalizados, esses espaços têm um potencial de resistência e transformação social, como no caso de Carolina Maria de Jesus que foi forçada a viver em um ambiente insalubre, como a favela, e criou forças para escrever as suas denúncias no seu livro. No qual sempre demonstrou desprazer em viver na favela: “Estou no quarto de despejo, e o que está no quarto de despejo ou queima-se ou joga-se no lixo.” (JESUS, 1960, p. 41)

### **3.2 No interior do Quarto de Despejo: Reflexões sobre a negligência institucional e a desumanização na favela do Canindé**

Durante o período da produção do livro "Quarto de despejo" (1955-1960), Juscelino Kubitschek foi presidente do Brasil. O governo de Juscelino Kubitschek, que ocorreu entre

1956 e 1961, foi marcado por uma série de realizações e avanços para o país. Durante seu mandato, Kubitschek adotou uma política de desenvolvimento econômico conhecida como "Plano de Metas", com o objetivo de promover a industrialização e modernização do Brasil em um curto espaço de tempo.

Juscelino promoveu o Plano de Metas, que tinha como objetivo principal promover o desenvolvimento e o crescimento econômico do país. O plano incluía a construção de Brasília, a implementação de estradas, energia elétrica, indústrias e a diversificação da economia. Essas medidas contribuíram para o aumento do PIB do Brasil e para a modernização do país. No entanto, o governo de Kubitschek também enfrentou desafios e crises. A política econômica do governo foi baseada no endividamento externo, o que gerou um desequilíbrio na balança comercial e um aumento da dívida externa brasileira. Além disso, houve um alto investimento na indústria automobilística, o que favoreceu o crescimento da inflação.

Em vários momentos Carolina cita a situação do governo de Juscelino Kubitschek, visto pelo olhar da periferia, a escritora demonstra grande descontentamento referente ao governo. No livro "Quarto de despejo", Carolina Maria de Jesus descreve o governo de Juscelino Kubitschek com certa ambivalência. Por um lado, ela reconhece que houve avanços no período, como a construção de Brasília e a modernização do país. Também observa a presença de carros importados, o aumento do consumo e a chegada de televisões nas casas. No entanto, Carolina critica a falta de atenção do governo para as questões sociais e a desigualdade existente na época. Ela ressalta a dificuldade de acesso a educação, saúde e moradia digna para os mais pobres, incluindo ela própria.

Quando Jesus disse para as mulheres de Jerusalem: — “Não Chores por mim. Choraes por vós” — suas palavras profetisava o inverno do Senhor Juscelino. Penado de agruras para o povo brasileiro. Penado que o pobre há de comer o que encontrar no lixo ou então dormir com fome. Você já viu um cão quando quer segurar a cauda com a boca e fica rodando sem pegá-la? E igual o governo do Juscelino! (JESUS, 1960, p.123)

Além disso, nesse período também foi marcado por uma alta inflação, que resultou na revolta da massa popular, Carolina Maria de Jesus demonstrou em diversas ocasiões a situação da crise em São Paulo.

Tenho nojo, tenho pavor  
Do dinheiro de alumínio  
O dinheiro sem valor  
Dinheiro do Juscelino. (JESUS, 1960, p.118)

No trecho mencionado, Carolina expressa seu descontentamento com o “dinheiro de alumínio”, as moedas de alumínio emitidas pelo Tesouro Nacional de 1956 a 1961 foram uma resposta à desvalorização do Cruzeiro, a moeda brasileira na época. Anteriormente, as moedas eram cunhadas em uma liga de bronze de alumínio, cujo valor fiduciário era menor do que seu valor intrínseco, devido à depreciação da moeda. A necessidade de substituir as moedas de bronze de alumínio por moedas de alumínio puro foi destacada em um artigo publicado no Diário de Notícias do Rio de Janeiro em 29 de maio de 1955 (p. 9) “da maneira como se processa a debilitação do nosso cruzeiro, remoto não estará o tempo em que teremos “moedas” feitas de papelão, como matéria prima” (BCB, 2022; MOEDAS DO BRASIL, 2022; RAMOS, 2017; SUGERIDA..., 1955). Essas mudanças nas moedas refletiam as dificuldades econômicas enfrentadas pelo país na época e eram uma tentativa de manter a estabilidade monetária. No trecho a seguir, Carolina revela que a partir de 1957 a situação da população da favela foi piorando.

Antigamente, isto é de 1950 até 1956, os favelados cantavam. Faziam batucadas. 1957, 1958, a vida foi ficando causticante. Já não sobra dinheiro para eles comprar pinga. As batucadas foram cortando-se até extinguir-se. Outro dia eu encontrei um soldado. Perguntou-me: —Você ainda mora na favela? —Porque? —Porque vocês deixaram a Radio Patrulha em paz. —É o dinheiro que não sobra para a aguardente. (JESUS,1960, p.40)

As principais causas da persistente alta inflação na década de 1950 no Brasil é o modelo de industrialização e financiamento adotado no período. O governo investia na expansão da base monetária, ou seja, aumentava a quantidade de dinheiro em circulação, o que conseqüentemente resultava em aumento dos preços. “Outro motor da inflação foi a mudança na estrutura do comércio exterior, quando o país começa e termina a década citada como exportador de bens primários, sendo o café responsável pela maior parte das exportações” (ALBUQUERQUE, 2015, p. 18), No entanto, as importações passaram a ser de bens de capital, como maquinário e insumos produtivos. Isso significava que o valor dos bens importados aumentou, enquanto o preço internacional do café caiu e a produção nacional duplicou.

Dessa forma, para conter a inflação, seria necessário adotar uma política econômica recessiva, o que não era uma opção viável para os governos de Getúlio Vargas e Juscelino Kubitschek, que buscavam impulsionar o desenvolvimento econômico do país. Essa situação resultou muitas revoltas, como o aumento da condução que Carolina Maria de Jesus resalta no seu livro.

Saí com a Vera. Notei anormalidade porque a Polícia está nas ruas. Fui conversar com um servidor municipal. Ele queixou-se que pagou 5 cruzeiros de ônibus. Eu segui. Olhando os paulistas circular pelas ruas com a fisionomia triste. Não vi ninguém sorrir. Hoje pode denominar-se o dia da tristeza. Eu comecei fazer as contas quando levar os filhos na cidade quanto eu vou gastar de bonde. 3 filhos e eu, 24 cruzeiros ida e Volta. Pensei no arroz a 30 o quilo. Uma senhora chamou-me para dar-me papéis. Disse-lhe que devido o aumento da condução a polícia estava nas ruas. Ela ficou triste. Percebi que a notícia do aumento entristece todos. Ela disse-me: —Eles gastam nas eleições e depois aumentam qualquer coisa. O Auro perdeu, aumentou a carne. O Adhemar perdeu, aumentou as passagens. Um pouquinho de cada um, eles vão recuperando o que gastam. Quem paga as despesas das eleições é o povo! (JESUS, 1960, p 120)

Carolina Maria de Jesus também menciona a violência policial e a repressão política que ocorriam durante o governo de Kubitschek. Ela descreve encontros com policiais corruptos e relata o medo constante de ser vítima de arbitrariedades. “Fui catar papel. (...) Quando eu voltava parei numa banca de jornais. Vi um homem chingando os policiais de burros. No clichê, um policial expancava um velho. O jornal dizia que era um policial do DOPS.” (JESUS, 1960, p.123)

De acordo com o historiador Nilo Dias de Oliveira (2011) aponta que o Serviço Secreto do DOPS-SP atuava de forma constante e intensa na vigilância e controle das agremiações políticas que se opunham ao governo de Kubitschek. De acordo com Oliveira, a atuação do governo e do próprio Juscelino Kubitschek em relação ao Serviço Secreto, embora houvesse uma imagem de democracia representativa, o governo de Kubitschek na verdade tolerava e até incentivava a repressão política, a fim de manter-se no poder e afirmar sua administração. De acordo com Carolina Maria de Jesus:

O que o senhor Juscelino tem de aproveitável é a voz. Parece um sabiá e a sua voz é agradável aos ouvidos. E agora, o sabiá está residindo na gaiola de ouro que é o Catete [11] . Cuidado sabiá, para não perder esta gaiola, porque os gatos quando estão com fome contempla as aves nas gaiolas. E os

favelados são os gatos. Tem fome. (JESUS, 1960, p.39)

Nesse contexto, a polícia exerce um papel central no controle e repressão das camadas mais pobres da população da favela. Ela é retratada como uma força de intervenção violenta, muitas vezes agindo de forma arbitrária e abusiva. Isso evidencia a forte relação entre o Estado e a violência. No livro “Quarto de Despejo”, Carolina refere-se a polícia mais de 30 vezes, seja para chamar para algum incidente na favela, como briga (algo recorrente), ou sobre ações policiais. Nesse trecho, Carolina expõe a constante violência do soldado que aparece com frequência na favela.

Outra coisa que observei hoje — noite de São Pedro. O que observei na favela e não está certo é isto: tem um soldado vulgo Taubaté. É o predileto de algumas mulheres aqui da favela. Ele passa as noites aqui. O soldado é turbulento. Que bom se o tenente retirasse este soldado da favela. Qualquer coisa para ele, é tiro. Já feriu dois da favela. (JESUS, 1960, p.74)

A presença da Rádio Patrulha na favela era tão comum que os moradores já estavam familiarizados com a sua atuação. É possível perceber nesses trechos recolhidos do livro: “Ela disseme que o Binidito da D. Geralda todos os dias ia preso. Que a Radio Patrulha cançou de vir buscá-lo. Arranjou serviço para ele na cadeia”; “Chegou a Radio Patrulha, que veio trazer dois negrinhos que estavam vagando na Estação da Luz. 4 e 6 anos. É facil perceber que eles são da favela. São os mais maltrapilhos da cidade.”; “A Deolinda e o seu esposo que foram na Radio Patrulha ainda não voltaram. Será que ficaram presos.” A polícia muitas vezes aparece como uma força opressiva, tratando os favelados como propensos à delinquência.

Fui na delegacia e falei com o tenente. Que homem amavel! Se eu soubesse que ele era tão amavel, eu teria ido na delegacia na primeira intimação. (...) O tenente interessou-se pela educação dos meus filhos. Disse-me que a favela é um ambiente propenso, que as pessoas tem mais possibilidades de delinquir do que tornar-se util a patria e ao país. Pensei: Se ele sabe disto, porque não faz um relatorio e envia para os politicos? O senhor Janio Quadros, o Kubstchek [9] e o Dr. Adhemar de Barros? Agora falar para mim, que sou uma pobre lixeira. Não posso resolver nem as minhas dificuldades. (JESUS, 1960, p.34)

No trecho acima, pode ser observado nas palavras do tenente sobre os favelados serem vistos como infratores e que expressou preocupação com a educação dos filhos de Carolina Maria de Jesus, afirmando que a favela é um ambiente propenso à delinquência. No

entanto, é necessário refletir sobre o espaço que a polícia ocupa na vida dos moradores da favela e como esse poder é exercido. A presença constante da Rádio Patrulha na comunidade pode reforçar a ideia de vigilância e controle, gerando um clima de desconfiança e medo entre os moradores.

O Estado também é mencionado no livro em relação aos serviços públicos. No texto, há referências ao Serviço de Saúde do governo estadual, responsável pela coleta de fezes na favela. No entanto, a falta de acesso a medicamentos por parte dos moradores demonstra as limitações dos serviços oferecidos pelo Estado, especialmente para aqueles que não têm condições financeiras de arcar com tais despesas. Carolina, tinha consciência sobre o Serviço Social, no entanto, ela demonstrou que a muitas falhas. “Ele não tem nojo dos favelados. Cuida dos míseros favelados com carinho. Isto competia ao tal Serviço Social.” (JESUS, 1960, p.39) Flávia Brito do Nascimento (2006), discute sobre a questão da criação do Serviço Social.

Progressivamente, o Serviço Social buscava a sua institucionalização, o que só viria a acontecer em 1938, a nível federal, quando é então criado o Conselho Nacional de Serviço Social, vinculado ao Ministério da Educação e Saúde, com a tarefa de organizar sua atuação em todo país (SOUZA, 2000). A institucionalização do Serviço Social é fruto, por um lado, dos interesses do Estado de priorização da questão social, e, por outro, do acirramento da questão urbana a partir de 1930, quando é dada a partida ao processo de metropolização. O problema do crescimento das cidades já assolava as principais capitais do país, e o Rio de Janeiro, na condição de capital, estava no epicentro deste fenômeno. A cidade contava em 1948 com cerca de 280.000 pessoas habitando nas 119 favelas cariocas, espalhadas pelos morros, encostas, praias e ilhas (PDF, 1949). O problema da pobreza urbana e da ocupação de determinadas áreas das cidade, embora já fosse merecedor de grande destaque desde o início do século XX, a partir de então, ganha maior notoriedade. (NASCIMENTO, 2006, p. 46)

A institucionalização do Serviço Social foi motivada tanto pelos interesses do Estado em lidar com a questão social, como também pelo crescimento urbano acelerado que ocorria no país a partir de 1930. As grandes cidades, principalmente o Rio de Janeiro e São Paulo, enfrentavam problemas de pobreza urbana e ocupação irregular de áreas urbanas, como as favelas.

A falta de abastecimento de água é a principal questão levantada no livro “Quarto de despejo” sobre a ação do Serviço Social na favela. De acordo com Tom Farias (2018) a caixa d'água foi instalada na Favela do Canindé pelo prefeito Armando de Arruda Pereira entre

1951 a 1953. Carolina, destaca que moradores tinham que pedir água aos vizinhos que moravam nas casas de alvenarias. “Quando nós mudamos para a favela, nós iamós pedir agua nos visinhos de alvenaria” (JESUS, 1960, p.58). Mas não era sempre que os moradores das casas de alvenaria ajudavam “Nois iamós noutras casas, batíamos na porta. Ninguém respondia. Não aparecia ninguém para nos atender, para não ouvir isto: —A senhora pode nos dar um pouco dagua?” (JESUS, 1960, p.58). No entanto, a instalação da caixa d’água não resolveu completamente o problema, já que a população continuou a crescer e a demanda pela torneira permanecia elevada e as mulheres eram responsáveis por buscar água na única torneira disponível.

Essa é uma problemática recorrente na favela do Canindé, a falta de um abastecimento adequado de água causa dificuldades para a população, que precisa buscar água diariamente. Carolina destaca essa repetição ao mencionar “Vocês já sabem que eu vou carregar agua todos os dias. Agora eu vou modificar o início da narrativa diurna, isto é, o que ocorreu comigo durante o dia”, (JESUS, 1960, p.116), pois o ato de buscar água já é algo rotineiro em sua vida.

Carolina retrata a favela como um quarto de despejo, onde se joga o lixo. A favela era um lugar propício a doença e mortes recorrente, principalmente por esta próximo ao rio Tiete e do lado do lixão, que também era o lugar onde a maioria buscava alimentos estragados para se alimentar. “O motorista e o seu ajudante jogam umas latas. E linguiça enlatada. Penso: E assim que fazem esses comerciantes insaciáveis. Ficam esperando os preços subir na ganancia de ganhar mais. E quando apodrece jogam fora para os corvos e os infelizes favelados.” (JESUS, 1960, p.38). Essa era a realidade na favela.

Uma situação muito presente era as mortes por tuberculose<sup>30</sup> e esquistossomose<sup>31</sup>, que era ligado às condições de miséria e falta de saneamento básico. A preocupação em relação à saúde pública estava em recuperar as áreas urbanas e educar a população em termos de higiene e sanitização, como forma de prevenir a propagação da doença.

Eu já estava deitada quando ouvi as vozes das crianças anunciando que estavam passando cinema na rua. Não acreditei no que ouvia. Resolvi ir ver. Era a Secretaria da Saude. Veio passar um filme para os favelados ver como é que o caramujo transmite a doença anêmica. Para não usar as aguas do rio.

---

<sup>30</sup> A tuberculose é uma doença infecciosa e transmissível que afeta prioritariamente os pulmões, embora possa acometer outros órgãos e/ou sistemas.

<sup>31</sup> Doença causada pela infecção por vermes parasitas de água doce de certos países tropicais e subtropicais.

Que as larvas desenvolve-se nas águas. (...) Até a água... que em vez de nos auxiliar, nos contamina. Nem o ar que respiramos, não é puro, porque jogam lixo aqui na favela. .” (JESUS, 1960, p.59).

A tuberculose é a doença da miséria. Nas nossas grandes cidades, como Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre e Salvador, a sua multiplicação é rápida, acompanha o pulsar de um relógio. Há, não se sabe onde, um gigante de clava em punho, que não se cansa de desferir golpes sobre golpes... Tic, tac, tic, tac... Mais um, mais um, mais um, mais um... Esse gigante feroz é invisível... Chama-se Dom Bacilo... (SCHMIDT, 1944, pp. 21-22).

Essas orientações incluíam informações sobre a importância de manter ambientes limpos e bem ventilados, evitar o compartilhamento de objetos pessoais, como toalhas e copos, e buscar tratamento médico adequado caso houvesse suspeita ou diagnóstico de tuberculose. Além dos cinemas informativos também tinha os boletins com informações sobre os sintomas da doença, formas de contágio, prevenção e tratamento disponível na época. “O Posto de Higiene de Campos do Jordão foi inaugurado no ano de 1926, na Vila Capivari, em casa cedida pela Companhia de Campos do Jordão.” (PRINCE, 2022, p. 168) que desempenhava um papel fundamental não apenas na disseminação dessas informações, mas também no atendimento e acompanhamento de casos de tuberculose na região. Carolina expressava o medo de ser internada no Campos do Jordão “Eu não ia comer porque o pão era pouco. Será que é só eu que levo esta vida? O que posso esperar do futuro? Um leito em Campos do Jordão” (JESUS, 1960, p.38).

Entretanto, a falta de saneamento básico era um fator que contribuía para a propagação dessas doenças, já que a água e o ar contaminados eram responsáveis pela transmissão de bactérias e larvas. A situação das favelas era especialmente preocupante, onde a falta de infraestrutura e o descarte inadequado de lixo contribuía para a disseminação das doenças.

A tuberculose é a doença da miséria. Nas nossas grandes cidades, como Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre e Salvador, a sua multiplicação é rápida, acompanha o pulsar de um relógio. Há, não se sabe onde, um gigante de clava em punho, que não se cansa de desferir golpes sobre golpes... Tic, tac, tic, tac... Mais um, mais um, mais um, mais um... Esse gigante feroz é invisível... Chama-se Dom Bacilo... (SCHMIDT, 1944, pp. 21-22).

Ao longo do livro, são evidenciados diferentes aspectos da negligência institucional e da desumanização que a população da favela experimentava diariamente. Carolina descreve a carência de condições básicas de sobrevivência em sua comunidade, como a falta de

saneamento básico, a escassez de água potável e a insuficiência de acesso à educação e saúde. A falta de atenção adequada por parte das instituições também é evidente na invisibilidade e no desprezo como as crianças em situação de vulnerabilidade social são tratadas. O quarto de despejo, no qual Carolina e seus filhos residiam, representa simbolicamente a negligência e a exclusão social imposta aos mais vulneráveis.

### **3.3 Infância negada: o sofrimento infantil no relato de “Quarto de Despejo”**

Carolina descreve a infância marcada pela fome, pela falta de moradia adequada, pela falta de acesso à educação e pelos abusos físicos e psicológicos. As crianças eram vistas como invisíveis pela sociedade e pelo Estado, que não oferecia políticas públicas que garantissem seus direitos fundamentais. A negligência institucional abordada no livro está presente em diferentes aspectos da vida das crianças retratadas. A falta de acesso à educação, por exemplo, impede que elas tenham oportunidades de desenvolvimento e de escapar do ciclo de pobreza.

A perpetuação da miséria e das desigualdades sociais é evidente no livro. Carolina mostra como as crianças são vítimas diretas dessa realidade, sofrendo as consequências físicas e emocionais da pobreza extrema. Elas são privadas de uma infância saudável, vivendo em condições precárias que afetam sua saúde e bem-estar. As crianças são expostas a diversas formas de violência, como abandono, violência doméstica e exploração sexual. A ausência de um sistema que garanta sua integridade e proteção é um reflexo da falta de prioridade dada à infância por parte das autoridades. Principalmente pela crescente taxa de aumento das crianças na favela, Carolina realça que “na favela tem muitas crianças. As crianças são sempre em maior número. Um casal tem 8 filhos, outro tem 6 e daí por diante” (JESUS, 1960, p. 53)

No Brasil, a atenção do Estado em relação à administração da infância e adolescência que era considerada perigosa e desviante começou a surgir no final do século XIX e início do século XX. De acordo com Viviane Borges e Fernando Salla (2017). Essa preocupação do Estado estava baseada em concepções conservadoras e higienistas que acreditavam na possibilidade de moldar comportamentos e evitar a delinquência por meio da intervenção estatal. Portanto, a infância e juventude eram vistas como um problema social a ser controlado e corrigido.

Nesse contexto, foram implementadas medidas como a criação de instituições de internação, como os reformatórios e as colônias correcionais, onde crianças e adolescentes considerados "desviantes" eram encarcerados e submetidos a um regime disciplinar rígido, com o objetivo de reeducá-los e transformá-los em cidadãos "úteis". É importante ressaltar que essas práticas de controle e disciplinamento da infância e juventude foram marcadas por discriminação de classe e raça, afetando de maneira mais intensa crianças e adolescentes de famílias mais pobres e negras.

O Departamento de Assistência Social (DAS) foi estabelecido em 1935 pela Lei nº. 2.497, datada de 24 de dezembro de 1935. Esta mesma lei também estabeleceu o Serviço Social de Assistência e Proteção ao Menor. Essas intervenções voltadas para os menores foram se intensificando porque percebia-se neles, já desde o final do século XIX, a potencialidade de se tornarem criminosos, maus cidadãos e maus trabalhadores.

As intervenções voltadas aos menores foram se tornando mais intensas porque se reconhecia neles, desde o final do século XIX, quer como abandonados, pervertidos ou delinquentes, a potência futura do criminoso, do mau cidadão, do mau trabalhador, de acordo com concepções criminológicas da época (ALVAREZ, 2003). Claro que não se tratava dos menores, filhos das elites, mas sim daqueles que padeciam das condições materiais ou morais de ajustamento ao trabalho e à vida social. Nesse sentido, o surgimento de mecanismos de gestão da população pobre e de seus filhos, bem como a associação discursiva entre pobreza, abandono e delinquência, nesta ordem, não era dissonante a algo já em curso na Europa, desde meados do século XIX (DONZELOT, 1980). Os mecanismos de gestão dos jovens, sobretudo pobres, gradualmente se consolidam no país durante os anos 1920 e 1930, regulamentados por iniciativas legais em um contexto de crescimento urbano acelerado. (ALVAREZ; LOURENÇO; SANTOS, 2021, p. 8)

É importante ressaltar, que no trecho enfatizado que essas intervenções não se aplicavam aos filhos das elites, mas sim àqueles que sofriam com condições materiais ou morais de adaptação ao trabalho e à vida social. Carolina Maria de Jesus descreve que a favela se tornou um espaço onde os jovens se encontram para falar de roubo, evidenciando a influência da criminalidade em suas vidas. Essas vivências, marcadas pela carência afetiva, desnutrição, doença, violência e desigualdades sociais, contribuem para a formação de um ambiente hostil e desfavorável para o crescimento saudável das crianças e dos jovens.

Durante o dia, os jovens de 15 e 18 anos sentam na grama e falam de roubo. E já tentaram assaltar o empório do senhor Raymundo Guello. E um ficou

carimbado com uma bala. O assalto teve início às 4 horas. Quando o dia clareou as crianças catavam dinheiro na rua e no capinzal. Teve criança que catou vinte cruzeiros em moeda. E sorria exibindo o dinheiro. Mas o juiz foi severo. Castigou impietosamente. (JESUS, 1960, p. 28)

Carolina Maria de Jesus, deixa evidente nas páginas do seu livro a insatisfação em morar na favela do Canindé, considerado por ela um lugar insalubre e perigoso, mas principalmente por ter que criar seus filhos nesse ambiente. “E eu estou revoltada com o que as crianças presenciam. Ouvem palavras de baixo calão. Oh! se eu pudesse mudar daqui para um núcleo mais decente” (JESUS, 1960, p. 22) Carolina Maria de Jesus também expressa infelicidade ao ver famílias que se mudam para a favela, inicialmente educadas e amáveis, mas que, após algum tempo no local, também se tornam rudes e desagradáveis. Ela compara essas pessoas a diamantes que são transformados em chumbo, perdendo todo seu valor e se tornando objetos que estavam na sala de visita e foram relegados ao quarto de despejo.

“As vezes mudam algumas famílias para a favela, com crianças. No início são educadas, amáveis. Dias depois usam o calão, são soezes e repugnantes. São diamantes que transformam em chumbo. Transformam-se em objetos que estavam na sala de visita e foram para o quarto de despejo.” (JESUS, 1960, p. 40)

A presença constante dessas experiências negativas acaba moldando a forma como essas crianças e jovens percebem o mundo ao seu redor. A autora ressalta que a aprendizagem do que é obsceno e pornográfico ocorre de maneira rápida e natural para os moradores da favela, como um reflexo direto do ambiente em que vivem. “Nas favelas, as jovens de 15 anos permanecem até a hora que elas querem. Mescla-se com as meretrizes, contam suas aventuras” (JESUS, 1960, p. 26) Além disso, ao testemunharem brigas e conflitos entre casais, muitas vezes com a mulher sendo exposta de maneira humilhante e abusiva, as crianças são sujeitas a um ambiente hostil e desrespeitoso. Isso pode afetar sua visão das relações interpessoais, do corpo feminino e do que é considerado um comportamento aceitável.

“E o pior na favela é o que as crianças presenciam. Todas crianças da favela sabem como é o corpo de uma mulher. Porque quando os casais que se embriagam brigam, a mulher, para não apanhar sai nua para a rua. Quando começa as brigas os favelados deixam seus afazeres para presenciar os batefundos. De modo que quando a mulher sai correndo nua é um verdadeiro espetáculo para o Zé Povinho” (JESUS, 1960, p. 48)

A citação menciona que as crianças e jovens da favela são expostos a essas situações degradantes, pois os moradores deixam suas tarefas para assistir aos conflitos. Isso indica um ambiente em que a violência e o espetáculo são valorizados, levando a uma cultura de sensacionalismo e normalização de comportamentos negativos. De acordo com Olga Brites “São meninos e meninas, de 7 a 15 anos, que vivem sob humilhação, sofrimento e risco de vida. Não têm sonhos marcados pelas histórias infantis; eles próprios são gatas borralheiras e super-heróis, em contato precoce com uma realidade que não deveriam viver.” (BRITES, 1999, 252)

Carlos Alberto de Medina (1964) evidencia no livro "A favela e o demagogo" a visão de mundo das crianças moradoras da favela, o autor destaca a importância de compreender a realidade e as perspectivas dessas crianças, que vivem em um ambiente de marginalização social e precariedade estrutural. Medina ressalta o protagonismo dessas crianças ao enfrentar o cotidiano adverso das favelas. Mesmo diante de condições precárias, elas encontram formas de se adaptar e criar suas próprias estratégias de sobrevivência.

Na entrevista realizada por Medina (1964) na favela é possível perceber que muitas crianças vivem em situação precária e sem expectativa de vida. “Os fatos são expostos por mais sérios que sejam e não há razão para ocultá-los. Fome, morte, briga em família são observadas concretamente. Fazem parte da vida e isto é tudo” (MEDINA, 1964, p. 64). No entanto, Medina revela que elas têm consciência dos problemas enfrentados por suas famílias e cotidiano, como fome, morte e conflitos familiares. O autor destaca que essas crianças relatam esses assuntos com seriedade e sem tentar ocultá-los, pois fazem parte de suas vidas.

Carolina Maria de Jesus relata que, em várias ocasiões, teve que procurar seus filhos no juizado de menores quando retornava do trabalho. Essa prática de controle sobre os menores considerados "vadios", "delinquentes" ou "pervertidos" era realizada principalmente pelas autoridades policiais desde os primeiros anos da República. A condição de abandono em que esses menores viviam era vista como um possível caminho para a vida criminal. Para lidar com esse problema, foram criadas instituições como o Juizado de Menores. No trecho citado, Carolina expõe sua experiência ao procurar seu filho José Carlos de 9 anos.

“Deitei o João e a Vera e fui procurar o José Carlos. Telefonei para a Central. Nem sempre o telefone resolve as coisas. Tomei o bonde e fui. Eu não sentia frio. Parece que o meu sangue estava a 40 graus. Fui falar com a Polícia Feminina que me deu a notícia do José Carlos que estava lá na rua Asdrubal Nascimento . Que alívio! Só quem é mãe é que pode avaliar. ...Eu dirigi para a rua Asdrubal Nascimento. Eu não sei andar a noite. A fusão das

luzes desviam-me do roteiro. Preciso ir perguntando. Eu gosto da noite só para contemplar as estrelas sintilantes, ler e escrever. Durante a noite há mais silêncio. Cheguei na rua Asdrubal Nascimento, o guarda mandou-me esperar. Eu contemplava as crianças. Um choravam, outras estavam revoltadas com a interferência da Lei que não lhes permite agir a sua vontade. O José Carlos estava chorando. Quando ouviu a minha voz ficou alegre. Percebi o seu contentamento. Olhou-me. E foi o olhar mais terno que eu já recebi até hoje.” (JESUS, 1960, p. 40)

A rua Asdrubal Nascimento era onde ficava localizado o Juizado de Menores. Esse trecho retrata a busca de uma mãe por seu filho no contexto em que os menores eram alvo de controle por parte das autoridades. Esses menores eram considerados marginais em potencial devido à sua situação de abandono, e era necessário buscar meios para lidar com essa questão. Além disso, quando Carolina foi informada por uma vizinha que seu filho João de seis anos tentou abusar de uma menina de dois anos ficou muito preocupada e cogitou internar seu filho no juizado de menores.

Deitei o José Carlos e saí com o João. Fui no Juizado para saber se havia possibilidade de interná-lo. Preciso retirá-lo da rua porque agora tudo que aparecer de mal vão dizer que foi ele. (...) No Juizado o Dr. que estava de plantão disse para eu voltar dia 10 que o dia 9 era feriado. Saí do Juizado e fui tomar o bonde por ser mais barato. No ponto do bonde o João plantou-se na porta da pastelaria e eu sentei para descansar um pouco. Quando cheguei na favela era meia noite. Eu estava nervosa. (JESUS, 1960, p. 83)

Nesse trecho, Carolina está procurando uma solução para lidar com o comportamento preocupante de seu filho João, que supostamente tentou abusar de uma menina mais nova. Carolina se vê diante da necessidade de tomar medidas drásticas para retirar João da rua e evitar que ele seja acusado de ações prejudiciais, mesmo que isso implique em interná-lo em um juizado de menores. No entanto após refletir sobre as crianças que saem dos juzizados de menores, Carolina reconsidera.

Os meninos perguntaram o meu nome e saíram sorrindo para mim. Penso: porque será que os meninos que fogem do Juizado vem difamando a organização? Percebi que no Juizado as crianças degrada a moral. Os Juizes não tem capacidade para formar o caráter das crianças. O que é que lhes falta? Interesse pelos infelizes ou verba do Estado? ...Em 1952 eu procurava ingressar na Vera Cruz e fui no Juizado falar com o Dr. Nascimento se havia possibilidade de internar os meus filhos. Ele disse-me que se os meus filhos fossem para o Abrigo que ia sair ladrões. Fiquei horrorizada ouvindo um Juiz dizer isto. ...Quando existia a saudosa Rua Itaboca, eu digo saudosa porque

vejo tantos homens lamentando a extinção da zona do meritício. Quando eu ia lá e via as mulheres mais nojentas e perguntava: —Onde vocês foram criadas? —No Abrigo de Menores. —Vocês sabem ler? —Não! Porque? Você é padre? Eu parava a interrogação. Elas não sabiam ler, nem cuidar de uma casa. A única coisa que elas conhecem minuciosamente e pode lecionar e dar diplomas é pornografia. Pobres órfãs do Juiz! (JESUS, 1960, p. 53)

Carolina expressa sua frustração e indignação com o Juizado de Menores. Ela percebe que as crianças que passam por lá acabam tendo sua moral degradada e acredita que os juízes não têm capacidade para moldar o caráter dessas crianças. Ela cita uma experiência anterior em que um juiz do Juizado afirmou que seus filhos se tornariam ladrões se fossem internados no Abrigo de Menores. Carolina também menciona a rua Itaboca, que era conhecida por ser uma área de prostituição e lamenta que muitas das mulheres que trabalhavam lá foram criadas no Abrigo de Menores e não possuíam habilidades básicas de leitura e cuidado doméstico. Ela critica o fato de que o único conhecimento que elas adquiriam e podiam ensinar era a pornografia. Carolina se refere a essas mulheres como "pobres órfãs do juiz", implicando que o sistema falhou em cuidar e educar adequadamente essas crianças.

Carolina Maria de Jesus lamenta a situação das crianças e utiliza as palavras de Casemiro de Abreu, mencionando que a vida agora é amarga para as crianças. “E eu pensei no Casemiro de Abreu, que disse: “Ri criança. A vida é bela”. Só se a vida era boa naquele tempo. Porque agora a época está apropriada para dizer: “Chora criança. A vida é amarga”.” (JESUS, 1960, p. 39). Carolina, enfatiza que essa situação não se limita apenas às crianças, mas também às mães, que têm o desafio de criar seus filhos em meio a condições adversas.

### **3.4 Realidade das mães negras solo: uma análise a partir da vivência de Carolina Maria de Jesus na favela**

A questão da mãe solo é um dos temas centrais abordados pela escritora Carolina Maria de Jesus, no seu livro “Quarto de despejo”. O termo "mãe solo" refere-se à mulher que é responsável pela criação e sustento dos filhos sozinha, sem a presença ou apoio do pai da criança. A expressão "mãe-solteira" tem sido historicamente utilizada para se referir às mulheres que criam os filhos sozinhas, sem a presença do pai ou de um parceiro conjugado. No entanto, essa expressão traz consigo uma carga pejorativa e relacionada ao estado civil da

mãe, sugerindo que ela é solteira e sua situação familiar é uma falha ou desvio da norma.

Em referência ao termo mãe-solteira, historicamente utilizado para identificar as mulheres que criam os filhos sozinhas, a expressão mãe solo tem se popularizado na sociedade atual como uma tentativa de desconstruir a definição pejorativa e relacionada ao estado civil. Por muito tempo, o termo foi tratado sob a visão do controle social nas sociedades patriarcais, na qual a maternidade se apresenta como elemento de subjugação da mulher em relação ao homem. Mudar a forma de se referir a essas mulheres visa, desta maneira, eliminar o preconceito com as genitoras que não têm qualquer relação com o pai de seus filhos, ou com mães que se separam, ou mães que optaram por serem mães sem necessariamente estar em uma relação conjugal. (CASSIANO; CORDEIRO; SILVA; 2019, p. 2)

Carolina Maria de Jesus teve três filhos: Vera Eunice, João José e Jose Carlos. O pai das crianças as abandonou, deixando Carolina como única responsável por criá-los. Ao longo do livro, ela relata as dificuldades enfrentadas na criação dos filhos, desde a falta de recursos financeiros até o constante preconceito e discriminação que ela e suas crianças sofriam.

A maternidade tem desempenhado um papel fundamental ao longo da história, sendo considerada uma função essencial na sociedade em várias culturas. No entanto, a forma como essa ideia evoluiu ao longo do tempo varia de acordo com os contextos culturais, sociais e históricos. A maternidade era vista como um dever e uma obrigação para as mulheres. A principal função da mulher era conceber, dar à luz e cuidar dos filhos, garantindo assim a sobrevivência e a continuidade da família e da comunidade. Nessa perspectiva, a identidade das mulheres era moldada principalmente pela maternidade e pelo papel de serem cuidadoras, no entanto, na perspectiva das mulheres negras, essa realidade se apresentava de forma diferente.

A constituição do que entendemos por família está fortemente relacionada à questão de classe e raça. A moral patriarcal, que prevaleceu por muito tempo e ainda tem influência em algumas sociedades, define a família como uma estrutura hierárquica e dominada pelo homem, em que ele é o chefe da família e as mulheres e crianças são subordinadas a ele. Porém, nas camadas populares, os modelos de organização social eram diferentes. Muitas vezes, as famílias eram compostas por diversas gerações vivendo juntas, com figuras femininas desempenhando papéis de liderança e responsabilidade. Além disso, as condições econômicas e sociais das camadas populares muitas vezes dificultavam a manutenção de uma

família com uma estrutura tradicional.

A escravização das mulheres negras no Brasil resultou em uma construção social que atribuiu a elas a responsabilidade de cuidar e criar os filhos, muitas vezes sem o apoio dos parceiros ou das estruturas sociais. As mulheres negras são frequentemente relegadas a trabalhos precários e mal remunerados, devido à sua responsabilidade de cuidar de seus filhos. Além disso, a limitação de recursos e oportunidades também afeta a educação e o desenvolvimento das crianças negras, perpetuando a desigualdade ao longo das gerações. Carolina Maria de Jesus expõe as dificuldades em conciliar a vida materna com a busca por melhores condições de vida. No primeiro parágrafo do seu livro mostra sua angústia por não ter dinheiro para comprar um sapato para sua filha: “ Aniversário de minha filha Vera Eunice. Eu pretendia comprar um par de sapatos para ela. Mas o custo dos generos alimentícios nos impede a realização dos nossos desejos. Atualmente somos escravos do custo de vida. Eu achei um par de sapatos no lixo, lavei e remendei para ela calçar.” (JESUS, 1960, p. 20)

De acordo com Angela Davis (2016) durante o período escravista<sup>32</sup>, tanto as mulheres negras quanto os homens negros enfrentavam desafios em relação à sua identidade e papel na sociedade. As mulheres negras não eram consideradas verdadeiramente "mulheres" no sentido tradicional, provavelmente porque seus papéis na família, no trabalho e na comunidade eram diferentes dos padrões convencionais da época. Elas não podiam ser vistas como "frágeis" ou "donas de casa" devido às duras condições de trabalho a que eram submetidas como escravas. É fundamental abordar a reflexão da escritora Sueli Carneiro sobre a questão do mito da fragilidade.

Quando falamos do mito da fragilidade feminina, que justificou historicamente a proteção paternalista dos homens sobre as mulheres, de que mulheres estamos falando? Nós, mulheres negras, fazemos parte de um contingente de mulheres, provavelmente majoritário, que nunca reconheceram em si mesmas esse mito, porque nunca fomos tratadas como frágeis. Fazemos parte de um contingente de mulheres que trabalharam durante séculos como escravas nas lavouras ou nas ruas, como vendedoras, quituteiras, prostitutas... Mulheres que não entenderam nada quando as feministas disseram que as mulheres deveriam ganhar as ruas e trabalhar! Fazemos parte de um contingente de mulheres com identidade de objeto. Ontem, a serviço de frágeis sinhazinhas e de senhores de engenho tarados. (Carneiro, 2019, p.1)

---

<sup>32</sup> O livro "Mulheres, Raça e Classe" de Angela Davis trata principalmente o período escravista dos Estados Unidos, no entanto a discussão contribuiu para uma reflexão da história das mulheres negras no Brasil.

Além disso, a supremacia masculina entre os homens negros não era encorajada ou permitida pelo sistema escravista. Isso ocorria porque, se os homens negros se tornassem os líderes das famílias escravas, isso poderia ameaçar a ordem hierárquica estabelecida pelos feitores e proprietários de escravos. Portanto, “os homens negros não podiam aspirar à função de “chefes de família”, muito menos à de “provedores da família”, afinal, homens, mulheres e crianças eram igualmente “provedores” para a classe proprietária de mão de obra escrava.” (DAVIS, 2016, p. 20). Essa dinâmica mostra como a estrutura social e as relações de poder no sistema escravista influenciaram a identidade e os papéis desempenhados pelas mulheres e homens negros. Ambos eram privados de terem uma vida familiar e uma função tradicional de provedores, devido às restrições e exploração impostas pelo sistema escravista.

No livro 'Crítica da colonialidade em oito ensaios: e uma antropologia por demanda', Rita Segato ressalta a visita que fez ao Brasil e como o assunto sobre a importância da babá negra na formação das crianças brasileiras a impactou. Segato (2021) questiona a ausência da presença das babás no contexto histórico brasileiro. Destaca que no livro "A História das Mulheres no Brasil", de Mary Del Priore que é considerado uma excelente antologia, a palavra "babá" não é mencionada em nenhum momento. Essa ausência é reveladora da invisibilidade histórica e da desvalorização do trabalho das babás negras no Brasil. A Segato argumenta que, ao não incluir a figura da babá em um livro que se propõe a contar a história das mulheres no país, a obra reproduz uma narrativa que apaga as contribuições e experiências das mulheres negras.

Essas mães-babás não são apenas provedoras de cuidado para as famílias que as contratam, mas também são mães que amam e se preocupam com seus próprios filhos. No entanto, a falta de oportunidades e recursos muitas vezes as obrigam a deixar seus próprios filhos para cuidar dos filhos de outras pessoas. Essa realidade reflete as desigualdades históricas e estruturais presentes na sociedade, onde a maternidade é atravessada por fatores sociais, econômicos e raciais. As mães-babás negras, em sua maioria, são provenientes de camadas mais pobres da população, que não tiveram acesso a oportunidades de estudo e trabalho digno.

Um aspecto importante a ser ressaltado é a representação da mulher negra como mãe na literatura brasileira. Na perspectiva da escritora Conceição de Evaristo (2005) essa ausência de representação da mulher negra como mãe e provedora de uma família negra contribui para perpetuar a ideia da inferioridade e exclusão dessas mulheres. O perfil de mãe e

cuidadora atribuído às mulheres brancas reforça uma hierarquia racial que coloca a mulher negra em uma posição subalterna. A figura da mãe-preta, que cuida dos filhos brancos em detrimento dos seus próprios, reforça estereótipos como a subserviência e a negação da própria maternidade. A representação das mulheres negras como infecundas e perigosas na ficção também contribui para a desvalorização e marginalização dessas mulheres na sociedade. É necessário questionar e desconstruir esses estereótipos, ampliando a representação e valorização da mulher negra na literatura e em todas as esferas sociais.

A maternidade solo é retratada como um desafio constante para Carolina Maria de Jesus, uma vez que ela precisa encontrar formas de sustentar seus filhos, muitas vezes recorrendo a trabalhos informais. A ausência de apoio paterno também é mencionada, pois a falta de ajuda financeira e emocional é uma realidade vivenciada pela escritora. “Refleti: preciso ser tolerante com os meus filhos. Eles não tem ninguém no mundo a não ser eu. Como é pungente a condição de mulher sozinha sem um homem no lar” (JESUS, 1960, p. 29).

Apesar das dificuldades, Carolina não desejava ter um relacionamento e perder sua autonomia, como é evidente no trecho do seu livro: “O senhor Manuel apareceu dizendo que quer casar-se comigo. Mas eu não quero porque já estou na maturidade. E depois, um homem não há de gostar de uma mulher que não pode passar sem ler.” (JESUS, 1960, p. 52). Em alguns casos, as mulheres também buscavam garantir sua independência ao recusar o casamento formal. Elas viam no matrimônio uma restrição à sua liberdade e preferiam permanecer solteiras para manter o controle sobre suas vidas e escolhas.

No livro “Quarto de despejo”, Carolina apresenta somente sobre o pai da Vera Eunice, sua filha mais nova. O primeiro comentário sobre o pai de Vera foi registrado no ano de 1955, “Eu não posso contar com o pai dela. Ele não conhece a Vera. E nem a Vera conhece ele.” (JESUS, 1960, p. 79). Até esse momento, Carolina relata que não tinha contato com o pai da Vera, porém após a sua primeira aparição no jornal, o pai apareceu. Nesse momento, Carolina buscou seus direitos “Fui no Juiz. Receber o dinheiro que o pai da Vera me dá por intermédio do Juizado. (...) Quando chegou a minha vez não encontrei o dinheiro. A Vera queria comprar um vestido. Eu disse-lhe que o seu pai não havia levado o dinheiro.” (JESUS, 1960, p. 153). Entretanto, pode-se notar que o pai não estava tão disposto a ajudar.

— Você me escreveu que a menina estava doente, eu vim visitá-la. Obrigado pelas cartas. Te agradeço porque você me protege e não revela o meu nome no teu diário. / Ele deu dinheiro aos filhos e eles foram comprar balas. Nós

ficamos sozinhos. Quando os meninos voltaram a Vera disse que quer ser pianista. Ele sorriu: / — Então você quer ser granfina. / Ele sorriu porque os filhos dele são músicos. A Vera pediu um rádio. Ele disse que dá um no Natal. Quando ele saiu eu fiquei nervosa. Depois cantei e fui comprar pão para os filhos. Eles comeram. E fomos deitar. Eu disse para o pai da Vera que ia sair no Cruzeiro. Ele deu 100 cruzeiros. O José Carlos achou pouco, porque ele estava com notas de 1.000. (JESUS, 1960, p. 157).

No trecho é possível perceber que o pai de Vera possui uma outra família e apesar de possuir recursos para ajudar sua filha que vive em condições precárias, ele se recusa a dar auxílio necessário. Carolina expõe que “O pai da Vera é rico, podia ajudar-me um pouco. Ele pede para eu não divulgar-lhe o nome no Diário, não divulgo. Podia reconhecer o meu silêncio. E se eu fosse uma destas pretas escandalosas e chegasse lá na oficina e fizesse um escândalo? —Dá dinheiro para a tua filha!” (JESUS, 1960, p. 163). O pai de Vera só apareceu após Carolina aparecer no jornal, talvez por temer ser citado no livro ou ter interesse no dinheiro que a escritora poderia receber com isso, tanto que Carolina comenta que: “Ele só aparece quando eu saio nos jornais. Vem saber quanto eu ganhei.” (JESUS, 1960, p. 174). Acredito que o pai de Vera possa ser uma figura proeminente, embora não haja informações disponíveis sobre sua identidade.

Carolina Maria de Jesus, expõe no seu livro que enfrenta muitas situações desfavorável na favela por ser mãe. Ao dar à luz sua filha Vera Eunice, Carolina se sentiu completamente desamparada, sem qualquer tipo de apoio ou acesso a políticas públicas que pudessem auxiliá-la. Como uma mãe negra, muitas vezes ela se sentia isolada e solitária, enfrentando não apenas os inúmeros desafios e responsabilidades da maternidade, mas também a presença do racismo estrutural e a desigualdade social em diversas áreas da vida cotidiana.

Quando nasceu a Vera eu fiquei sosinha aqui na favela. Não apareceu uma mulher para lavar minhas roupas, olhar os meus filhos. Os meus filhos dormiam sujos. Eu fiquei na cama pensando nos filhos, com medo deles ir brincar nas margens do rio. Depois do parto a mulher não tem forças para erguer um braço. Depois do parto eu fiquei numa posição incomoda. Até quando Deus deu-me forças para ajeitar-me. (JESUS, 1960, p.59)

No que diz respeito às políticas públicas e sociais, Fanon (2008) aponta que elas são construídas com base em uma visão exclusivamente branca, sem levar em consideração as especificidades e necessidades dos indivíduos negros, são colocados na posição de "não ser",

ou seja, não são considerados plenamente humanos de acordo com uma concepção universal destinada apenas aos brancos. Isso se reflete, por exemplo, na falta de investimentos em educação e saúde para essa população, na ausência de políticas de reparação histórica e na dificuldade de acesso a direitos básicos.

No seu livro, Carolina Maria de Jesus descreve sua rotina diária, que consiste em acordar cedo todas as manhãs e se dirigir à única torneira na favela para buscar água. Na época em que seu livro foi publicado em 1960, ela realizou essa tarefa sem ter conhecimento do quão famosa viria a se tornar. Em suas próprias palavras, ela conta: "Levantei as 5 horas e fui carregar água" (JESUS, 1960, p. 176). Depois de buscar água, Carolina preparava algo para suas crianças comerem, isso quando tinha algo pra comer. Enquanto as crianças iam para a escola, ela se dedicava ao trabalho de catar papéis. Muitas vezes, Carolina foi obrigada a deixar seus filhos desacompanhados em casa enquanto buscava meios de subsistência, o que a deixava extremamente apreensiva devido aos conflitos com os vizinhos que não apreciava a presença de suas crianças.

Aqui reside uma nortista que é costureira. Eu gostava muito dela. Lhe favorecia no que eu podia. Um dia o meu filho José Carlos estava brincando perto da casa dela e ela jogou-lhe água. No outro dia veio um caminhão jogar abacaxi podre aqui na favela e eu perguntei a ela porque havia jogado água no meu filho. —Eu joguei fria. Mas se ele me aborrecer outra vez eu quero jogar é água quente com soda para ele não encher mais e não aborrecer mais ninguém. (...) Eu estava escrevendo quando ouvi o meu visinho Antonio Nascimento repreendendo o meu filho José Carlos. Ele anda dizendo que vai bater no menino. Se fosse uma repreensão justa, mas a dele é impropriedade. Onde é que já se viu um homem de 48 anos desafiar uma criança de 9 anos para brigar? Mas o Antonio Nascimento nasceu com as idéias ao avesso. (JESUS, 1960 p. 76)

Muitas vezes Carolina tinha que levar seus filhos para a cidade para não deixar eles sozinhos na favela. "Fechei a porta e fui vender as latas. Levei os meninos. O dia está calido. E eu gosto que eles receba os raios solares. Que suplício! Carregar a Vera e levar o saco na cabeça" (JESUS, 1960 p. 25). Carolina enfrentava não apenas o desgaste físico de carregar seus filhos e o saco de latas na cabeça, mas também o desgaste emocional de precisar constantemente se preocupar com sua segurança e a segurança dos filhos na favela. Essa responsabilidade constante e a falta de opções melhores para assegurar a segurança da família contribuíam para aumentar o estresse e a exaustão de Carolina. A citação enfatiza a luta diária

que ela enfrentava para garantir um mínimo de segurança e bem-estar para seus filhos, mesmo que isso significasse suportar condições difíceis e cansativas.

O desgaste da mãe negra solo não apenas afeta sua saúde física e mental, mas também pode impactar o desenvolvimento e o bem-estar das crianças. As mães negras muitas vezes lutam para equilibrar trabalho, educação, finanças, cuidados infantis e necessidades emocionais, o que pode resultar em exaustão. Em vários momentos Carolina ressalta a questão do suicídio: “Fui comprar carne, pão e sabão. Parei na banca de jornaes. Li que uma senhora e três filho havia suicidado por encontrar dificuldade de viver” (JESUS, 1960 p. 76). Carolina não concorda com o suicídio, mas destaca que essa situação deve ser muito difícil para uma mãe “Pobre mulher! Quem sabe se de há muito ela vem pensando em eliminar-se, porque as mães tem muito dó dos filhos.” (JESUS, 1960 p. 76) Teve momentos que até a própria Carolina teve pensamentos suicidas por causas da sua situação precária.

A falta de comida é um tema recorrente no livro “Quarto de despejo”, pois Carolina está sempre preocupada em conseguir o suficiente para saciar a fome de seus filhos. Ela relata a angústia de ver seus filhos com fome e não ter nada a oferecer, além da sensação de impotência diante dessa situação. Em determinados momentos, Carolina chega a passar dias sem comer para garantir que seus filhos tenham ao menos uma refeição ao dia.

A fome é um fantasma constante em sua vida, fazendo com que ela se sinta constantemente atordoada e desesperada. Carolina Maria de Jesus, enfatiza “Como é horrível ver um filho comer e perguntar: “tem mais” fica oscilando dentro do cerebro de uma mãe que olha as panela e não tem mais.” (JESUS, 1960 p. 42) A possibilidade de faltar comida para seus filhos é um dos principais catalisadores do sofrimento de Carolina ao longo das páginas do livro. Essa luta diária pela sobrevivência é retratada com muito realismo, mostrando a dimensão do problema da fome no contexto das favelas brasileiras.

De acordo com a antropóloga Taiane Alves de Lima (2018) a maternidade possui duas facetas distintas quando se trata das mulheres brancas e negras. Para as mulheres brancas, a maternidade é supervalorizada, sendo vista como uma ação que promove a manutenção do poder da família tradicional. Por outro lado, as mulheres negras enfrentam uma perspectiva social de desvalorização da maternidade, especialmente após a abolição da escravatura. A partir desse momento histórico, os filhos das mulheres negras deixaram de ser considerados como mercadorias e passaram a ser vistos como indivíduos que dificultavam o desenvolvimento de um novo sistema econômico. Além disso, eles representavam a pobreza e

a miséria sistematizadas, o que contribuiu para a desvalorização da maternidade negra.

Sueli Carneiro (2001) denuncia que existem instrumentos de extermínio da população negra, que são uma consequência direta dessa desvalorização da maternidade negra. Essa denúncia aponta para a existência de um racismo estrutural que perpetua a marginalização e a violência contra a população negra.

[...] como a violência policial, o extermínio de crianças, a ausência de políticas sociais que assegurem o exercício dos direitos básicos de cidadania têm sido objetos prioritários da ação política dos movimentos negros, os problemas colocados hoje pelos temas de saúde de população nos situam num quadro talvez ainda mais alarmante em relação aos processos de genocídio do povo negro no Brasil (CARNEIRO, 2001, p. 03).

Dessa forma, a maternidade negra é marcada por uma reivindicação histórica, pois durante muito tempo as mulheres negras tiveram suas maternidades negadas, violadas e até mesmo banalizadas. A escravidão no Brasil, por exemplo, forçou as mulheres negras a serem mães de criação, tendo seus filhos tirados à força de seus braços para serem vendidos. Ao reconhecer a interseccionalidade das opressões na maternidade, podemos compreender como a discriminação de gênero, raça e classe social se entrelaçam e afetam a experiência materna das mulheres negras. Por exemplo, mulheres negras estão mais propensas a enfrentar altos índices de violência obstétrica, falta de acesso adequado à saúde materno-infantil e negação de seus direitos reprodutivos. Além disso, muitas mulheres negras são obrigadas a conciliar a maternidade com trabalhos precários e mal remunerados, o que impacta diretamente sua capacidade de prover cuidados adequados para seus filhos. De acordo com Evaristo:

É preciso observar que a família representou para a mulher negra uma das maiores formas de resistência e de sobrevivência. Como heroínas do cotidiano desenvolvem suas batalhas longe de qualquer clamor de glórias. Mães reais e/ou simbólicas, como as das Casas de Axé, foram e são elas, muitas vezes sozinhas, as grandes responsáveis não só pela subsistência do grupo, assim como pela manutenção da memória cultural no interior do mesmo. (EVARISTO, 2005, p.3).

A experiência da maternidade para mulheres negras que vivem em favelas apresenta vários desafios. Essas mulheres encontram-se sobrecarregadas com uma dupla jornada de trabalho, dividindo seu tempo entre os afazeres domésticos e os trabalhos informais. Além disso, muitas vezes os trabalhos informais em que estão envolvidas possuem uma carga

horária extensa e condições precárias. Com a realidade das favelas, as dificuldades são intensificadas. Ser mãe pobre representa não apenas a falta de recursos financeiros para suprir as necessidades básicas dos filhos, mas também a dificuldade em garantir direitos específicos relacionados à maternidade. Além disso, as mães pobres que vivem nas favelas enfrentam perigos adicionais, com a violência policial sistemática que é uma realidade nas comunidades carentes, e muitas vezes os filhos dessas mulheres são alvos desse tipo de perseguição. Isso gera um constante medo e preocupação, além de aumentar ainda mais a carga emocional e as dificuldades enfrentadas por essas mães.

No livro “Quarto de despejo”, Carolina Maria de Jesus expressa sua indignação e revolta frente à dura realidade em que vive. Utilizando a escrita como uma forma de resistência e denúncia, ela busca chamar a atenção para as dificuldades enfrentadas pelas pessoas que vivem nas favelas e dando voz aos excluídos e invisibilizados. A visão política de Carolina Maria de Jesus é marcada por uma crítica contundente às injustiças sociais e à falta de representatividade da população mais pobre e marginalizada. Seu livro pode ser considerado uma importante contribuição para a reflexão sobre as desigualdades sociais e a necessidade de mudanças estruturais no Brasil e a situação das mulheres negras e mães. Pelas palavras da escritora “O Brasil precisa ser dirigido por uma pessoa que já passou fome. A fome também é professora. Quem passa fome aprende a pensar no próximo, e nas crianças.” (JESUS, 1960, p 35)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos argumentos apresentados ao longo deste trabalho, é possível observar que a trajetória de Carolina Maria de Jesus é fundamental para compreender a sua construção intelectual e como ela rompe com essas barreiras estruturais e reivindicando seu espaço literário em meio as desigualdades raciais e sociais no Brasil. Nascida em um contexto de extrema pobreza em Sacramento, Minas Gerais, ela enfrentou desde cedo as dificuldades impostas pelo sistema de exclusão e discriminação racial. Ao se mudar para a cidade de São Paulo, Carolina foi morar na favela do Canindé, onde registrou em seus diários a dura realidade vivida pelas pessoas marginalizadas.

A literatura brasileira historicamente tem sido compreendida por uma perspectiva eurocêntrica, que muitas vezes ignora ou marginaliza a experiência das mulheres negras. A dificuldade enfrentada pela escritora Carolina Maria de Jesus na literatura brasileira surge pela falta de representatividade, invisibilidade e estereotipização de sua voz e vivência. Visto que a mulher negra, ao longo dos anos, tem sido deixada de lado ou reduzida a personagens estereotipadas, como a empregada doméstica, a mulata sensual ou a figura exótica. Esses estereótipos reforçam preconceitos raciais e restringem a perspectiva negra, dificultando a construção de uma imagem mais complexa e empoderada da mulher negra na literatura.

No primeiro momento, este trabalho abordou as análises realizadas sobre as contribuições e a trajetória de Carolina Maria de Jesus. No segundo capítulo, exploro a evolução da construção intelectual de Carolina. A importância da trajetória de vida de Carolina para sua construção intelectual se expressa em sua capacidade de transformar sua própria experiência em uma obra literária de grande relevância social. Ela se tornou uma porta-voz para os excluídos e marginalizados da sociedade brasileira, conseguindo dar voz a uma realidade muitas vezes invisibilizada. Além disso, os escritos de Carolina também foram fundamentais para ampliar a consciência sobre a condição das mulheres negras no Brasil. Ela se tornou uma das primeiras escritoras negras do país a alcançar reconhecimento e visibilidade, enfrentando o racismo e os estereótipos sociais impostos a mulheres negras na época.

O ponto de interseção entre os dois primeiros capítulos da pesquisa é a busca de Carolina Maria de Jesus pelo reconhecimento e afirmação como autora. Suas experiências e dificuldades ao tentar exercer o ofício de escritora, assim como as expectativas e preconceitos

da sociedade em relação a ela, revelam a complexidade de sua trajetória e a luta constante para se afirmar como uma voz literária.

A literatura de Carolina Maria de Jesus possui uma grande importância tanto do ponto de vista literário como social. O seu livro mais conhecido, "Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada", publicada em 1960, contou suas experiências como catadora de papel nas favelas de São Paulo e as relações interpessoais entre as pessoas. Carolina Maria de Jesus foi uma das primeiras escritoras negras a ter seu trabalho reconhecido e publicado no Brasil. Seu livro trouxe à tona a realidade da pobreza, marginalização e desigualdade social vivida nas favelas, revelando um lado da sociedade brasileira muitas vezes ignorado ou invisibilizado.

O terceiro capítulo destaca o livro "Quarto de Despejo: Diário de uma favelada" como um elemento central. O livro retrata de maneira intensa e realista as adversidades enfrentadas no dia a dia e as condições extremamente precárias de vida em um ambiente marginalizado e segregado da sociedade brasileira. Além disso, as relações interpessoais desempenham um papel fundamental na obra, uma vez que Carolina Maria de Jesus retrata a convivência e interação entre os moradores da favela. A autora descreve suas relações com seus vizinhos, seja compartilhando momentos de alegria e solidariedade, seja lidando com conflitos e disputas.

Carolina Maria de Jesus, descreve como a favela é habitada por pessoas de diferentes origens e classes sociais, e como essas diferenças muitas vezes geram tensões e desentendimentos. Dentro desse ambiente de escassez e desigualdade social, os conflitos entre os residentes são comuns. Carolina relata brigas e discussões, geralmente relacionadas à falta de recursos básicos, como comida, água ou espaço. Além disso, ela mostra como o ambiente hostil e insalubre da favela pode intensificar ainda mais os conflitos, alimentando uma atmosfera de violência e desespero.

Outro ponto destacado no terceiro capítulo é a situação da mãe negra pobre, Carolina descreve em seu diário a batalha diária de uma mãe negra em busca de melhores condições de vida para seus filhos. Ela mostra que a falta de acesso a serviços básicos como saúde, educação e moradia adequada, dificultam ainda mais a vida dessas mulheres. Carolina expõe situações em que ela e outras mulheres são humilhadas e tratadas com desrespeito por sua cor de pele. Essas experiências negativas reforçam o estigma social que recai sobre as mulheres negras, tornando ainda mais difícil sua sobrevivência em uma sociedade desigual. No entanto, apesar de todas as adversidades enfrentadas, a mãe negra retratada por Carolina é uma figura

de força e resiliência. Ela se mantém firme e continua lutando para garantir um futuro melhor para seus filhos.

A questão racial no Brasil é um problema estrutural que afeta todos os aspectos da vida das pessoas negras, e quando se trata do exercício da maternidade, essa realidade se torna ainda mais evidente. Um dos principais obstáculos enfrentados pelas mães negras é o racismo institucionalizado presente em diversos setores da sociedade. Desde as consultas pré-natais, onde muitas vezes são menosprezadas e negligenciadas pelos profissionais de saúde, até a falta de acesso a hospitais e serviços adequados de saúde, as mulheres negras são constantemente desvalorizadas em relação ao cuidado com sua saúde e de seus filhos.

Após o sucesso inicial de seu livro “Quarto de Despejo”, Carolina Maria de Jesus foi silenciada e marginalizada pelo meio literário e intelectual. Isso ocorreu principalmente devido ao machismo, o racismo e a desigualdade social presentes na sociedade brasileira da época. Carolina era uma mulher negra, pobre e moradora da favela, o que desafiava os padrões estabelecidos pela elite intelectual. Sua escrita, considerada "simples" fugia dos padrões literários da época e não era bem recebida pela crítica acadêmica.

Carolina Maria de Jesus, também era conhecida por ter uma personalidade forte e não se “encaixava” nos estereótipos de mulher negra resignada e submissa. Isso incomodava muitas pessoas, pois a escritora questionava abertamente as desigualdades sociais e o racismo presentes na sociedade. Dessa forma, Carolina Maria de Jesus foi silenciada pela academia e pelos meios de comunicação, que pouco deram atenção a suas obras subsequentes e a sua luta por melhores condições de vida para os moradores das favelas.

Apesar disso, seu legado e importância como escritora e ativista social têm sido resgatados e valorizados nas últimas décadas. Carolina Maria de Jesus é reconhecida como uma das pioneiras na literatura brasileira que retrata a realidade da população marginalizada, e sua obra continua a ser lida e estudada até os dias de hoje. O silenciamento de Carolina Maria de Jesus durante grande parte da sua vida é um exemplo do preconceito e da exclusão que muitos escritores e artistas enfrentam quando questionam as estruturas opressivas da sociedade e quando não se encaixam nas expectativas e padrões estabelecidos.

No entanto, Carolina mostra que a literatura pode ser uma ferramenta poderosa para a inclusão social e a transformação social. Ela mostra que as vozes daqueles que são subalternizados e silenciados devem ser ouvidas e valorizadas. Ao contar sua própria história e compartilhar suas experiências, Carolina reivindica seu lugar na sociedade e rompe com a

ideia eurocêntrica. Sua escrita vai além de qualquer padrão estabelecido e mostra que a literatura não deve ser limitada por normas gramaticais, mas sim por sua capacidade de transmitir experiências e perspectivas diferentes. Carolina prova que a escrita pode transcender as barreiras impostas pela sociedade e pelo sistema literário, abrindo caminho para uma literatura mais inclusiva e diversificada.

Em um mundo onde a desigualdade e a opressão ainda são predominantes, a escrita de Carolina Maria de Jesus levanta questões importantes sobre a importância da representação e da amplificação das vozes marginalizadas na literatura. Sua história de sucesso inspira outros escritores e escritoras a não desistirem, mesmo quando enfrentam obstáculos e preconceitos. Carolina é um exemplo de que a escrita pode ser uma ferramenta poderosa para a resistência e a luta por justiça social. Também os escritos de Carolina Maria de Jesus trazem uma grande contribuição para o campo historiográfico. Os livros da escritora oferecem uma visão íntima e autêntica de uma realidade social invisibilizada pela historiografia tradicional. As experiências de vida de Carolina, suas observações sobre a vida na favela e suas reflexões sobre a desigualdade social e racial fornecem um valioso material histórico que permite aos pesquisadores a compreenderem melhor as condições de vida das camadas mais marginalizadas da sociedade.

## FONTE E BIBLIOGRAFIA

### Fonte

ARRUDA, Aline Alves. **Carolina Maria de Jesus**: projeto literário e edição crítica de um romance inédito. (Doutorado em Letras: estudos literários). Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG, 2015.

DANTAS, Audálio. **Retrato da favela no diário de Carolina**. O Cruzeiro, Rio de Janeiro, n. 36, p.92-98, 20 jun. 1959.

FARIAS, Tom. **Carolina**: uma biografia. Rio de Janeiro: Malê, 2018.

FERNANDEZ, Raffaella Andréa. **Percursos de uma poética de resíduos na obra de Carolina Maria de Jesus**. Itinerários: Revista de Literatura, 2008.

FERNANDEZ, Raffaella. **Entrevista Audálio Dantas**. SCRIPTA, Belo Horizonte, v. 18, n. 35, p. 305-314, 2º sem. 2014.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras. 2020

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. São Paulo: Francisco Alves, 1960.

JESUS, Carolina Maria de. **Casa de ladrillos**. Buenos Aires: Editorial Abraxas, 1963.

JESUS, Carolina Maria de. **Diário de Bitita**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. JESUS, Carolina Maria de. **Meu estranho diário**. Organização de José Carlos Sebe Bom Meihy e Robert Levine. São Paulo: Xamã, 1996.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; LEVINE, Robert M. **Cinderela Negra**: A Saga de Carolina Maria de Jesus. Rio de Janeiro, Editora da UFRJ, 1994.

### Bibliografia

AURELI, Willy. **Carolina Maria**, poetiza preta. Folha da Manhã, São Paulo, v. 25, 1940.

ALBUQUERQUE, Alexandre Black de. Desenvolvimentismo nos governos Vargas e JK. In: XI Congresso Brasileiro de História Econômica, 1-28, 2015, Vitória/ES: Departamento de Economia Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas Universidade Federal do Espírito Santo, 2015.'

AKOTIRENE, Carla Santos. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Polén. 2019.

ALVAREZ, Marcos César; LOURENÇO, Luiz Claudio; SANTOS, Mariana Chies Santiago. **Jovens internados em São Paulo (1934-1950)**: notas para uma análise genealógica das instituições disciplinares e de controle social. Revista Brasileira de História & Ciências

Sociais –RBHCSVol. 13Nº 25, Edição Especial de 2021. Disponível em:  
<https://periodicos.furg.br/rbhcs/article/view/11964/8615> Acesso em: 17 abril de 2024.

ARRUDA, Aline Alves; BARROCA, Iara Christina Silva; TOLENTINO, Luana; MARRECO, Maria Inês (orgs.). **Memorialismo e resistência**: Estudos sobre Carolina Maria de Jesus. Jundiaí: Paco Editorial, 2016.

BERGAMINI, Atilio. **Dar forma ao impúblicável**: Carolina Maria de Jesus e sua arte. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, 2020.

BORGES, Viviane; SALLA Fernando. **Os cuidados com a infância desviante**: sobre higiene mental e gênero nos prontuários do serviço social de assistência e proteção aos menores de São Paulo (1930-1940). Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2017. Disponível em:  
[http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499432185\\_ARQUIVO\\_FazendoGeneroVivianeeSallaversaoenviada.pdf](http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499432185_ARQUIVO_FazendoGeneroVivianeeSallaversaoenviada.pdf) Acesso em: 05 de jun. 2024.

BRITES, Olga. **Imagens da infância** - São Paulo e Rio de Janeiro, 1930/1950. Projeto História : Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, [S. l.], v. 19, 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/10879>. Acesso em: 17 jun. 2024.

BURKE, Peter. **O que é História Cultural**. 2º ed. Rio de Janeiro: ZAHAR, 2008.  
CARNEIRO, Sueli. Escritos de uma vida. São Paulo: Editora Jandaíra, 2020.

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. Estudos Avançados 17(49), 2019. Disponível:  
<http://www.scielo.br/pdf/ea/v17n49/18400.pdf> . Acesso em: 30 de maio.2024.

CASSIANO, Kátia Kelvis; CORDEIRO, Douglas Farias; SILVA, Caroline Guimarães. **Mãe solo, feminismo e Instagram: análise descritiva utilizando mineração de dados**. In: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste/Goiânia, 2019.

CHARTIER, Roger. A História Cultural: entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.

CRENSHAW, Kimberlé W. **Demarginalizing the intersection of race and sex**; a black feminist critique of discrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics. University of Chicago Legal Forum, 1989.

COSTA, Renata Jesus. **Subjetividades femininas**: mulheres negras sob o olhar de Carolina Maria de Jesus, Maria Conceição Evaristo e Paulina Chiziane (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-graduação em História Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/handle/handle/13066> Acesso em: 08 jul. 2023.

DALCASTAGNÈ, Regina. **Para não ser trapo no mundo**: as mulheres negras e a cidade na narrativa brasileira contemporânea. Estudos de literatura brasileira contemporânea, p. 289-

302, 2014.

DE FREITAS VIEIRA, Julia; JOHANSON, Izilda Cristina. **A interseccionalidade a partir de 'Quarto de Despejo', De Carolina Maria de Jesus**. Revista PHILIA| Filosofia, Literatura & Arte, v. 2, n. 2, p. 244-268, 2020.

EVARISTO, Conceição. **Da representação à auto-apresentação da Mulher Negra na Literatura Brasileira**. Revista Palmares, v. 1, n. 1, p. 52-57, 2005. Disponível em: <https://www.palmares.gov.br/sites/000/2/download/52%20a%2057.pdf> Acesso em 10 jun. 2024.

EVARISTO, Conceição. **'minha escrita é contaminada pela condição de mulher negra'**. Entrevista de Juliana Domingos de Lima. Revista Nexo, São Paulo, 26 maio 2017. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/entrevista/2017/05/26/Concei%C3%A7%C3%A3o-Evaristo-%E2%80%98minha-escrita-%C3%A9-contaminada-pela-condi%C3%A7%C3%A3o-de-mulher-negra%E2%80%99>>. Acesso em: 15 abril. 2024.

FANON. *Pele Negras, mascaradas brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.

FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

FERNANDEZ, Raffaella. Andréa. **Processo criativo nos manuscritos do espólio literário de Carolina Maria de Jesus**. (Tese Doutorado em Teoria Crítica Literária). Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, 2015.

HANSEN, Marise. **Pão, fama e outras fomes: uma leitura de Carolina Maria de Jesus e Clarice Lispector**. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, p. 19-36, 2020.

HOOKS, Bell. **Intelectuais negras**. Estudos feministas, v. 3, n. 2, Florianópolis, UFSC, 1995.

HOOKS, bell. **Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra**. Trad. Cátia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LARA, Fernão L. G. **Modernização e desenvolvimentismo: formação das primeiras favelas de São Paulo e a favela do Vergueiro**. 2012. 373 p.. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

LEAL, Marcelle Ferreira. **Deslocamentos: Carolina Maria de Jesus em viagem pela América Latina**. Revista Brasileira de Literatura Comparada, v. 24, p. 17-30, 2022.

LEVINE, Robert M. **The Cautionary Tale Of Carolina Maria De Jesus**. Latin American Research Review. Volume 29, Number 1, 1962

LOVELL, Peggy. **Raça e gênero no Brasil**. Lua Nova, n. 35, p. 39-71, 1995.

MARINS, Paulo César Garcez. **Habitação e vizinhança**: limites da privacidade no surgimento das metrópoles brasileiras. In: SEVCENKO, Nicolau (Org.) História da Vida Privada no Brasil: República - da Belle Époque à Era do Rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. v. 3. 724 p.

MATOS, Maria Izilda Santos de. **Na Trama Urbana**: Do público, do privado e do íntimo. Projeto História, v.13, p. 129-149, jun. 1996

MEIHY, José Carlos Bom Sebe. **Repensando Carolina Maria de Jesus**. in: Revista Diversitas, USP, n. 3, p. 520-529, 2015.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Carolina Maria de Jesus**: Emblema do Silêncio. Revista USP. São Paulo, v. 37, p. 82-91, 1998.

MEDINA, Carlos A. **A favela e o demagogo**. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1964.

MOEDAS DO BRASIL. **Catálogo das Moedas Brasileiras**. Disponível em: <  
<http://www.moedasdobrasil.com.br/moedas/series.asp?a=0&v=0&t=0&s=13&m=>> Acesso em 21 de abril de 2024.

NASCIMENTO, Flávia Brito do. **Lar e família**: o discurso assistencialista sobre habitação popular nos anos 40 e 50. Risco Revista de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo (Online), São Carlos, Brasil, n. 3, p. 43–55, 2006. DOI: [10.11606/issn.1984-4506.v0i3p43-55](https://doi.org/10.11606/issn.1984-4506.v0i3p43-55). Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/risco/article/view/44656>.. Acesso em: 12 jun. 2024.

NASCIMENTO, Érica Peçanha do. **“Literatura marginal”**: os escritores da periferia entram em cena. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2006.

NASCIMENTO, Beatriz. **Uma história feita por mãos negras**: relações raciais, quilombos e movimentos. Organização de Alex Ratts. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

NOAL, Sara Munique. **História e Literatura**: considerações de ordem teórico-metodológicas acerca das obras de Carolina Maria de Jesus. Contraponto, v. 9, n. 2, p. 319-331, 2020.

OLIVEIRA, Nilo Dias de Antíteses. **O governo de Juscelino Kubitschek e o mito da democracia representativa**: a vigilância do Serviço Secreto do DOPS-SP nas agremiações democráticas 1956-1960. Revista Antíteses, v. 4, n. 7, p. 267-289. 2011.

PENTEADO, Gilmar José. **Estética da vida no limite**: autenticidade, ponto de vista interno, testemunho e valor literário em Quarto de despejo (Diário de uma favelada). Tese (Porto Alegre), Universidade Federal do Rio Grande do Sul. p. 356.

2018 Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/188221> . Acesso em: 24 nov. 2022.

PERPÉTUA, Elzira Divina. **Produção e recepção de Quarto de Despejo, de Carolina Maria de Jesus**: relações publicitárias, contextuais e editoriais. Em Tese (Belo Horizonte), Belo Horizonte, v. 5, p. 33-42, 2002.

PERPÉTUA, Elzira Divina. **A proposta estética em Quarto de despejo de Carolina de Jesus**. Scripta, Belo Horizonte, v. 18, n. 35, p. 255-266, 2.º sem. 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufop.br/handle/123456789/7535>. Acesso em: 17 Jan. 2023.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004

PERPÉTUA, Elzira Divina. **Aquém do Quarto de Despejo**: a palavra de Carolina nos manuscritos de seu diário. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, Brasília, v. 22, p. 63-83, 2003.

PINTO, Camila dos Santos. **A pobreza no período JK**: um olhar a partir do Quarto de Despejo. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal do Pampa, Ciências Econômicas, 2023.

PRINCE, Ana Enedi. **Serviço Sanitário de São Paulo**: ciência e educação no combate à tuberculose (1898-1949). Revista Nós: Cultura, Estética e Linguagens ♦ Volume 07 - Número 01 – 1º Semestre - 2022 ♦ ISSN 2448-1793. Disponível em: <file:///C:/Users/Bianca/Downloads/101einstein,+SERVI%C3%87O+SANIT%C3%81RIO.pdf> Acesso em: 12 jun de 2024

RAMOS, Marina C. **Cruzeiro**: a renovação monetária no Brasil e o Governo Vargas. Oficina do Historiador, Porto Alegre, EDIPUCRS, v. 10, n. 2, jul./dez., 2017.

Ribeiro, Darcy. **O povo brasileiro**: a formação e o sentido do Brasil. 2.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

ROLNIK, Raquel. **Territórios Negros nas Cidades Brasileiras (etnicidade e cidade em São Paulo e Rio de Janeiro)**. Revista de Estudos Afro-Asiáticos 17 – CEEA, Universidade Cândido Mendes, 1989.

SANTOS, Joel Rufino. **O que é racismo?** São Paulo: Ed. Brasiliense, 2005.

SCHMIDT, Afonso. **O Gigante Invisível**. São Paulo: Seção de Prop. e Ed. Sanitária do Dpt. de Saúde do Est. de SP (São Paulo, 1953), 1944

SILVA, Márcio Douglas de Carvalho. **OS PAUS DE ARARA**: a migração de nordestinos na década de 1950, sob o olhar das fotorreportagens da revista O Cruzeiro. CLIO: Revista de Pesquisa Histórica - CLIO (Recife. Online), ISSN: 2525-5649, vol. 40, Jul-Dez, 2022. . Disponível em: <http://dx.doi.org/10.22264/clio.issn2525-5649.2022.40.2.9> Acesso em: 11 de jun 2024.

SILVA, Rafael Guimarães Tavares da. **Des(pe)jo das palavras**: relendo os primeiros diários de Carolina Maria de Jesus. Revista Estudos Feministas, v. 27, 2019

SILVA, José Carlos Gomes da. **Carolina Maria de Jesus e os discursos da negritude:** literatura afro-brasileira, jornais negros e vozes marginalizadas. *História & Perspectivas*, v. 39, p. 59-88, 2008.

SOUZA, Alessandra Araújo de. **Do quarto de despejo a sala de visita:** experiência e narrativa nos diários de Carolina Maria de Jesus (1955-1961). João Pessoa, 2016

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu.** Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

## **ANEXO**

### **PUBLICAÇÕES DE CAROLINA MARIA DE JESUS**

#### **Obra Individual**

- Quarto de despejo: diário de uma favelada. Organização e apresentação de Audálio Dantas. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1960. (Memórias).
- Casa de alvenaria: diário de uma ex-favelada. São Paulo: Livraria Francisco Alves: Editora Paulo de Azevedo Ltda., 1961. (Memórias).
- Pedços da fome. Prefácio de Eduardo de Oliveira. São Paulo: Áquila, 1963. (Memórias).
- Provérbios. São Paulo: [s. n.], 1963.

#### **Publicações Póstumas**

- Diário de Bitita. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. (Memórias).
- Meu estranho diário. Organização de José Carlos Sebe Bom Meihy e Robert Levine. São Paulo: Xamã, 1996. (Memórias).
- Antologia pessoal. Organização de José Carlos Sebe Bom Meihy. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996. (Poesia).
- Onde estaes felicidade? Organização de Dinha e Raffaella Fernandez. São Paulo: Me Parió Revolução, 2014. (Conto, memória e estudos críticos).
- Meu sonho é escrever... contos inéditos e outros escritos. Organização de Rafaella Fernandez. São Paulo: Ciclo Contínuo, 2018.
- Casa de Alvenaria. Volume 1: Osasco. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

- Casa de Alvenaria. Volume 2: Santana. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

### **Outros**

- As crianças da favela. Revista do Magistério. São Paulo, n. 24: 8, p. 18-19, dez. 1960.
- Onde estais felicidade? In: Jornal Movimento, 21 fev. 1977. (Conto).
- Diário de viagem: Argentina, Uruguai, Chile. Apêndice a JESUS, Carolina Maria de. Casa de ladrillos. Buenos Aires: Editorial Abraxas, 1963, p. 128-191.
- Minha vida. In: MEIHY, José Carlos S. B; LEVINE, Robert M. Cinderela negra: a saga de Carolina Maria de Jesus. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994, p. 172-189.
- O Sócrates africano. In: MEIHY, José Carlos S. B; LEVINE, Robert M. Cinderela negra: a saga de Carolina Maria de Jesus. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994, p.190-196.

### **Traduções**

- Child of the dark: the diary of Carolina Maria de Jesus. Tradução de David St. Clair. New York: E. P. Dutton, 1962.
- Casa de ladrillos. Buenos Aires: Editorial Abraxas, 1963.
- Journal de Bitita. Tradução de Régine Valbert. Paris: A. M. Métailié, 1982.
- The unedited diaries of Carolina Maria de Jesus. Edição de José Carlos Sebe Bom Meihy; tradução de Nancy P. Naro; Cristine Mehrrens. New York: Barnes & Noble, 1999.

### **Antologia**

- Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica. Organização de Eduardo de Assis Duarte. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011, vol. 1, Precursores.

### **Textos**

- Carolina Maria de Jesus - Sonhei (poema de Antologia pessoal)
- Carolina Maria de Jesus - Retorno à cidade (excerto de Diário de Bitita)
- Carolina Maria de Jesus - O Sócrates africano
- Carolina Maria de Jesus - 22 de maio (excerto de Quarto de despejo)

- Carolina Maria de Jesus - 13 de maio (excertos de Quarto de despejo)
- Carolina Maria de Jesus - 1 de novembro de 1958 (excerto de Meu estranho diário)<sup>33</sup>

---

<sup>33</sup> <http://www.lettras.ufmg.br/literafro/autoras/58-carolina-maria-de-jesus>